

# Formação de Excelência

Experiências em Supervisão e Redes de Pesquisa no Pós-Doutoramento  
**Volume I - Formação de Excelência**

*Gilson Pôrto Jr.  
Vilso Junior Santi*  
**Organizadores**



Gilson Pôrto Jr.  
Vilso Junior Santi  
(Orgs.)

**FORMAÇÃO DE EXCELÊNCIA:  
experiências em supervisão e redes  
de pesquisa no pós-doutoramento**

VOLUME I – FORMAÇÃO DE EXCELÊNCIA

EdUFT  
2021

**Diagramação/Projeto Gráfico:** Gilson Pôrto Jr.

**Arte de capa:** Fábio Ferreira.

**Revisão textual e de tradução:** Vilso Junior Santi e Gilson Porto Jr.

**Imagens do site:** "[www.freepik.com](http://www.freepik.com)"

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pelo Selo OPAJE/EdUFT estão sob os direitos da Creative Commons 4.0

[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



<http://www.abecbrasil.org.br>



<https://www.abeu.org.br/>

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

PORTO JÚNIOR, Francisco Gilson Rebouças; SANTI, Vilso Junior (Orgs.)

FORMAÇÃO DE EXCELÊNCIA: experiências em supervisão e redes de pesquisa no pós-doutoramento – Vol. 1: Formação de Excelência [recurso eletrônico] / Francisco Gilson Rebouças Porto Júnior; Vilso Junior Santi (Orgs.) – Palmas, TO: Editora EdUFT, 2021.

193 p.

ISBN – 978-65-89119-97-5

1. Pós-doutorado. 2. Formação. 3. Pós-graduação. 4. Políticas Públicas. I. Título. II. Série.

CDD-370

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação 370

O livro é resultado do Projeto intitulado "Formação de excelência: experiências em supervisão e redes de pesquisa no doutoramento e no pós-doutoramento" institucionalizado na UFT sob número GPU Propesq UFT n° 3471. Contou com o apoio da *International Researchers Network for Bologna* (Rede Internacional de Pesquisadores sobre Bolonha) (REBOL).

## UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

<b>REITOR</b> Prof. Dr. Luís Eduardo Bovolato	<b>Pró-Reitor de Graduação</b> Prof. Dr. Eduardo José Cezari
<b>VICE-REITOR</b> Prof. Dr. Marcelo Leinerker Costa	<b>Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação</b> Prof. Dr. Raphael Sanzio Pimenta
	<b>Pró-Reitor de Extensão e Cultura</b> Profa. Dra. Maria Santana Ferreira dos Santos
	<b>Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE-UFT)</b> Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior Dr. João Nunes da Silva Dr. José Lauro Martins Dr. Nelson Russo de Moraes Dr. Rodrigo Barbosa e Silva Dra. Suzana Gigliolli Nunes

## EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CONSELHO EDITORIAL

<b>PRESIDENTE</b> Prof. Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior	<b>Membros por área:</b> Liliam Deisy Ghizoni Eder Ahmad Charaf Eddine <b>(Ciências Biológicas e da Saúde)</b>  João Nunes da Silva Ana Roseli Paes dos Santos Lidiane Salvatierra Wilson Rogério dos Santos <b>(Interdisciplinar)</b>  Alexandre Tadeu Rossini da Silva Maxwell Diógenes Bandeira de Melo <b>(Engenharias, Ciências Exatas e da Terra)</b>  Francisco Gilson Rebouças Porto Junior Thays Assunção Reis Vinicius Pinheiro Marques <b>(Ciências Sociais Aplicadas)</b>  Marcos Alexandre de Melo Santiago Tiago Groh de Mello Cesar William Douglas Guilhaume Gustavo Cunha Araújo <b>(Ciências Humanas, Letras e Artes)</b>
--	---

SELO EDITORIAL OPAJE/EdUFT  
CONSELHO EDITORIAL

**PRESIDENTE**  
Prof. Dr. José Lauro Martins

**Membros:**

**Prof. Dr. Luis Carlos Martins de Almeida Mota**  
Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal

**Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes**  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"  
(UNESP), Brasil

**Prof. Dr. Rodrigo Barbosa e Silva**  
Universidade do Tocantins (UNITINS), Brasil

**Prof. Dr. Rogério Christofoleti**  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

**Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista**  
Universidade de Caxias do Sul; Universidade Federal do  
Amazonas, Brasil

**Profa Dra. Thais de mendonça Jorge**  
Universidade de Brasília (UnB), Brasil

**Prof. Dr. Fagno da Silva Soares**  
Clio & MNEMÓSINE Centro de Estudos e Pesquisa em  
História Oral e Memória – Instituto Federal do Maranhão  
(IFMA), Brasil

**Prof. Dr. Luiz Francisco Munaro**  
Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil

**Prof. Dr. José Manuel Pelóez**  
Universidade do Minho, Portugal

**Prof. Dr. Geraldo da Silva Gomes**  
Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional do  
Ministério Público do Tocantins, CESA/Ministério Público,  
Brasil

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

#### PREENCHENDO UMA LACUNA E OLHANDO PARA O FUTURO / 9

Marcos Palacios (Brasil)

### PREFÁCIO / 17

Gilson Porto Jr. (Brasil) e Vilso Junior Santi (Brasil)

#### “NÃO TEM DIPLOMA NEM CERTIFICADO? QUE É ISSO, ENTÃO, DE PÓS-DOC?”, OU À GUIA DE UMA INTRODUÇÃO AO TEMA / 21

Gilson Porto Jr. (Brasil)

### VOLUME 1: FORMAÇÃO DE EXCELÊNCIA

#### 1. SOBRE MINHA SOCIALIZAÇÃO NA EXCELÊNCIA HUMANA DOS PESQUISADORES DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DO BRASIL / 27

Nicolás Lorite García (Espanña)

#### 2. A ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA E METODOLOGIA NO ACOMPANHAMENTO E ACONSELHAMENTO DE PESQUISAS NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO / 91

Marta Rizo García (México)

#### 3. A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE NA PESQUISA DE PONTA / 107

Luciana Moherdauí (Brasil)

#### 4. O PERCURSO DE UMA ESCRITA REFLEXIVA NA/PARA A FORMAÇÃO: a experiência do estágio pós-doutoral / 117

Marcela Tavares de Mello (Brasil)

**5. NO VERÃO, FECHADO PARA FÉRIAS / 135**

Víctor Amar (Espanha)

**6. A VALIDADE DE ESTUDOS PÓS-DOCTORAIS: da constante  
necessidade de continuar aos perigos de *sapere aude* / 153**

Geraldo da Silva Gomes (Brasil)

**7. FORMAÇÃO, EXCELÊNCIA E REDES: experiências em pós-  
doutoramentos no Brasil, Espanha e Portugal / 171**

Gilson Porto Jr. (Brasil)

**SOBRE OS AUTORES / 189**

**ÍNDICE REMISSIVO / 191**

# PREENCHENDO UMA LACUNA E OLHANDO PARA O FUTURO

Marcos Palacios  
(Universidade Federal da Bahia, Brasil)

Coletâneas acadêmicas temáticas são, por definição, conjuntos de textos, com maior ou menor unidade interpretativa, com maior ou menor densidade teórica que – idealmente - cobrem diferentes aspectos de um mesmo assunto. Considerados em seu todo, tais textos podem ser pensados como uma espécie de ensaio em muitos capítulos, ao longo dos quais um tema é dissecado, esquadrihado por diversos ângulos, desconstruído, reconstruído. Se bem sucedida, uma coletânea oferece ao leitor não apenas informações sobre o assunto e - eventualmente – algumas respostas para questões que coloque, mas principalmente instiga-o a colocar novas perguntas, formular novos problemas.

Buscando uma característica unificadora para qualificar os textos aqui apresentados, minha opção é evidenciar que eles preenchem uma lacuna em nossas reflexões e direcionam nossos olhares para urgentes e imediatos desafios colocados pelo grau de amadurecimento alcançado pelo sistema de pós-graduação no Brasil e para a opção crescentemente aberta de se fazer da pesquisa acadêmica um **modo de vida**.

Os textos reunidos preenchem uma lacuna porque colocam à vista uma gama de experiências, no plano nacional e internacional, em torno dos processos colaborativos e de interlocução de alto nível,

envolvendo a condução da pesquisa acadêmica no Brasil; preenchem uma lacuna porque detalham modelos de organização de espaços coletivos de produção de conhecimento; preenchem uma lacuna porque colocam problemas novos e apresentam uma miríade de propostas para equacioná-los. Em seu conjunto, este esforço coletivo ajuda decisivamente na iluminação de um foco essencial para a avaliação dos avanços e mudanças qualitativas que se vão verificando nas fronteiras e áreas de ponta da pesquisa acadêmica no Brasil, através de relatos que, de outra forma, permaneceriam enterrados em relatórios de pesquisa, de pouca ou nenhuma circulação para além dos muros acadêmicos. Tão importantes quanto os resultados específicos alcançados por um projeto de investigação levado a cabo coletivamente, são os caminhos e descaminhos que os possibilitaram, com a avaliação crítica de erros e acertos no delicado processo de estabelecer vias de colaboração científica sérias, proveitosas, duradouras e multiplicadoras dos potenciais individuais envolvidos.

O aparecimento de uma coletânea tratando exclusivamente de experiências pós-doutorais e de colaboração interinstitucional e internacional em pesquisa já é, em si mesmo, um indicador do grau de desenvolvimento alcançado pelo sistema de pós-graduação no Brasil, cabendo aqui brevíssimas considerações sobre esse movimento ascendente, para melhor situar os textos que ora apresentamos.

Ainda que seja artificial traçar uma separação muito rígida, é forçoso que se estabeleçam duas linhas de avaliação quanto aos processos de implantação e consolidação da área acadêmica da pós-graduação em nosso país: quantitativa e qualitativa.

Começemos pelo quantitativo. A formação pós-graduada entre nós vem experimentando um crescimento exponencial que, ao que tudo indica, ainda não atingiu seu ápice.

Fiquemos com apenas um exemplo ilustrativo. Em 1989, a CAPES aprovou o funcionamento do Mestrado em Comunicação e

Cultura Contemporâneas, na Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal Bahia. O Programa, primeiro no Norte e Nordeste do país, vinha somar-se aos outros únicos cinco então existentes na Área de Comunicação (USP, UFRJ, Metodista, PUC-SP e UnB). Atualmente, temos 52 Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em Comunicação no Brasil, espalhados por todas as regiões do país, e as candidaturas para novas propostas permanecem abertas.

Se tomarmos por base o ano de 1980, quando da criação do primeiro Doutorado na Área de Comunicação (ECA/USP), constataremos que, em exatos 40 anos, ou seja o período de apenas uma geração acadêmica, uma verdadeira revolução teve lugar, no que tange à formação pós-graduada, não só no Brasil, mas no mundo.

Em 1980, tomando-se o quadro geral de todas as áreas de conhecimento havia, segundo levantamentos do Geocapes (<https://geocapes.capes.gov.br/>), um total de 940 programas de pós-graduação no Brasil, sendo 280 doutorados e 640 mestrados. Vinte anos depois o total geral chegava a 2621, com 903 doutorados, 1620 mestrados e a novidade dos mestrados profissionais, que já somavam 98. Outros 20 anos se passam e chegamos a 2019 com 4526 programas de pós-graduação, com grande número dos antigos programas de mestrado agora oferecendo também programas de doutorado.

Se colocarmos o foco nos pós-doutorados, que são o tema central das várias abordagens nesta coletânea, temos que, em 2000, foram concedidas 287 bolsas de pós-doutorado pela Capes, sendo apenas 20 para o exterior. Em 2019 esses números saltaram para um total de 6237 bolsas no país e 331 no exterior.

No que tange à dimensão qualitativa de nossa pós-graduação, fica patente hoje uma situação *sui-generis*. Por um lado, temos um sistema bastante consolidado, com avanços no que diz respeito à distribuição geográfica por estados e regiões, programas em crescente processo de internacionalização, gerando uma produção

científica de peso considerável, ainda que não com qualidade e alcance global homogêneos entre as diversas áreas de conhecimento. Por outro lado, coexistindo com tais avanços, temos um acesso ainda limitado da população, em geral, aos cursos universitários, embora significativos progressos tenham sido conseguidos, especialmente com a implementação das chamadas 'ações afirmativas' e a criação, pela primeira vez em décadas, de várias universidades federais, especialmente em áreas geográficas ainda pouco cobertas por instituições públicas de ensino superior. Entre 2003 e 2014 foram criadas 18 novas universidades federais e 173 *campi* universitários, praticamente duplicando o número de alunos. Na virada do século havia 34 universidades federais no país, com grande concentração no eixo Sul-Sudeste; em 2020 atingimos a marca de 69 instituições, espalhadas pelas várias unidades da federação, segundo dados da Capes.

Em função de transformações, que não estão restritas a nossa realidade, mas - antes pelo contrário - refletem uma tendência internacional, cada vez mais a formação universitária tende a se constituir como um *continuum*, que vai da graduação ao doutorado - algumas vezes incluído aí o pós-doutorado - praticamente sem hiatos. Essa eliminação de 'tempos de espera e/ou amadurecimento' entre etapas de formação acadêmica vem ocorrendo, com notável frequência, pelo menos desde o início do chamado Processo de Bolonha (1999), direcionado para a unificação do sistema universitário na Comunidade Europeia. Em um período de tempo muito breve, encurtaram-se os prazos para cumprimento de cada etapa de formação acadêmica, inclusive com uma certa sobreposição entre a graduação e a primeira fase de uma pós-graduação *stricto-senso* (Mestrado).

Com as sucessivas crises econômicas e incorporação de tecnologias poupadoras de mão de obra, que marcam as duas primeiras décadas do século XXI, com conseqüente encolhimento do mercado de trabalho, esse alongamento da formação universitária,

sem hiatos, passou também a cumprir o papel de represar, pelo mais longo período possível, a entrada de novos postulantes ao mercado de trabalho, deixando-os fora das estatísticas de desemprego, classificando-os – convenientemente - como ‘estudantes de cursos superiores’.

Como consequência, vamos tendo também um crescente número de jovens acadêmicos, sem qualquer (ou com muito pouca) experiência de inserção no mercado de trabalho, que acabam, de fato, ‘graduando-se como doutores’. Atualmente, um título doutoral, que até meados do século passado marcava uma quase culminação de carreira universitária, tornou-se um passaporte necessário para a simples inscrição em um concurso para os primeiros degraus de uma carreira acadêmica em uma universidade pública brasileira.

No que concerne às relações entre a pós-graduação brasileira e programas acadêmicos de longa data (em alguns casos séculos!) estabelecidos e solidificados em universidades na Europa, América do Norte, Ásia ou mesmo outras nações na América Latina, também uma grande transformação pode ser observada. De uma situação inicial de busca de ‘inserção’ e ‘participação’ em projetos em andamento, em centros universitários de mais longa tradição no exterior, transitamos para uma condição de cada vez maior equidade, com o estabelecimento de parcerias de investigação em pé de igualdade e projetos comuns envolvendo múltiplas instituições. Interlocução, em lugar de simples ‘busca de experiência’ no ‘exterior’. Interlocução e produção conjunta de conhecimento, eis o estágio em que nos encontramos, com força e plena capacitação, na relação com colegas de além fronteira, na maioria das áreas de conhecimento.

### **Que conclusões tirar e que passos planejar para o futuro?**

Em primeiro lugar cabe descartar a ideia, continuamente repetida por alguns atores sociais, de que o avanço e as transformações observadas no sistema de pós-graduação no Brasil

tenham levado a um “excesso de doutores” no mercado. Tal conclusão, extremamente míope e empobrecedora, parte do falso pressuposto de que a formação de doutores tem como propósito, única e exclusivamente, o preenchimento de espaços acadêmicos em universidades e centros de pesquisa.

O que se verifica, com efeito, é uma distorção no caso do mercado de trabalho brasileiro, com pouquíssima absorção de profissionais pós-graduados em áreas externas aos muros universitários e, especialmente, no ensino básico, fundamental e técnico, como já ocorre na maioria dos países europeus, inclusive com efetiva aproximação das remunerações entre profissionais atuando nas diversas áreas e níveis do sistema educacional. A mais que urgente qualificação de nosso sistema educacional e de capacitação profissional passa pela valorização dos profissionais que atuam em seus níveis basilares, o que terá que – necessariamente – traduzir-se em maior formação acadêmica e (muito) melhor remuneração.

Por outra parte, a criação dos mestrados profissionais e, mais recentemente, a proposta de doutorados profissionais, assinalam a emergente percepção de que não só para as lides acadêmicas deve estar direcionada a pós-graduação em nosso país, mas sim para prover profissionais de alta competência técnica e alargada formação humanística em todos os nichos de atuação profissional, seja no setor público, seja na iniciativa privada.

Depois de tais considerações, voltemos ao pós-doutorado e aos textos que compõem a presente coletânea. Perpassando por todos os escritos, está uma clara percepção do que deve e do que não deve ser um estágio pós-doutoral. Escritos quase todos em primeira pessoa (e, algumas vezes, em tom quase confessional), os textos reconstituem de forma direta, sincera e com abundante riqueza de detalhes e considerações críticas os percursos de cada autor(a) em suas experiências pós-doutorais, com descrições e

avaliações de suas passagens pelos vários espaços colaborativos de sua imersão.

Se, como assinalamos até aqui, a formação universitária – globalmente – vem passando por transformações que tendem a produzir um *continuum*, que vai da graduação ao doutorado, forçoso é percebermos a importância do pós-doutorado como momento de quebra dessa cadeia de continuidades. Não se trata da obtenção de ‘mais um título acadêmico’, pois o pós-doutorado não titula; não se trata mais da busca centrada puramente na formação individual, como ainda é o caso na maioria dos doutorados; trata-se de uma etapa qualitativamente distinta das anteriores, que leva à inserção de pesquisadores, por vocação e escolha, em comunidades de produção de conhecimento, fazendo do pós-doutorado um momento de opção clara e consciente pela pesquisa acadêmica - seja teórica ou aplicada - como **modo de vida**.

A vivência da pesquisa e a produção de conhecimento como **modo de vida** é justamente o que transpira, de forma mais que eloquente, dos textos que compõem a coletânea.

Nesta fase em que a internacionalização dos programas de pós-graduação no Brasil se coloca não mais como um objetivo a ser atingido, mas como forma de funcionamento e quesito essencial de avaliação de qualidade, as contribuições aqui reunidas são um testemunho de como a maioridade da pesquisa brasileira na área das Humanidades vem sendo alcançada e um esboço de roteiro para o caminho que se vislumbra à frente.



## PREFÁCIO

---

Gilson Porto Jr.  
(Universidade Federal do Tocantins, UFT /Universidade Federal  
Fluminense, UFF, Brasil)

Vilso Junior Santi  
(Universidade Federal de Roraima, UFRR, Brasil)

O que você encontrará em **FORMAÇÃO DE EXCELÊNCIA**: experiências em supervisão e redes de pesquisa no pós-doutoramento – Vol. 1: Formação de Excelência? Está aqui uma boa pergunta.

Vamos tentar começar pelo que você não encontrará: 1. Não achará aqui um **“manual” de como fazer um pós-doc**. Se for sua intenção, sugerimos procurar em outros espaços metodológicos clássicos; 2. Não encontrará **uma visão única** do que vem a ser a formação pós-doutoral, pois temos visões diferenciadas e práticas mais diversas ainda; 3. Não encontrará um **conceito final, único**, mas um caleidoscópio de possibilidades formativas e de interação de pesquisadores; 4. Um **motivo único para fazer um pós-doc**. Encontrará diversos motivos, mas não o que talvez esteja passando por sua cabeça: um novo título (diploma e/ou certificado), que poderá ser capitalizado objetivamente.

Bem, agora que já sabemos o que não encontrar, vamos focar no que realmente você encontrará nesta obra. Em suma, você encontrará caminhos diferenciados e vivências múltiplas que

constituíram as experiências vivenciadas em estágios de pós-doutoramento, tendo como eixo condutor a ideia do “pesquisar com/para a excelência”. Os sete textos, que aqui prefaciamos, focam em realidades da Espanha, México, Brasil e Portugal, em tempos e espaços diferenciados, mas com uma coisa muito forte: a intencionalidade de refletir sobre os ganhos científicos da mobilidade acadêmica em pós-doutoramento.

Abrindo as discussões, temos o texto introdutório intitulado **NÃO TEM DIPLOMA NEM CERTIFICADO? QUE É ISSO, ENTÃO, DE PÓS-DOC?, OU À GUIA DE UMA INTRODUÇÃO AO TEMA** do doutor Gilson Porto Jr. do Brasil. No texto, diversas questões sobre o que é e para quê serve o pós-doutoramento são trazidos a discussão. O foco do autor foi pensar o pós-doc dentro do *knowledge creating*.

O primeiro texto é intitulado **SOBRE MINHA SOCIALIZAÇÃO NA EXCELÊNCIA HUMANA DOS PESQUISADORES DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DO BRASIL**. Ele foi escrito pelo doutor Nicolás Lorite García da Espanha. No texto, o autor reflete sobre a excelência humana por detrás dos processos e pesquisas acadêmicas. Foca nos diálogos transmetodológicos entre os grupos de pesquisa Grupo de pesquisa Processos comunicacionais: epistemologia, mediação, mediações e recepção, PROCESSOCOM, Brasil e Observatorio y Grupo de Investigación en Migración y Comunicación, MIGRACOM, Espanha.

O segundo texto é intitulado **A ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA E METODOLOGIA NO ACOMPANHAMENTO E ACONSELHAMENTO DE PESQUISAS NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO**. Ele foi escrito pela doutora Marta Rizo García do México. A autora se propõe a pensar nas relações transversais entre conteúdos na formação de comunicadores e comunicólogos (a nível de graduação e pós-graduação), bem como sobre as ligações entre formação teórica e metodológica. As dimensões epistemológica, teórica e metodológica no processo de construção do conhecimento sobre o

social, e especificamente sobre os fenômenos comunicativos que são investigados também perpassa o texto.

O terceiro texto é intitulado **A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE NA PESQUISA DE PONTA**. Ele foi escrito pela doutora Luciana Moherdauí do Brasil. A autora reflete sobre o percurso como pesquisadora no estágio pós-doutoral realizado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), destacando a importância da interdisciplinaridade nos estudos que envolvem tecnologia, interface e espaço urbano, temáticas integrantes do projeto relacionado à área de design da universidade, e como a troca de conhecimentos implica na melhora das atividades acadêmicas e, conseqüentemente, nos resultados apresentados.

O quarto texto é intitulado **O PERCURSO DE UMA ESCRITA REFLEXIVA NA/PARA A FORMAÇÃO: a experiência do estágio pós-doutoral**. Ele foi escrito pela doutora Marcela Tavares de Mello do Brasil. A autora traz resultados do estudo realizado no estágio pós-doutoral e reflexões que a escrita possibilitou enquanto professora-pesquisadora-autora. Destaca que escrever o texto fez trazer à tona significados/observações que ficam, em geral, armazenados e flutuando em nossos pensamentos de forma desordenada, mas que detêm aspectos relevantes no nível da formação e, sobretudo, da prática.

O quinto texto é intitulado **NO VERÃO, FECHADO PARA FÉRIAS**. Ele foi escrito pelo doutor Víctor Amar da Espanha. O autor trata do que chama de "responsabilidades compartilhadas", onde há um duplo compromisso na formação pós-doutoral: o compromisso é a universidade anfitriã, mas também com a universidade a que pertencem. Os percursos burocráticos e consulares, bem como os trâmites acadêmicos são trabalhados no contexto da escrita.

O sexto texto é intitulado **A VALIDADE DE ESTUDOS PÓS-DOUTORAIS: da constante necessidade de continuar aos perigos de *sapere aude***. Ele foi escrito pelo doutor Geraldo da Silva Gomes do

Brasil. No texto, o autor relembra dois momentos de formação pós-doutoral: um em ano 2008 junto à Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e, o outro, em 2020, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM/UFT). Em ambos, o autor reflete sobre os caminhos da pesquisa pós-doutoral e os meandros das temáticas sociais que perpassavam o ambiente de formação.

O sétimo e último texto do volume é intitulado **FORMAÇÃO, EXCELÊNCIA E REDES: experiências em pós-doutoramentos no Brasil, Espanha e Portugal**. Ele foi escrito pelo doutor Gilson Porto Jr. do Brasil. No texto, o autor reflete sobre formação de excelência durante momentos de construção de redes e de conhecimentos em pós-doutoramentos vivenciados no Brasil (UnB e UNESP), em Espanha (UCádiz) e em Portugal (UCoimbra). Elementos estruturais e as exigências dos PPGs são apresentados ao longo do texto.

Estamos certos de que você encontrará múltiplos caminhos nas diversas experiências partilhadas e, com elas, poderá problematizar as matizes em torno do que vem a ser a formação de excelência no âmbito do estágio pós-doutoral.

## “NÃO TEM DIPLOMA NEM CERTIFICADO? QUE É ISSO, ENTÃO, DE PÓS-DOC?”, OU À GUIA DE UMA INTRODUÇÃO AO TEMA

---

Gilson Pôrto Jr.

(Universidade Federal do Tocantins - UFT /  
Universidade Federal Fluminense – UFF, Brasil)

Em uma conversa com pós-doutorandos sob minha supervisão, após destacar a importância do estágio de pós-doutoramento para a consolidação do pesquisador, destaquei que esse não atribuía diploma nem certificado em sua conclusão (normalmente). Para meu espanto (e mais ainda dos pós-doutorandos), os colegas indagaram o acima (que se tornou o título dessa introdução): “não tem diploma nem certificado? que é isso, então, de pós-doc?”.

No *mainstream* da ciência brasileira, todo processo de formação, *a priori*, se atribui um diploma ou um certificado. E o espanto desses pós-doutorandos sobre o processo onde eles estavam não é novo (nem o último a acontecer). Todos os que acabam por enveredar por esse caminho chegam a indagar qual a essência da formação que eles estão tendo.

O estágio pós-doutoral, comumente chamado de pós-doutoramento (ou pós-doc) não é um título acadêmico. Dessa forma, não prevê, na grande maioria das instituições receptoras, a emissão de um “certificado”, nem no Brasil e nem no Exterior, apesar de algumas dessas criarem documentos com esse formato para

melhor definir o “produto” ofertado. Não raro, alguns colegas apresentam certificados, caracterizando assim uma possível “titulação”. Mas essas certificações não agregam “valor” real como um diploma de mestrado ou de doutoramento.

Mas em que consiste um pós-doutoramento? Em geral, o pós-doutorado, ou melhor, o *estágio de pós-doutoramento*, é uma atividade especializada de inserção do portador do título acadêmico de doutor em uma outra instituição tendo um supervisor sênior.

Como se confirma sua realização? É confirmado por meio de declaração do supervisor e/ou por meio de atas de aprovação do relatório final (da pesquisa realizada e/ou do conjunto de atividades deenvolvidas sob a supervisão) no Colegiado receptor onde a pesquisa e a imersão foram realizadas.

Bem, e qual o “valor” real de tal tipo de formação que não é “capitalizada” como um diploma de doutorado, por exemplo? Quando se fala em gestão do conhecimento é importante destacar o conhecimento enquanto um “ativo” de vantagem. Em outras palavras: o conhecimento “a mais” gera vantagem perante outro que não o tem. Nesse sentido, perante uma sociedade que valoriza o “capital intelectual” e o “capital humano”, a diferenciação de portadores do título de doutor, além claro de sua *expertise* gerada pelos anos de formação e pesquisa desenvolvidos, é uma *mais valia* (MCFAYDEN, M. A., CANNELLA Jr.,2004; POPADIUK; CHOO, 2006)

Essa *mais valia* pós-doutoral se externa no desenvolvimento de atividades de gestão da “auto-atualização”, na criação de oportunidades de cooperação (nacional e, *preferencialmente*, internacional) e na possível abertura de novas linhas de pesquisa, sempre inseridas no contexto institucional de atuação do pesquisador (MOODY, 2004; POWELL, 1998). É nesse clima de “perspectiva de cooperação entre professores seniores e pesquisadores em consolidação” fora do ambiente atual, que faz com que o “glamour” atraia cada vez mais doutores.

Mas o que se busca nesse momento? Voltemos a ideia do conhecimento. Desde que “Pandora” se sentiu atraída pela “caixa” (ou, pelo jarro, nas versões mais clássicas), e, vencida pela curiosidade, resolveu abrir o objeto para descobrir o que ali havia, o ser humano é atraído pelo conhecimento.

Em uma formação pós-doutoral a *mais valia* envolvida é aquilo que não é mensurável facilmente pelo quantitativo de documentos expostos no currículo do pesquisador sênior. Trata-se de um conhecimento partilhável, *em potência*, constituído do *know-how* subjetivo acumulado, dos *insights* e intuições que um pesquisador sênior tem depois de estar imerso em atividades de pesquisa por um longo tempo. É um conhecimento que, por mais que exista e seja almejado, não é facilmente verbalizado, nem partilhado nos escritos/papers publicados. É expresso, na maioria das vezes, por habilidades baseadas em ações e decisões, gerando inovação e novos conhecimentos.

Mas como se aprende esse tipo de conhecimento? Diversos pós-doutorandos(as) que tive a oportunidade de supervisionar, sempre falavam dos exemplos. De fato, quando fiz minha última imersão pós-doutoral, fiquei bem mais atento àquilo que não era expresso por palavras e símbolos científicos. Estava em outro campo (e em outro país), onde o pensar e o fazer, apesar de seguirem o *modus operandi* científico usual, utilizava outros códigos não verbais. Dessa forma, aprendi pelo exemplo, pelo que era insinuado por meio de analogias, de modelos e metáforas. Aprendi com o compartilhamento de histórias uma *mais valia* que um diploma (ou um certificado) não poderia me dar. Apesar das dimensões técnica e cognitiva existirem nesses processos, essas não eram as mais importantes.

Então, efetivamente, de que se trata o pós-doutoramento? Ao ver deste pesquisador, se trata de *knowledge creating*, isto é, criar novos conhecimentos, em uma verdadeira e almejada “espiral”, a partir de vivências novas e/ou renovadas pela ressignificação do

conhecimento científico (STEWART, 1998; VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2001). E claro: partindo da ideia da “espiral”, a criação de conhecimento é sempre em “progressão geométrica”, isto é, não é uma simples soma, novos conhecimentos criam conexões complexas com o saber já existente, e os patamares do conhecimento individual se torna cada mais elevado e ressignificável pelo pesquisador.

E como traduzimos o resultado do pós-doutoramento, do conjunto dessas vivências e experiências com pesquisadores sêniores? Espera-se que a partilha do conhecimento seja profícua. Isso significa que se cria uma “expectativa” de colaboração entre pós-doutorando(a) e supervisor(a). Fala-se em “expectativa” pois reconhecemos que nem sempre a colaboração e a mobilização para a partilha acontecem como ansiado – a “ampliação” do conhecimento em forma de produções acadêmicas colaborativas.

Espera-se que o resultado da *mais valia* apreendida nesse “confronto complexo de saberes” entre pós-doutorando(a) e supervisor(a) sejam *outputs* (produção científica e bibliográfica) significativas, onde ocorra o incremento do conhecimento. Mas, destaque-se que, mesmo que isso não ocorra de imediato (tempo e espaço produtivo não se consolide com rapidez), a repercussão formativa tende a mudar a percepção do pesquisador pós-doutorando(a), transformando seu fazer e pensar.

## Referências

MCFAYDEN, M. A., CANNELLA Jr., A. A. Social Capital and knowledge creation: diminishing returns of the number and strength of exchange relationship. **Academy of Management Journal**, Briarcliff Manor, v. 47, n. 5, p. 735-746, 2004.

MOODY, J. The structure of a social science collaboration network. **American Sociological Review**, Columbus, v. 69, n. 2, p. 213-239, 2004.

POPADIUK, S.; CHOO, C. W. Innovation and knowledge creation: how are these concepts related? **International Journal Of Information Management**, Norfolk, v. 26, n. 4, p. 302-312, 2006.

POWELL, W. W. Learning from collaboration: knowledge and networks in the biotechnology and pharmaceutical industries. **California Management Review**, California, v. 40, n. 3, p. 228-240, 1998.

STEWART, T. A. **Capital intelectual: a nova vantagem competitiva**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

VON KROGH, G.; ICHIJO, K.; NONAKA, I. **Facilitando a Criação de Conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

## PARTE I – FORMAÇÃO DE EXCELÊNCIA

# SOBRE MINHA SOCIALIZAÇÃO NA EXCELÊNCIA HUMANA DOS PESQUISADORES DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DO BRASIL

---

Nicolás Lorite García

Dir.MIGRACOM-UAB

(Universidad Autónoma de Barcelona - UAB - Departamento de Publicidad, Relaciones Públicas y Comunicación Audiovisual, España)

## Apresentação

Em abril de 2015 passei três meses hospedado na casa de Efendy Maldonado, em São Leopoldo-RS. Naquela época, coordenávamos o Programa de Cooperação Interuniversitária Hispano-Brasileira *Publicidade, propaganda, alteridade e cidadania: estratégias transmetodológicas para a análise da diversidade em contextos de mudança econômica e social no Brasil e na Espanha* (MECD-HPB-14/00030 e CAPES nº 216/15), projeto que elaboramos anteriormente no encontro internacional *Cooperação em pesquisa no campo das ciências da comunicação*. Diálogos transmetodológicos entre os grupos de pesquisa consolidados

PROCESSOCOM (Brasil)<sup>1</sup> e MIGRACOM (Espanha)<sup>2</sup>, realizados na Universidade Autônoma de Barcelona nos dias 10, 11 e 12 de junho de 2013.

Durante aquela estadia extremamente acolhedora e familiar nos permitíamos passear à tarde pelo bairro e, em conversas descontraídas, revíamos juntos o nosso passado. Daí derivávamos para as múltiplas realidades do presente complexo e, de vez em quando, acrescentamos uma espécie de glacê utópico futurista ao imenso bolo de todos os sabores que a vida é, em busca de um mundo mais igualitário e solidário, a começar pela hierárquica e arcaica Academia. Durante as caminhadas de pouco mais de uma hora não esquecíamos do futebol. Nós dois somos torcedores do Barcelona, que naquela época tinha vencido a Champions League contra a Juventus de Turim. Pudemos curtir um jogo nos playoffs. Uma delícia ver aquele Barça que tinha o melhor ataque do mundo – com Messi, Neymar e Suarez.

Passeava com meu amigo Efendy, mas também com o ilustre doutor, professor e investigador (diretor do PROCESSOCOM) Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre autor de obras epistemológicas, teóricas e metodológicas essenciais (MALDONADO, 2006; 2011; 2012; 2013; 2015) para o avanço da pesquisa em Ciências da Comunicação no Brasil, na América Latina e até mesmo deste lado do Mediterrâneo (embora por aqui estas obras custem mais a se difundir). Algumas dessas obras inclusive surgiram durante sua estada de pós-doutorado comigo no MIGRACOM entre 2004 e 2005 (MALDONADO 2005a, 2005b, 2005c).

Pois bem, essa é para mim uma das virtudes dos mais de 20 pesquisadores, “mentores”, professores, doutores e pós-doutorandos do Brasil que tive a imensa sorte de “orientar” (não

---

<sup>1</sup> PROCESSOCOM - Grupo de pesquisa Processos comunicacionais: epistemologia, mediatização, mediações e recepção. Disponível em: <http://www.processocom.org>

<sup>2</sup> MIGRACOM - Observatorio y Grupo de Investigación en Migración y Comunicación. Disponível em: <https://www.uab.cat/web/migracom-1274251163556.html>

usamos esse verbo aqui, mas gosto mais de ser conselheiro do que tutor, coordenador ou diretor) e mostrar minha maneira peculiar de entender a pesquisa audiovisual sobre as transformações das mídias sociais do MIGRACOM. Há quase 20 anos que venho realizando esse tipo de agradável troca de conhecimentos, desde minha primeira estada na UNISINOS em 2002, com aquela ótima combinação de qualidade de pesquisa com proximidade humana.

A seguir destacarei o que mais me chamou a atenção nesses períodos de pesquisa e convivência humana com Efendy Maldonado, Jiani Bonin, Fabrício Silveira, Juciano Lacerda, Elizara Carolina Marin, Deisimer Gorczewski, Liliane Dutra Brignol, Denise Silva, Norberto Kuhn Junior, Cristina Wulffhost, Maria Badet, Maria Luisa Mendonça, Rafael Folleto, Marco Bonito, Tabita Strassburger, Lisiane Machado Aguiar, Felipe Gue Martini, Thais Helena Silva Teixeira, Iano Flavio de Souza, Josimey Costa da Silva, Leila Lima de Sousa, John Willians Lopes e Marillia Graziela Oliveira da Silva.

### **Um breve parênteses acerca do estilo utilizado**

Antes de expor de forma muito resumida as contribuições de pesquisa mais significativas, bem como alguns detalhes do lado humano de cada "orientando" e "orientanda" e acrescentar algumas observações casuais (LORITE GARCÍA, 2000, 2017) que me chamaram a atenção em cada um dos projetos, vou dedicar esta seção para justificar meu estilo pessoal e direto neste texto. Acho que este estilo é mais apropriado para mostrar a amplitude e a qualidade dos registros que tive a sorte de compartilhar em reuniões que são tão produtivas e criativas quanto vitais.

De todas as formas, como sou precavido, perguntei antes a coordenação do projeto editorial se podia usar esse estilo mais pessoal e como me responderam que não havia inconveniente opto por escrevê-lo dessa maneira mais "íntima" – semiliterária e quase jornalística – deixando claro que nem por isso esse relato pode ser considerado de menor qualidade acadêmica, se comparado a um

estilo mais “clássico” ou “ilustrado” (?) próprio da Academia (que Academia?). Por isso vejo necessário esboçar esse breve parêntese, destinado a justificar minhas intenções, mas também dedicado a fazer pensar algo sobre qual deve ser a maneira adequada de redigir um texto como este: que almeja transmitir certo conhecimento e provocar (quicá) o crescimento intelectual e humano à quem o lê.

Um texto como este não atinge um mínimo de rigor “acadêmico” se usa um estilo tão próximo e pessoal? Quando um texto é considerado “rigoroso” e quem decide isso? A que rigor “acadêmico” estamos nos referindo, afinal? Só é rigoroso aquele texto que faz parte das ciências puras cartesianas, às vezes chamadas apenas de “Ciências” em oposição às Ciências Humanas, Sociais e da Comunicação, muitas vezes adjetivas apenas como Letras?

Sempre que foi possível, preferi transmitir meu conhecimento de maneira mais próxima como faço neste texto, mas um dos problemas em narrá-lo dessa forma é que tive que “defendê-lo” recorrendo a certos pensadores respeitados por toda a comunidade científica e acadêmica, tanto das Ciências Puras quanto das “Impuras”, muito bem sintetizadas por autores como Chalmers (2000). Alerto que o mantenho em mente para que não me digam que esta se trata apenas de uma forma subjetiva de pensar, transcrita como um ensaio, típica dos “incultos das letras”.

É cada vez mais difícil publicar nas revistas de impacto (JCR e Scopus) das Ciências da Comunicação se recorrer a um estilo tão pessoal. O texto deve ser redigido a partir de um certo distanciamento objetivo, na terceira pessoa, e ser amparado por prestigiosas pesquisas desenvolvidas de acordo com os princípios essenciais do “rigor científico” (CHALMERS, 2000). As hipóteses de partida, referências a metodologias comprovadas, um quadro teórico com autores consagrados e o prestígio da entidade que subsidia o projeto também não podem faltar.

Os parâmetros que avaliam a transferência de conhecimento das Ciências da Comunicação mudaram muito. Coloco um exemplo

pessoal: em 2001, há quase 20 anos, pude publicar na *Revista Comunicar*<sup>3</sup> (2ª no mundo na Scopus; 14ª no mundo na JCR; 1ª na Espanha e América Latina na área de Educação e Comunicação; e A1 na Capes) um artigo intitulado "*Uma pedagogia ativa da linguagem televisiva para comunicadores do futuro*" (LORITE GARCÍA, 2001) no qual comecei por argumentar a minha proposta pedagógica da seguinte forma:

"[...] Um belo dia, em meados dos anos 90, algo estranho me aconteceu. Te digo. Enquanto eu estava tomando banho de manhã cedo, comecei a mudar a pedagogia da linguagem da televisão para futuros comunicadores, especificamente futuros jornalistas. Já faz algum tempo que não conseguia dormir. Às três da manhã minhas pálpebras fizeram tilintar, como cortinas, e assim permaneceram abertas a noite toda. Motivo: o método usado até então não funcionou muito bem para mim. Percebi que era muito rígido, unilateral e mecânico, mas não conseguia encontrar uma alternativa válida possível. De repente, percebi, quando as últimas gotas d'água caíram na minha cabeça, que *clink* (som parecido com o das persianas, mas, um pouco mais seco e cristalino), uma luz potente se acendeu dentro de mim e sem saber como comecei a ver a saída do túnel. Rapidamente me enxuguei, liguei o computador e desenhei, quase como uma pintura abstrata, a *pedagogia ativa da linguagem televisiva*, que explico de forma resumida a seguir e que me proporcionou tantas e tantas satisfações desde então. Antes de entrar em detalhes, devo deixar claro nesta introdução que a partir daquele dia mágico optei por escrever textos para

---

3

Disponível

em:

<https://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=revista&numero=17>

serem lidos, o que não é pouca coisa. Cansei de escrever solilóquios retorcidos para um único leitor (que sou eu) e tentei escrever discursos dirigidos principalmente aos jovens, para serem percebidos como audiovisuais por eles próprios (não podemos esquecer que esta é a geração audiovisual). Letras, palavras, frases e sua associação, sua estrutura, permitem a transmissão de sensações visuais e sonoras. Como comunicadores audiovisuais, ainda temos poucas ou nenhuma oportunidade de transmitir nosso conhecimento audiovisual de forma audiovisual, em um mundo em que o texto continua reinando como hegemônico no discurso científico. Embora estejamos (aos poucos) começando a entrar na era digital visual, somos obrigados a pervertê-lo e nos perverter também construindo jogos de palavras quase psicocomunicativos [...] (LORITE GARCÍA, 2001, p. 138-139).

Preferi tentar transferir do meu conhecimento dessa forma, com o correspondente giro de palavras para sugerir também que a página de papel ou a caixa bidimensional pode ser um espaço adequado para evocar o visual (e até audiovisual) – uma transgressão que fui desenvolvendo para comprovar as dificuldades que existiam (e ainda existem) para difundir o conhecimento audiovisual de forma apenas audiovisual e ao mesmo tempo ser considerado tão rigoroso e científico quanto a forma textual quando apresentada como tal. Lamentavelmente o visual continua a ser tomado como um complemento explicativo do texto e o audiovisual não é considerado rigoroso o suficiente para poder mostrar os resultados das investigações por si só – paradoxalmente isso acontece na era do audiovisual por excelência.

Também nessa época me permiti escrever, através desse estilo mais pessoal, que a meu ver é tão “científico” quanto o textual acadêmico, outros textos destinados a evocar imagens e até mesmo perturbar ou provocar conhecimentos outros ao serem lidos. Textos como; *“Usos sociais das TIC e processos de dinamização intercultural na Catalunha (Espanha)”*, no qual apresento o assunto através de uma primeira seção chamada *“Introdução sócio literária ao assunto”*. Nela começo contextualizando os usos das TIC e os processos de dinamização na minha realidade pessoal para, a partir daí, expandi-la para o bairro e de lá para a sociedade catalã em geral: “[...] Eu moro na rua Joan Fernández de Cornellà de Llobregat, uma cidade operária da periferia industrial de Barcelona” (LORITE GARCÍA, 2003, p. 239).

Após esta frase, argumento que a primeira coisa que fiz quando cheguei a esta casa em 1986 foi comprar um computador de 640K que só funcionava incorporando disquetes de 5 1/4 polegadas. A partir desse uso pessoal e único dessa NTIC (Nova Tecnologia de Informação e Comunicação) a apresentando à informatização social e sua incapacidade (na época) de estimular a interculturalidade nesses lugares – porque apenas alguns “privilegiados” (como eu) tinham acesso a esses recursos de computação durante um período embrionário da Internet.

É um estilo que também utilizei para transmitir conhecimentos em congressos como ALAIC 1998 e 2000, com propostas metodológicas e epistemológicas para estudar as transformações sócio midiáticas que partem da ruptura com o título clássico. É por isso que proponho “Pegar moléculas de ar em movimento” como uma metáfora que convida a viajar no trem das transformações e não apenas vê-las passar da estação (LORITE GARCÍA, 1998; 2000; 2017).

Porém, ao longo dos anos, não tive escolha senão adaptar-me aos critérios desse “rigor científico universal”, mais próximo do mercantilismo capitalista do que do socialismo humanista, porque

foi o que se impôs nas melhores revistas e publicações indexadas nas áreas das Ciências da Comunicação – isso se quisesse continuar a transferir conhecimento epistemológico, teórico e metodológico que vinha desenvolvendo com as novas pesquisas sócio midiáticas que realizava. E, também, tinha que assumir esses princípios cartesianos, porque esses critérios se impunham ao mesmo tempo nas comissões de avaliação de atividades de pesquisa em Ciências da Comunicação na Espanha.

Para avaliar minha carreira de pesquisador, tornava-se cada vez mais importante publicar os resultados das pesquisas em revistas Scopus e JCR, de acordo com os critérios cartesianos e quantitativos, típicos das “Ciências Puras”, e não a partir de abordagens amplas, típicas das Ciências Humanas, Sociais e da Comunicação. Felizmente, sempre defendi a estratégia da miscigenação metodológica multimodal para me manter em saúde (aí é preciso ser uma espécie de super-homem pesquisador com o dobro dos recursos).

Procuro aplicar à minha pesquisa o rigor científico defendido pelas “Ciências Puras”, mas me permitindo, ao mesmo tempo, a ruptura epistemológica das “Ciências Impuras”, proposta por autores como Feyerabend (1984). Sempre propus partir do quantitativo, para derivar o qualitativo, e, daí o estudo de caso. Nesta construção o caso emerge do quantitativo, não é escolhido ao acaso, e é estudado sob a dupla perspectiva e metodológica: qualitativa e audiovisual. Para a perspectiva audiovisual, a câmera é utilizada como principal ferramenta metodológica que permite transcrever os resultados de uma entrevista para um artigo textual, que pode acabar sendo publicado em um periódico bem indexado, mas também para fazer uma montagem audiovisual que a partir de meu ponto de vista (que é tão científico quanto o textual), mas, como não pode ser publicado nessas revistas, é derivado para outros usos acadêmicos interativos tão científicos quanto o da transferência textual de conhecimento.

Também é cada vez mais valioso publicar em inglês. Parece que o espanhol e o português são línguas de segunda categoria. O

inglês continua a ser a língua das universidades mais prestigiosas (e caras) do mundo. É claro que isso está relacionado com a vinculação desses centros de conhecimento aos epicentros do poder econômico mundial. A partir dessa abordagem mercantilista e neocapitalista, talvez devo repensar a publicação deste capítulo de livro. Será lucrativo para mim? Com certeza, ele não será levado em consideração pelo Comitê Científico que avaliará minha atividade de pesquisa em um futuro próximo. Mas, à medida que continuo valorizando a excelência humana da pesquisa, vou investir nele – porque continuo achando que o que conta na vida é fazer o que te faz feliz; fazer algo que te faz crescer em todos os sentidos e que além de alimentá-lo intelectualmente atinja seu coração e até mesmo sua alma (embora não seja muito crente de sua existência).

### **Sobre como sou bem recebido no Brasil e como recebo mal na Espanha**

Um tema recorrente nas minhas caminhadas com o Efendy, que sempre comentei com os orientandos e orientandas, é como eles me recebem bem no Brasil, mas como sou péssimo anfitrião aqui. É evidente que no Brasil a qualidade humana se soma à qualidade da pesquisa, associada ainda a essa proximidade e familiaridade características. Chego à conclusão de que é algo cultural (não vou definir o que entendo por cultural agora porque isso me levaria a abrir uma nova seção e nunca terminaria este texto). Sem me deixar levar pela percepção estereotipada, posso afirmar que, por aqui, na Catalunha e na Espanha em geral, estamos mais distantes e limitamos as relações acadêmicas ao estrito ambiente universitário.

É verdade que mudamos muito depois do maio francês de 1969, bem como quando nos socializamos com valores culturais internacionais, promovidos pelos Movimentos Universitários e Sociais antifranquistas do início dos anos 1970, e com a decorrente chegada da democracia na Espanha em 1976 (após a morte do

ditador Francisco Franco). Experimentamos uma guinada radical nos valores tradicionais do nacional-catolicismo militar, experienciados durante os 40 anos da ditadura de Franco, que tínhamos de respeitar, caso contrário, íamos para a prisão.

Modernizamos e até pós-modernizamos nossa estética e ética e praticamos hoje modelos de pedagogias ativas muito mais próximos dos alunos nas escolas. Tentamos ser mais abertos, mas mesmo assim, ainda é muito difícil para nós modificar certos “hábitos culturais” típicos do processo acadêmico histórico espanhol e europeu. Nesta parte do mundo, porém, ainda somos mediterrâneos – o que é, aparentemente, uma forma de estar mais perto do que de outros lugares do interior como o planalto castelhano.

Por exemplo, quando eu vou para o Brasil eu geralmente sou recebido no aeroporto, me acompanham até onde eu fico, e, quando é possível, me levam para jantar. Na mesa conversamos de forma descontraída e até divertida. Quando eles vêm para Barcelona eu não costumo fazer o mesmo. Eles chegam sozinhos no aeroporto, vão sozinhos para o hotel e sobem sozinhos ao meu escritório no MIGRACOM da UAB. É verdade que às vezes eu insisto em ser cortês e recebê-los no aeroporto e movê-los para o hotel, mas acabo me acomodando a essa recepção mais fria e cultural, porque eles também sempre me garantem que “[...] *não é necessário porque em Barcelona há uma comunicação muito boa e é fácil se mover sozinho sem problemas em qualquer lugar e a qualquer momento*”.

Essa tranquilidade com que você tem ao andar por Barcelona, a qualquer momento, seja você homem ou mulher, é diferente da pouca ou nenhuma segurança pessoal para quem circula em cidades no Brasil, consideradas as mais violentas do mundo. Sempre me avisam disso antes de voar. Recomendavam, por exemplo; não atravessar o Parque da Redenção quando residia em um apartamento na Avenida João Pessoa, próximo à UFRGS, em Porto Alegre, durante uma das minhas estadias na UNISINOS. Uma noite

eu o atravessêi. Devo confessar: aquelas árvores gigantes eram assustadoras, movendo seus galhos como se fossem lâminas de moinhos de vento. Eu quase senti me Quixote e estava prestes a investi-las com a lança. Mas eu só vi isso. Não havia mais ninguém.

Que assaltante pensaria em ir ao parque à noite se soubesse que todos tem claro que aí não se pode ir porque é tão perigoso? Sempre acreditei que em tudo isso há um certo efeito da mídia sensacionalista e até mesmo do sensacionalismo da mídia em geral. Embora também seja verdade que você pode ser assaltado por sujeitos armados, a qualquer momento, isso nunca aconteceu comigo. Mas é possível, porque, sempre te contam daquela amiga e o que aconteceu com ela, frisando que isso pode acontecer com todo mundo, embora eu nunca tenha testemunhado algo assim também.

Bem, como aqui em Barcelona há muita segurança e os transportes funcionam bem. Me acomodo em uma recepção no meu escritório da Universidade e é lá que nos damos um abraço caloroso – aquele abraço carinhoso que não costumamos dar na Espanha. Aqui a gente só aperta a mão (e com a COVID-19 nem isso, só tocamos o cotovelo, no máximo). As vezes te apertam tanto que, na hora, você não sabe como se comportar. Depois do abraço, geralmente chega o presente – essa é outra das diferenças culturais. Aquele presente embrulhado com tanta delicadeza, com tanto cuidado.

Comigo, por ser algo “cultural”, muitas vezes me esqueço de levar presentes quando vou ao Brasil. Tenho em mente, mas os dias vão passando e à medida que me descuido lembro-me só aeroporto e de como não me parece adequado trazer os típicos presentes turísticos de Barcelona, aquelas figuras horríveis da Sagrada Família ou os cinzeiros com a foto de Las Ramblas, acabo chegando de mãos vazias. Mesmo assim, tenho me habituado a entrar nessa “cultura” e tenho procurado viajar na maior parte do tempo com presentes sinceros, que vêm do coração, porque o coração desperta e age se

perceber que é tratado por outro coração também. Isso é algo essencial que aprendi, aquele carinho que se amalgama com sinceridade do presente. Não é qualquer detalhe, é um presente que parece vir de dentro.

Às vezes me escapa comentar, ao abrir o papel de embrulho, que essa cortesia era típica da Espanha na época de nossos pais. Era desaprovado não trazer uma lembrança quando se visitava alguém, mas as novas gerações pós-ditadura agem diferente com esses valores. Ao dizer isso estou percebo que é muito feio comentar isso para alguém que está te dando aquele presente com muito carinho. Eu sei. É esse jeito de ser direto que às vezes tenho. Foge de mim. Mas então percebo como eles me olham de forma amigável, com um sorriso um tanto irônico e simpático ao mesmo tempo, como se dissessem que é seu costume e que cada um tem o seu costume e que não importa o quanto eu lhes dê essas explicações continuarão a trazer presentes e não nada vai acontecer se eu esquecer de retribuir, porque eles já sabem que não faz parte da minha “cultura” ou simplesmente do meu jeito de ser.

### **Primeira etapa (2004-2007): o impulso do primeiro projeto internacional**

Efendy Maldonado veio ao MIGRACOM para realizar seu pós-doutoramento em 2004. Primeiro viajou sozinho para prepara a chegada posterior de sua família, sua esposa Maria e seus três filhos Emiliano, Rafael e Maitê. Morou umas semanas na minha casa. Conviveu com meu filho Nico. Enquanto isso eu disfrutava de um tempo na UNISINOS por conta do nosso projeto internacional de investigação. Efendy utilizou uma bolsa até setembro de 2005, concedida pela CAPES. Eram tempos bons em que se outorgavam bolsas remuneradas aos investigadores brasileiros para poder ampliar seus conhecimentos nos grupos de investigação nas universidades espanholas.

Lembro que o acompanhei para comprar um carro de segunda mão, um Opel que com o qual ele recorreu com sua família metade da Espanha e outra metade da Europa. Estava claro que sua vinda não era para se encerrar na excelente biblioteca e hemeroteca de comunicação da UAB. Considerada uma das melhores da Europa. Como aqueles monges medievais tão bem caracterizados por Humberto Eco, na obra *O nome da Rosa*. Nem para passar o dia investigando no MIGRACOM. Também para ampliar seus conhecimentos a partir da combinação ótima entre a Academia e a vida e desde uma perspectiva humano-ivestigadora tão rica e produtiva para o conhecimento que se vai aprendendo.

Conheci Efendy previamente na UNISINOS em agosto de 2002. Neste tempo, era a primeira vez que desfrutava de um período, em uma universidade brasileira, por conseguir uma bolsa através Agência Espanhola de Cooperação Internacional, com um projeto provocado pela UNISINOS “Comunicação e Imigração”, na modalidade de professor visitante para “desenvolver atividades acadêmico-científicas junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação”. Cumpro estritamente o que foi detalhado no plano e no cronograma de atividades estabelecido e isso, me permite romper com o estereótipo que mantinha sobre o Brasil tropical do samba e das mulatas dançando todo dia. Me encontrei em um Rio Grande do Sul gaúcho, que está muito apegado a música, mas que também aplica um modelo bastante “germânico” de vida acadêmica e social. Comprovo que são pontuais apesar de que me haviam dito que no Brasil ninguém chegava na hora. Pelo visto, influi aí esta maneira de ser das migrações europeias, alemãs sobretudo. Ao que parece, as migrações africanas se concentraram no Nordeste do país e aí, segundo o que comentam, a sociedade funciona com outros ritmos cotidianos. Estas são Estórias que se agregam e que tem suas coisas boas e más, como todas as maneiras de viver.

Neste primeiro período em 2002, na UNISINOS, pude esboçar os modelos de investigação-ação, e investigação audiovisual

aplicada que vinha desenvolvendo no MIGRACOM desde os anos 1990 (LORITE GARCÍA, 2005). Neste período estava dirigindo, a partir do MIGRACOM o estudo *“Tratamento informativo da imigração na Espanha”* (LORITE GARCÍA, 2004) para o Ministério do Trabalho e Assuntos Sociais. Uma análise multimodal quantitativa e qualitativa, comparativa das amostras obtidas na imprensa, rádio e televisão, entre os anos de 1996 e 2000. O projeto permitiu explicar as experiências teórico, metodológica, audiovisual e vincular os processos investigadores coma docência, a produção informativa e as organizações sociais e profissionais. Lembro que soava ao utópico estabelecer essa relação que sustentávamos e sustentamos com profissionais da informação do Colégio de Jornalistas da Catalunha e com os profissionais do audiovisual em geral e com o Conselho de Audiovisual da Catalunha.

A importância que demos a seus respectivos códigos deontológicos (SENDIN, 2008) e manuais de estilo de referência (Colégio de Jornalistas da Catalunha, 1996) e, ao trabalho de redação e vigilância conjunta que fazíamos entre todos para a sua aplicada adequação. Estes códigos deontológicos de manuais de estilo eram e seguem sendo, ainda, referentes fundamentais para a realização de práticas midiáticas inclusivas começando por aquelas produzidas pelos futuros profissionais do Jornalismo, do Audiovisual e da Publicidade durante sua formação universitária.

Essa perspectiva de investigação-ação tenho tido a oportunidade de debater e até experimentar com todos os orientandos e orientandas. Sempre procuro que participem dos encontros e debates que levamos a cabo com as organizações dos profissionais da comunicação e nas dinâmicas de investigação audiovisual aplicada nas minhas classes de graduação (Licenciatura) e de Pós-Graduação (Doutorado) para que possam comprovar como é possível conjugar todas as peças de uma metodologia multimodal para levar a cabo uma produção audiovisual inclusiva.

Os encontros na UNISINOS em 2002 foram extremamente frutíferos tanto que nos animamos a realizar um primeiro rascunho de um projeto internacional de investigação entre o MIGRACOM e os demais grupos de investigação que participaram dos debates. *Produção e recepção midiáticas na perspectiva do multiculturalismo* coordenado por Denise Cogo e *Processos Comunicacionais: Epistemologia, mediações e recepção*, coordenado por Efendy Maldonado. Coordenei inicialmente o projeto em conjunto com Denise Cogo, escrevemos conjuntamente alguns textos que ajudavam a lhe dar forma como *Incursões metodológicas para o estudo da recepção midiática: o caso das migrações contemporâneas desde as perspectivas europeias e latino-americanas* (COGO e LORITE GARCÍA, 2003). Posteriormente tivemos a oportunidade de construir outras publicações mostrando certas perspectivas e o avanço do projeto internacional (COGO e LORITE GARCÍA, 2005).

Finalmente apresentamos o projeto ao programa de cooperação interuniversitária hispano-brasileiro e conseguimos sua aprovação em 05 de dezembro de 2003, pela comissão mista composta por experts da Direção Geral de Universidades do Ministério da Educação e Ciência da Espanha e, pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal e Ensino Superior, do Brasil, para o biênio 2004-2005, que depois, conseguimos prorrogar para um segundo biênio 2006-2007 com o extenso título: *Meios de comunicação e interculturalidade-estudo das estratégias de mediatização das migrações contemporâneas nos contextos brasileiro e espanhol e suas repercussões na construção midiática da União Europeia e do Mercosul* (PHB2003-0059-PC).

Foram quatro anos altamente produtivos em todos os sentidos. Aprendi muito de todo o bom e do complexo que é um projeto como esse que envolve tantas pessoas com ideias comuns, mas também, às vezes, como é natural, com maneiras de entender os processos investigativos de outras formas. Porém está claro que

tive a oportunidade de expor, compartilhar, debater e aprofundar teorias e metodologias de investigação assim como aprender muito desse outro lado humano e da maneira de ser dos investigadores e investigadoras, algo que tratarei de detalhar mais adiante a partir das experiências com Efendy Maldonado durante sua estadia pós-doutoral; os professores dos grupos implicados no projeto internacional da UNISINOS como Jiany Bonin e Fabrício Silveira; com os pós-doutorados de Elizara Carolina Marin, Deisimer Gorczewky, Juciano Lacerda, Liliane Dutra Brignol, Denise da Silva e Norberto Kuhn; e também com as experiências de iniciação científica da UNISINOS com Cristina Wulforth, contratada pelo MIGRACOM; e também com outras experiências que se derivam do impacto no Brasil do projeto interuniversitário internacional como a bolsa ALBAN de 03 anos conseguido por Maria Badte e a instância pós-doutoral de Maria Luiza Martins de Mendonça, professora da Universidade Federal de Goiás.

O pós-doutorado de Efendy permitiu aprofundar consideravelmente uma das linhas de investigação do projeto internacional *Processos midiáticos e interrelações socioculturais*, assim como concretar a metodologia e levar a cabo o trabalho de campo destinado a entrevistar uma amostra de imigrantes em Barcelona, porém enquanto Efendy investigava escrevia dois capítulos do livro *Metodologias de pesquisa em Comunicação: Olhares, trilhas e processos*. (MALDONADO, BONIN e ROSÁRIO, 2006): *Saberes seculares-experiências relevantes, culturas de pensamento reflexivo, configurações contemporâneas e alternativa crítica transformadora: transmetodológicas e, Mídia e migrações: da produção a recepção e consumo*.

Nesse tempo, também pode escrever três artigos: *A midiatização das alteridades culturais no Brasil e Espanha* (MALDONADO, 2005 A); *Globalismo, fluxos demográficos e relações interculturais: reflexões epistêmicas* (MALDONADO, 2005, B); e, *Multiculturalismo na América Latina: Confluências e conflitos no*

*espaço televisivo regional (MALDONADO, 2005C)*. Efendy também participou de diferentes atividades como ministrar a conferência inaugural do *2º Curso Internacional: Interculturalidade, Migrações e Mídia*, realizado a partir do projeto internacional hispano-brasileiro, apresentação no *X Seminário da Associação de Investigadores Brasileiros na Catalunha*, outra apresentação no Universidade de Verão da Universidade Pompeu Fabra, ministrou um *Seminário Epistemológico* no Doutorado em Comunicação Audiovisual da UAB, participou de congressos como *Imigração na Espanha* e participou do grupo de trabalho, coordenado por Luisa Martín e por mim, sobre "A construção social da imigração: discursos e comunicação", bem como, de debates como o da Mesa Redonda para a Diversidade no Audiovisual do Conselho do Audiovisual da Catalunha, e um colóquio com Armand Mattelart e outro com Néstor García Canclini e neste foi até convidado para o programa *Els Nous Catalans* da Televisão Espanhola (TVE).

Mas, além disso, e tem aquela minha aprendizagem sobre a parte humana do pesquisador brasileiro, deu-lhe tempo para conhecer e curtir plenamente a cidade de Barcelona, viajar com a família pela Espanha e Europa e até organizar um suculento jantar em casa, em plano familiar, para degustar um prato típico do Equador. Por aqui é difícil para a gente ter esse tipo de encontros domésticos e familiares, é uma questão "cultural"?

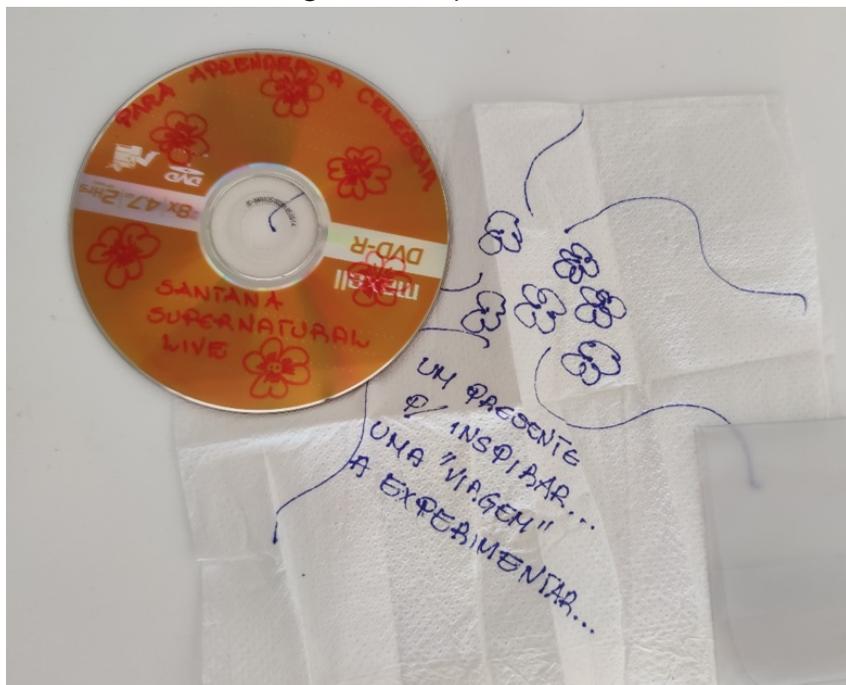
Como o projeto internacional permitiu o intercâmbio de professores-pesquisadores dos grupos participantes, tive a honra de conhecer mais a fundo, sempre sob a ótica do duplo ser humano-pesquisador, Jiani Bonin, então professora do *Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS*. Durante a permanência de Jiani no MIGRACOM em 2004, lecionou com a Efendy, de 21 de outubro a 18 de dezembro de 2004, a disciplina "Pesquisa em Recepção na América Latina: experiências e perspectivas teórico-metodológicas" do doutorado em Comunicação Audiovisual da UAB. Recordo que tanto abordaram

como debateram em sala de aula alguns pontos do programa como o 2.1, denominado "Estratégias intermetodológicas", com as quais começaram a desenvolver aqueles conceitos que hoje são internacionalmente reconhecidos como os de "Investigação da investigação: problematizações" e os "Transmethodological Perspective in Communication" (MALDONADO, BONIN, ROSARIO, 2006).

Mas algo sobre Jiani que ficou na minha memória visual é aquele instantâneo dela com as bochechas muito vermelhas, dando o que foi uma de suas primeiras palestras, na sede do Colégio de Jornalistas da Catalunha para fechar o *1º Curso Internacional Interculturalidade e Meios de Comunicação*, organizado pelo projeto hispano-brasileiro, em 13 de dezembro de 2004. Ela intitulou: "A investigação da recepção nos processos de mídia intercultural". Nele, ela delimitou parte de sua experiência de pesquisa sobre "Memória de família e recepção de novelas" (BONIN, 2003), combinada com sua "Estratégia multimetodológica na pesquisa de recepção" (BONIN, 2004).

A perspectiva de Jiani me interessou muito porque eu vinha pesquisando e ensinando metodologias de público, recepção e dinamização das mídias sociais desde os anos 80. Suas contribuições me permitiram atualizar meus conhecimentos a partir dessa abordagem mais etnográfica que tive a oportunidade de aprofundar mais tarde a partir de projetos com Jordi Grau desde a perspectiva da antropologia audiovisual. Continuo a defender a multimodalidade metodológica e a recepção é um dos quatro pilares em que se baseia qualquer análise do tratamento mediático da sociedade, os outros três são os da produção, difusão e dinamização (2006a, 2006b). Lembro-me daquelas fotos que ela mostrava com seu power point de famílias rurais com a televisão como principal protagonista da casa e como Jiani explicava com o interesse de quem a viveu por dentro.

Figura 1. Um presente de Jiani



Mas ao mesmo tempo que alimentava todo aquele lado investigativo, ia conhecendo a poeta Jiani que nos deu versos com o coração. Ainda tenho alguns deles e também alguma dedicação como um CD com a música do Santana, Supernatural Live, em que ele gravou no mesmo disco, com um daqueles marcadores que fixam a escrita: "Aprender a festejar", aproveitando o semicírculo de um lado, e na capa de plástico prendeu um guardanapo de papel branco com este verso curto: "Um presente para inspirar... uma " viagem de experimentar.... ", adicionando desenhos de flores com cinco ou seis pétalas ambas ao CD quanto ao guardanapo. E era essa combinação humano-pesquisador que me seduzia cada vez mais no Brasil.

Fabricio Silveira fez duas estadas no MIGRACOM, uma em 2005 e outra em 2007, também como professor do *Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação* da UNISINOS, que fazia

parte do projeto hispano-brasileiro. Com Fabrício tivemos a oportunidade de nos aprofundarmos na imagem, em particular no papel da câmera como ferramenta fundamental para a investigação das transformações sociais e em alguns debates, bastante epistemológicos, derivados do seu uso nas cidades. Através de Fabrício tive a oportunidade de conhecer Luis Eduardo Achutti, professor de antropologia da UFRGS, fotógrafo renomado no Brasil e autor de obras que caíram em minhas mãos por acaso (observação casual, sempre casual, aquela chance de que não é causalidade (LORITE GARCÍA, 2000) e que me permitiu ampliar meus conhecimentos sobre a antropologia audiovisual e refletir sobre o vínculo que ela pode ter com a pesquisa e a comunicação audiovisual.

Fiquei com ele uma tarde de outubro de 2004 para comer em um antigo restaurante, localizado em uma esquina do corredor Araújo Ribeiro, no andar térreo da Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre. Foi "amor à primeira vista". Rapidamente vimos que tínhamos ideias semelhantes sobre o papel investigativo e científico da câmera. Você sente que está com alguém em perfeita sintonia apesar de falar uma língua diferente, eu espanhol, ele português (proveito para abrir este parêntese para afirmar que nunca precisei falar português no Brasil, eles sempre me entenderam, ou pelo menos sempre me disseram que me entendiam por que aparentemente falo devagar, mastigo as palavras e estico as letras, por isso não fiz o menor esforço para falar embora eu o leia e entenda perfeitamente). Ele me deu uma cópia de seu livro *Photoethnography* (ACHUTTI, 1997).

Aquele resumo da tese dele, editado com alguma provocação porque metade é lida em uma direção (é apenas texto) e a outra metade é vista (são quase todas imagens) na outra direção. É por isso que tem duas capas invertidas idênticas, são dois livros num só, mas ao colocá-lo desta forma conjunta obriga a pensar na função heurística do design gráfico com aquela provocante

localização das imagens num livro. Este trabalho foi essencial para os meus subsequentes cursos de doutoramento em Comunicação Audiovisual na UAB e de *Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na UNISINOS*, sobre metodologias de investigação audiovisual aplicadas a temas como transformações sociomédicas, migrações e processos de informatização social.

Fabrizio na época era um fiel discípulo de Walter Benjamin. Ele recomendou que eu revise *On Photography* (BENJAMIN, 2004). Benjamin é uma perspectiva filosófica demais para mim, comentei com ele, ele vai além do que não pretendo alcançar com a pesquisa audiovisual aplicada. Também nessa época Fabrizio começava a dirigir pesquisas e teses pensando na possibilidade de incluir o olhar da câmara, principalmente o fotográfico, e aplicá-lo à cartografia de Porto Alegre (SILVEIRA, 2005). Eu vinha trabalhando nessa perspectiva desde os anos 1990, especificamente de uma longa estada no GRICIS da UQAM em Montreal, durante os anos 1996 e 1997, com Gaetan Tremblay, que me permitiu desenvolver minhas primeiras notas sobre observação visual casual aplicada à o estudo das transformações sócio-midiáticas (LORITE GARCÍA, 2000 e 2017). É uma honra para mim saber que Fabrizio recomendou em seus programas de doutorado a minha apresentação apresentada na Alaic 2000, realizada em Santiago do Chile: "Observação casual: uma proposta para o estudo das transformações socio-midiáticas" (LORITE GARCÍA, 2000).

A partir desse estilo pessoal que foi possível utilizar na época, escrevo uma introdução que chamo de *Uma reflexão inicial como ensaio* e na qual noto que: "Uma das minhas obsessões como investigador social, desde os mais de 20 anos que estive no comércio, é conhecer os impactos reais, autênticos e profundos da mídia/informação na sociedade. Acho que, nesse sentido, sou muito pouco original" e acrescento que: "Outra obsessão, algo mais metafórico e filosófico e, portanto, mais pessoal e original ao mesmo tempo, mas não menos real, autêntico e profundo do que o anterior,

é insistir em descer em um plano kamikaze intelectual pelas encostas negras de esqui da Ciência, apoiando os pés em ferramentas audiovisuais experimentais". Sei que faço isso em uma época em que parecem estar na moda os traços retos com desenhos textuais clássicos e perfis lineares arrastados ao longo de pistas horizontais confortáveis parecem estar na moda por muitos pesquisadores que afirmam ser os autênticos bastiões da transmissão de conhecimento científico e rigor.

Digo isso logo que saio da caixa, pois acabo de revisar algumas leituras para escrever esta apresentação e fui influenciado por pensamentos como o de Jesús Ibáñez. O brilhante sociólogo veio a escrever, antes de sua morte, parágrafos tão lúcidos e diretos como os seguintes<sup>4</sup>:

Alguém, como o protagonista de *Morgan, um caso clínico*, muitas vezes teve a impressão de viver em uma ilha de bom senso rodeada por um mar de loucura. Mas nunca a impressão foi tão vívida como quando ele foi cercado por seus colegas pesquisadores sociais. Principalmente aqueles que se autodenominam - com letras maiúsculas - cientistas. Eles fazem o que fazem sem pensar no que fazem, aplicam suas rotinas sem saber por que ou para quê. Rotinas que foram emprestadas de uma ciência que foi construída em outra época - 300 anos atrás - para outros fins - o estudo dos fenômenos físicos. Será que um é muito inteligente e eles são muito estúpidos? É uma hipótese muito improvável. Tudo parece indicar que são eles os espertos:

---

<sup>4</sup> Ver *Novos avanços na pesquisa social*, Proyecto A Ediciones, Barcelona, 1998.

porque o pagamento - em dinheiro, no prestígio ou no amor - está caindo sobre eles. Enquanto um, e aqueles que são como um, permanecem isolados na ilha. (IBÁÑEZ, 1998).

Nessa perspectiva de pesquisa visual, tive a oportunidade de ampliar meus conhecimentos como "guia" para a estada pré-doutorado de seis meses (de 1º de setembro de 2006 a 1º de março de 2007) de Denise Teresinha da Silva, do *Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação* de UNISINOS, bolsista de doutorado sanduíche da CAPES. Já conhecia Denise na UNISINOS no curso de doutorado em "Metodologias de uso de meios audiovisuais para investigação da realidade social". Denise vem com o intuito de aprofundar a perspectiva que então desenvolvia com o Fabrício sobre *Implicações da imagem fotográfica: imigração e gênero*, e que procurava compreender os usos da imagem fotográfica pelos descendentes de imigrantes e em particular como eles impactar essas imagens em relação ao gênero e posicionamento de identidade. Uma foto dos nossos antepassados pode provocar essas transmissões socioculturais, mas insisti que a imagem estática não é só isso, mas que por trás dela há um tratamento visual, uma linguagem fotográfica em que o tipo de tomada condiciona a mensagem e que isso pode ser o essencial a considerar sobre a transmissão de identidade (LORITE GARCÍA, 2006A e 2006B).

Este tem sido um dos debates recorrentes como um "guia", para ver se é possível incorporar as linguagens visuais e audiovisuais a partir do valor que lhes é dado a partir da produção de mensagens visuais e não apenas dos efeitos e usos que nós interpretamos a partir da análise de conteúdo. Denise apresentou a sua tese de doutoramento em 2008 na UNISINOS com o título "Fotografias que revelam imagens de imigrantes: pertencimento e gênero como rostos de identidade" (SILVA, 2008), dirigido por Denise Cogo. É para

mim um prazer constatar que conto no agradecimento com esta dedicação: “ao Professor Nicolás que me orientou durante o meu doutorado sanduíche e que muito contribuiu para a minha pesquisa”.

No mesmo período em que Denise também fui “orientador” de Norberto Kuhn Junior, ela veio como ela do *Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação* da UNISINOS, e, como ela também, com o intuito de aprofundar a perspectiva da linguagem visual, fotográfica. e seus usos diários na Internet. Por isso, sua estada de seis meses, de 1º de setembro de 2006 a 1º de março de 2007, com bolsa da CAPES, tem como objetivo abordar o objeto de estudo: “Jornais fotográficos na Internet: da ideia do fotográfica à continuidade de dois usos para os fundamentos de comunicação da socialidade cibernética”. Especificamente, interessa-se por estudar: “... *as identidades pessoais e os grupos* que nos foram gestados, os usos fotográficos ou os contratos de comunicação de produção/recepção em ambiente virtual, cuja materialidade e expressão se dão através de dois fotoblogs pessoais”. E argumenta que está particularmente interessado no uso do fotográfico no contexto das transformações sociomédicas que vínhamos abordando a partir do MIGRACOM:

Como objeto de estudo e como recurso de inteligibilidade das transformações sociais), vislumbramos a qualificação de nosso referencial teórico-metodológico por meio de nossa articulação com as experiências de estudo da produção/recepção, bem como dos estudos em torno o desenvolvimento de Metodologias de Pesquisa Audiovisual Aplicada, realizado pelo Grupo de Pesquisa em Migração e Comunicação (MIGRACOM). Nesse sentido, destacamos a experiência de pesquisa empírica e a abordagem teórico-

metodológica do Professor Nicolas Lorite sobre metodologias de pesquisa audiovisual. A partir de sua orientação e acompanhamento, buscaremos aprofundar nossos conhecimentos sobre o papel que as linguagens, as técnicas audiovisuais e as tecnologias desempenham, que não determinam as realidades sociais e as transformações sócio-midiáticas.

É um argumento que surge dos encontros anteriores que temos no curso que ensino no doutorado da UNISINOS, aqueles debates anteriores com os “orientados/as” que foram fundamentais para delinear o seu objeto de estudo. Norberto apresentou sua tese de doutorado em março de 2008 na UNISINOS, dirigida por Fabricio Silveira, com título bem diferente do que pensava ao chegar à MIGRACOM, embora com perspectiva semelhante: *Painéis fotográficos na Internet. Um estudo sobre fotoflogs como molduras de mostraçã*o (KUHN, 2008).

Volto um pouco no tempo porque na verdade a primeira aluna de doutorado a fazer uma estadia comigo no MIGRACOM, no âmbito do projeto internacional, foi Elizara Carolina Marín, do *Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação* de UNISINOS, ao obter um bolsa sanduíche CAPES por seis meses, de dezembro de 2004 a julho de 2005. Elizara aborda tese que acaba defendendo em 2006 na UNISINOS com o título: *Entretenimento televisivo: pesquisa sobre produtos e recepção de dois Domingão do Faustão (Rede Globo) e Domingo Legal (SBT)* (MARÍN, 2006), sob a direção de Efendy. É um trabalho no qual Elizara nota o interesse que tanto Efendy quanto eu temos pela necessidade de abordar esses objetos de estudo socio-midiáticos a partir de uma transversalidade interdisciplinar (MALDONADO, 2006; LORITE GARCÍA, 2004). É por isso que ela acaba incorporando as diferentes

perspectivas culturais, econômicas, políticas, simbólicas, antropológicas e sociológicas em sua análise para entender como sua análise transversal permite-lhe abordar em profundidade como o entretenimento televisivo impacta e dinamiza uma recepção plural.

No âmbito do projeto internacional, também faz sua permanência pré-doutorado sanduíche (sempre me surpreendi com esse hambúrguer "americano" denominação da bolsa) Juciano Lacerda, de 20 de outubro de 2005 a 20 de março de 2006, com bolsa da CAPES, do *Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação* da UNISINOS. Juciano tem interesse em aprofundar-se na linha de investigação sobre "Comunicação e meios digitais" e, em particular, sobre as utilizações e apropriações feitas pelos imigrantes dos Pontos Ômia da Rede de Telecentros da Catalunha. Especificamente, como se comunicam com seus países de origem, mas também os processos de dinamização interpessoal e intergrupala que ocorrem entre eles nesses espaços urbanos digitais, concebidos como ideais para a inclusão social.

Anteriormente, tive Juciano como aluno do meu curso de doutorado da UNISINOS. Algo que me chamou a atenção sobre ele é que às vezes ele cochilava na aula. Aparentemente, ele viajou muitas horas de ônibus para poder chegar ao horário de aula. Ele dormia ou mal dormia no ônibus e o cochilo era lógico. Mas o de Juciano foi um cochilo estranho. Ele aprendeu tudo o que foi explicado. Consegui abrir de repente um olho, perguntar algo de muito interesse e continuar a cochilar um último cochilo, um cochilo que interrompi valendo-me daquela técnica pedagógica de elevar repentinamente a intensidade da minha voz (embora confesse que foi difícil porque tenho um tom bastante baixo). O que é evidente é que a nível profissional tem dado poucas sonecas porque é um dos investigadores e professores universitários mais ativos, preparados e eficientes que conheço. Juciano apresentou sua tese de doutorado em fevereiro de 2008 com o título *Ambientes de comunicação e experiências de mídia digital: conexões e sentidos entre*

*espacialidades pessoais, arquitetônicas e digitais: um estudo da experiência de dois internautas em telecentros de acesso público gratuito dois projetos Paranavegar e Faróis do Saber - Curitiba (PR)* (LACERDA, 2008), sob orientação de Efendy e co-orientação de Christa Berger.

Deisimer Gorczevski recebe bolsa de sanduíche da CAPES de quase um ano (que épocas são aquelas em que a CAPES fazia esse tipo de suculentas concessões econômicas por períodos tão longos), de 10 de outubro de 2005 a 31 de agosto de 2006, como pesquisador do projeto Programa Internacional e *Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação* da UNISINOS. Ao longo do ano conseguiu conceber a "Construção Teórico-Metodológica da Análise das Intervenções Juvenis em Meios Audiovisuais (rotina de produção, gestão, produtos)" para a sua tese de doutoramento, denominada durante a estada "Visibilidade dos Meios Micropolíticos Juvenis num Periférico comunidade de Porto Alegre "mas acabou tendo um título mais audiovisual depois de tê-la primeiro como aluna de doutorado na UNISINOS, logo como aluna de doutorado na UAB e também como "orientador "determinado a fazê-la ver a importância do audiovisual. em seu trabalho. Por isso, acabou se chamando: "Micropolítica da juventude e visibilidades transversais: in (ter)venções audiovisuais na Restinga" (GORCZEVSKI, 2007).

Com Deisimer Gorczevski, pude trocar de moradia por alguns meses. Ela permitiu que eu desfrutasse de seu apartamento localizado no bairro judío central do Bom Fim em Porto Alegre, durante minha estada na UNISINOS em 2005, e, em troca, ficou hospedada em meu apartamento em Cornellà de Llobregat, bairro operário metropolitano periferia, diferente da judia de Porto Alegre, mas muito bem conectada ao centro de Barcelona e à UAB. Algo que sempre lembrarei sobre ela é aquele dia em que me levou para visitar a favela da Restinga, na zona sul de Porto Alegre, onde estava fazendo trabalho de campo para a tese. Lembro-me de entrar no carro dela, sempre com a câmera na mão, sentada no banco do

carona, mas escondendo muito bem e ela indicando com os olhos, sem mostrar a expressão, que aqueles jovens da esquina estavam nos controlando e sabiam onde estávamos indo, era melhor não olhar para eles ou tirar fotos deles. Confesso que tais situações impõem algo, parecia quase uma sequência tirada do filme *Cidade de deus* que eu tinha visto anos antes.

Liliane Dutra Brignol é a última "orientanda" do projeto internacional, bolsa da CAPES de 1 de março de 2007 a 31 de janeiro de 2008, e que vem ao MIGRACOM para tratar do tema: *"Redes sociais de imigrantes na Internet: um Estudo as apropriações das mídias digitais pelos latino-americanos como estratégia de integração das cidades"*. Liliane se aprofunda em um tema que vinha investigando em Porto Alegre e que amplia na cidade de Barcelona, sobre como os diferentes acessos às redes sociais de imigrantes na Internet facilitam, por sua vez, diferentes condições de cidadania e sociocultural integração. É um tema que venho desenvolvendo a partir da pesquisa sobre os processos de informatização social e dinamização intercultural mediada, durante os anos 90 e que tenho a oportunidade de discutir com ela anteriormente em alguns tutoriais durante minha estada na UNISINOS, tomando como referência alguns trabalhos como "A Internet como meio ao serviço dos valores da interculturalidade ao nível local em Espanha" (LORITE GARCÍA, 2002a), extraídos da investigação sobre "Imigração, comunicação e dinamização sociocultural ao nível local" , para a Diputació de Barcelona (LORITE GARCÍA, 2002B).

Liliane apresentou sua tese de doutorado em 2010 na UNISINOS com o título "Migrações transnacionais e Uso Sociais da Internet: identidades e cidadania na diáspora Latino-Americana" (BRIGNOL, 2010), na UNISINOS, sob orientação de Denise Cogo.

O projeto internacional também facilita a incorporação de Cristina Wulforst, pesquisadora de iniciação científica do *Mestrado em Comunicação* da UNISINOS, especialista em "Comunicação e Cooperação Intercultural" pela Universidade de Ciências Aplicadas

de Munique e aluna do doutorado do Centro de Cultura Pesquisa na University of Western Sydney na Austrália, contratada em 2006 pela MIGRACOM para o estudo "Processamento de informações sobre imigração na Espanha". Contacto com Cristina em 2004 na UNISINOS e desempenha um papel de destaque no apoio às atividades do projeto internacional e ações internacionais como as que realizamos em janeiro de 2005, primeiro no Fórum das Migrações e depois no Fórum Social Mundial, ambos realizados em Porto Alegre. Durante sua estada no MIGRACOM, desenvolveu a linha de pesquisa na qual vinha trabalhando: "Mídia e migrações internacionais no cenário Brasileiro: Interações de imigrantes latino-americanos com a mídia fora do quadro de estratégias e políticas de visibilidade e gestão midiática da interculturalidade representada pelas migrações contemporâneas".

A ressonância positiva do projeto internacional no Brasil permite que a professora Maria Luiza Martins de Mendonça, da Universidade Federal de Goiás, se interesse em vir ao MIGRACOM para realizar seu pós-doutorado, de 1º de janeiro a 30 de junho de 2007, com bolsa da CAPES, com o objetivo de aprofundar "A representação e expressão de grupos minoritários nos meios audiovisuais". Este trabalho tem como objetivo analisar a incidência das produções audiovisuais, em particular as cinematográficas, nos processos de dinamização cultural capazes de produzir discursos contra-hegemônicos. Incorpora o conceito de dinamização sociocultural, em particular o de dinamização interpessoal e intergrupual, ativa e mecânica, que venho aplicando desde os anos 80 (LORITE GARCÍA, 1992) e que no seu caso o interpreta como: "a capacidade do diferente meios de comunicação para divulgar discursos e provocar reflexões sobre determinados temas, bem como as formas diferenciadas como indivíduos e grupos se apropriam dessas informações e os sentidos que delas elaboram ", afirma o relatório final de sua estada. Consegue limitar seu objeto de estudo à construção de significados e à apropriação diferencial

que atores sociais coletivamente organizados fazem de um evento de grande cobertura midiática com o Festival Internacional de Cinema em Direitos Humanos, realizado em outubro de 2007 na cidade de Barcelona.

E o impacto do projeto internacional e o prestígio que o MIGRACOM vem conquistando no Brasil me permite conseguir uma bolsista do Programa Alban, Maria Badet Souza (candidatura E07D401061BR), de junho de 2007 a junho de 2010 para desenvolver o projeto "Imigração de mulheres jovens Brasileiras para a Espanha: Um Estudo Comparativo da Televisão Pública". María junta-se aos estudos sobre o "Tratamento informativo da imigração em Espanha 2007 e 2008" que temos vindo a realizar periodicamente para a Secretaria de Estado da Imigração e Emigração e se encarrega de apoiar a reciclagem periódica interativa de um site da MIGRACOM, pensava, já naquela época, em difundir conhecimento, mas também em interagir e provocar a participação interativa dos usuários. Como resultado do trabalho que vem desenvolvendo durante sua estada e das análises sobre o tratamento da imigração na mídia a partir da MIGRACOM, nos dá a oportunidade de apresentar o texto conjunto; "Tratamento da mídia da imigração brasileira na Espanha" (LORITE GARCÍA, BADET, 2011).

## **Segunda etapa (a partir de 2012): muito mais produtiva que a primeira**

Dizem que as segundas partes nunca são melhores que as primeiras. talvez estejam enganados. Em nossos passeios com Efendy por seu bairro comentamos como depois de uma primeira etapa riquíssima em todos os sentidos e com todas as cores do arco-íris, abrimos um longo parêntese até que em 2011 o fechamos e seguimos em frente. Acontece frequentemente. A vida é assim. Por aqui dizemos que nos parecemos com o Guadiana, um dos rios mais longos e poderosos de Espanha que desagua na fronteira com Portugal e que atravessa um longo trajeto de muitos quilómetros

por onde “misteriosamente” desaparece debaixo da terra e surge depois, bastante um mais poderoso. E assim está sendo esta segunda etapa do segundo projeto hispano-brasileiro que pudemos aprovar a partir de 2014, apesar dos obstáculos crescentes que se colocam a pesquisa universitária em tempos de crise, em que os subsídios para desenvolver o conhecimento começam a escassear cada vez mais.

Em junho de 2013 realizamos na UAB o *Encontro Internacional de Cooperação em Pesquisa na área das Ciências da Comunicação. Diálogos transmetodológicos entre os grupos de pesquisa consolidados PROCESSOCOM (Brasil) e MIGRACOM (Espanha)* que nos permitiu detalhar o Projeto de Cooperação Interuniversitária Hispano-Brasileira, aprovado pela CAPES (40/2014) e MECD (HPB1400030): *Publicidade, propaganda, alteridade e cidadania: estratégias transmetodológicas para a análise da diversidade nos contextos de mudança econômica e social no Brasil e na Espanha*. Com um objeto de estudo no qual integramos as diferentes linhas de pesquisa que vínhamos desenvolvendo pelos três grupos de pesquisa envolvidos: MIGRACOM-UAB, PORCESSOCOM-UNISINOS e PRAGMA-UFRN.

Esta nova fase permitiu ampliar meus conhecimentos de pesquisa e minha socialização com a excelência humana do Brasil como um guia para as estadias de pós-doutorado de Juciano Lacerda; as estadias de pré-doutorado de Rafael Folheto, Marco Bonito, Felipe Guy Martini, Lisiane Machado Aguiar, Tabita Strassburger, Thays Helena Silva Teixeira, Leila Lima de Sousa, John Willian Lopes e Mariella Graziella Oliveira da Silva; além de Jiani Bonin, como co-coordenadora do projeto internacional; e mais algumas experiências facilitas por Juciano Lacerda desde a UFRN, como àquelas com Iano Flavio e Josimey Costa.

Em primeiro lugar, destaco a breve estada que Jiani Bonin pôde realizar no MIGRACOM, de 30 de janeiro a 8 de fevereiro de 2017, como co-coordenadora do Projeto Hispano-Brasileiro. Jiani

conseguiu viajar à Espanha apesar das crescentes dificuldades administrativas e econômicas enfrentadas pelas universidades brasileiras e espanholas para realizar essas atividades e desenvolver pesquisas já aprovadas. Ainda assim, durante a estada de Jiani constatamos que havíamos mais do que cumprido os objetivos da pesquisa propostos e que nos orgulhamos de tê-los publicado no livro coletivo *Publicidade, propaganda y diversidades socioculturais* (BONIN, LORITE GARCÍA e MALDONADO, 2016), publicado pelo CIESPAL. Nesta publicação puderam participar diferentes pesquisadores do projeto internacional, trazendo contribuições de suas respectivas linhas de pesquisa.

Durante sua breve estada no MIGRACOM, Jiani proferiu palestra no Grupo Guiado de Antropologia Fundamental (GRAFO-UAB), no dia 3 de fevereiro de 2017, sobre *A construção metodológica da pesquisa em recepção de mídia*, que se dirige, segundo a síntese da apresentação a debater “[...] a construção teórico-metodológica da mediação e os delineamentos dos problemas e procedimentos de pesquisa, levando em conta os significados, usos, apropriações e produções da mídia contemporânea”. Eu gravo a conferência com minha câmera e tiro fotos com meu celular (uso cada vez mais o celular para aquela observação casual que não é uma observação casual (LORITE GARCÍA, 2017)).

Eu sempre faço isso. Não só faço as minhas notas em papel, mas gravo tudo o que considero interessante de forma áudio e / ou visual, para depois utilizá-lo em algum momento como suporte para o ensino ou investigação audiovisual aplicada. Lembro-me que no momento das perguntas levantei justamente essa questão, de usar apenas a câmera como a ferramenta de pesquisa mais adequada para investigar a recepção da mídia, mas tive uma briga por causa disso, tanto com Jiani quanto com alguns dos antropólogos presentes.

Ainda é difícil explicar e entender que a câmera por si só é suficiente para investigar a realidade e transferir esse conhecimento de forma científica e que não temos que conceituar seu uso de forma textual porque a guardamos em nossas mentes e ela irá sempre ser uma câmera com uma intenção narrativa por trás. É sobre isso que os fotojornalistas costumam comentar. Sobre esse saber olhar para a realidade. Não é aquele olhar de irmão mais velho ou aquela câmera de vigilância do cidadão. Tampouco é aquela câmera que transmite streaming sem critérios diferentes daquele que é limitado pelo que a lente usada mostra.

Lembro-me que durante esse debate com Jiani, ao mesmo tempo porque sei fazer duas coisas juntas, da conferência que ela deu há 12 anos, no encerramento do Curso Internacional de Interculturalidade e Mídia, e que ainda tenho em DVD. Quantas vezes foram aqueles em que o conhecimento foi guardado desta forma! (Acabei de ler que ele pode voltar como os discos de vinil o fizeram). Eu estava vendo uma Jiani muito mais tranquila em sua fala, mas a sua comunicação não-verbal ainda era da mesma Jiani daquela época. Era a Jiani que combinava excelência em pesquisa com excelência humana. Não se desnaturalizou, nem exaltou a fumaça, como costuma acontecer com mais de um “acadêmico” quando atinge o status profissional e a experiência de pesquisa que ela adquiriu. E como é aquela mesma e humana Jiani, dá sempre para conseguir um encontro pessoal e familiar. Lá ficamos para escalar a emblemática montanha de Montserrat com seu companheiro Alberto e meu neto Ibai e desfrutar daquele lugar quase mágico onde se vendem as melhores *mató amb mel* (queijo com mel) do mundo.

Rafael Folleto é o primeiro aluno de doutorado a chegar ao MIGRACOM nesta nova etapa, com estada de 9 meses (de 8 de julho de 2013 a 31 de março de 2014), com bolsa da CAPES. Rafael tem o intuito de esclarecer algumas incógnitas importantes sobre sua tese de doutorado que então denominou: *Presidentes da América Latina:*

*inter-relações entre sujeitos comunicantes e conjunto audiovisual*, dirigida por Efendy do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS.

Lembro que com Rafael tivemos um debate bastante profundo sobre o arcabouço teórico apropriado e o processo metodológico para avaliar sua amostra de documentários para televisão sobre Presidentes latino-americanos. Sugerí que apenas a análise das entrevistas com os Presidentes no formato audiovisual televisivo não condiz como matéria para uma tese apresentada apenas em formato textual. É algo que faço habitualmente com os orientados e orientadas. Ao que posso, os encorajo a refletir sobre a possibilidade de fazer esse caminho do audiovisual para o audiovisual, sem ter que passar pela transcrição textual, mas sublinhando que o resultado denota sempre o mesmo rigor científico. Esta é uma forma de fazê-los ver é fazê-los participar de um projeto de pesquisa audiovisual aplicada e colaborar com uma equipe de produção audiovisual da minha disciplina *Técnicas de Produção Televisiva* do Curso de Licenciatura em Comunicação Audiovisual da UAB.

Rafael teve a oportunidade de verificar como executamos esses processos metodológicos audiovisuais, do meu ponto de vista tão científico quanto textual, participando dos primeiros testes de pesquisa audiovisual aplicada e pesquisa-ação do *Estudo Multimodal sobre a representação da diversidade em a publicidade televisiva e os efeitos interculturais nas cidades mediterrânicas em tempos de crise* para o Ministério da Economia e Competitividade (CSO2012-35771). Ele teve a sorte de chegar a essa primeira fase em que tentamos delimitar metodologias quantitativas e qualitativas e delimitar dúvidas conceituais para identificar e codificar, da forma mais objetiva possível, algo tão essencial para conhecer a representação da diversidade na publicidade como ela é nas identidades físicas e culturais dos protagonistas dos spots televisivos (LORITE GARCÍA, GRAU, LACERDA, 2018). Por fim, optamos pelo

conceito de fenótipo, descartamos outros como raça, etnia ou a suposta origem geográfica.

Rafael teve a sorte de participar daquela fase mais epistemológica da pesquisa em que todas são questões se debatem e demoram a ser devidamente resolvidas, tais como: podemos chamar de spot publicitário televisivo ou devemos defini-los apenas como unidades publicitárias televisivas de acordo com os critérios objetivos exigido pela investigação? A partir de que critérios analisamos os spots ou UPTV? Podemos usar apenas critérios de produção audiovisual publicitária? E, em qualquer caso, como identificamos boas práticas inclusivas que estimulam a interculturalidade?

Rafael apresentou sua tese de doutorado em 23 de maio de 2015 na UNISINOS com o título final de *Presidentes da América Latina: inter-relações entre sujeitos comunicantes e a série de entrevistas* (FOLLETO, 2015). É uma honra para mim aparecer nos agradecimentos como o "orientador" que o ajudou a construir a sua tese "com muito diálogo, interesse e humildade para partilhar conhecimentos e indicar caminhos de investigação". Ele também agradece sua participação em um grupo como o MIGRACOM, que está em "outro espaço e temática". Folleto também não esquece dos colegas de *Técnicas de Produção de Televisão* que apoiaram sua pesquisa e conclui com a frase: "Aos amigos que tornaram o cotidiano na Catalunha "más genial!". É um bom resumo para a excelência investigadora e humana dos orientadandos do Brasil.

Marco Bonito, chegou um pouco depois de Rafael, também do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação de UNISINOS, e também com bolsa da CAPES, mas por um período mais curto de apenas seis meses. Enric Prats, professor de Ciências da Educação da Universidade de Barcelona, integrou a equipe de pesquisa do MIGRACOM para dar apoio ao projeto sobre a representação da diversidade na publicidade e foi participante do encontro internacional de 2013, na UAB, em que o projeto

internacional hispano-brasileiro se consolidou. Marco veio com o interesse de obter o máximo de informações para uma tese destinada a abordar os *Processos da comunicação digital deficientes e invisíveis: mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas deficiência visual no Brasil*, dirigida por Jiani Bonin.

Marco conseguiu entrar em contato com a ONCE (Organização Nacional de Cegos Espanhóis) e obter apoio para algumas ideias sobre o quão pouco este assunto é tratado na Espanha, da perspectiva que ele vem investigando. No dia 25 de maio de 2015, coincidindo com a minha permanência no projeto internacional da UNISINOS, tive a honra de ser convidado como membro da banca de tese de doutorado do Marco. Pude verificar, e isso comuniquei a ele, o quanto era necessário continuar aprofundando essa linha de pesquisa em Ciências da Comunicação e frisei que aquela é uma tese de conscientização porque ao lê-la você presta muito mais atenção a este tipo de sinalização nas cidades. Você confere os sinais que estão no chão das estações de metrô e trem e percebe como as pessoas com deficiência visual os utilizam.

A propósito, é apropriado chamá-los assim? São pessoas com deficiência? Durante a minha intervenção na banca comentei que por aqui o termo diversidade funcional começou a ser utilizado como mais inclusivo. Significa então que eles são pessoas com uma diversidade funcional? Estamos progredindo muito neste caminho inclusivo e estamos cada vez mais perto de nomear esses e outros grupos sociais e minoritários da forma mais adequada. Mas, me parece que a forma mais inclusiva seria não os diferenciar ou nomeá-los de forma particular alguma, priorizando a individualidade e seu tratamento pelo nome e sobrenome.

Sobre isso já trabalhamos bastante da MIGRACOM, no contexto da chegada de grupos de imigrantes. Propusemos que a mídia os identifique com seus nomes e sobrenomes, como normalmente é feito com fontes locais (LORITE GARCÍA, 2004), mas

como muitas das propostas inclusivas, é fácil para eles deixarem de sê-lo quando há uma tragédia e eles passam a morrer fazendo a viagem de barco da África à Espanha. Eles não recebem um tratamento diferenciado. Eles são criminalizados e tratados como uma massa de imigrantes ilegais ou sem documentos que morrem por usar uma forma tão “irracional” de cruzar o Mediterrâneo.

Lisiane Machado Aguiar chega ao MIGRACOM depois de Rafael e Marco para realizar uma estada de pré-doutorado a partir do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UFRGS, de 1º de agosto de 2015 a 30 de julho de 2016 (um ano completo, enfim!). Lisiane chegou como bolsista da CAPES e apoiada pelo projeto internacional, para o aprofundamento da tese então denominada *Micropolítica das metodologias de pesquisa audiovisual: processos de produção de conhecimento científico em Comunicação*, dirigida por Nísia Martins do Rosário. Posso assegurar que Lisi é a pessoa com maior capacidade de fazer quantidade de coisas com qualidade que já conheci.

Durante sua estada ela deu um apoio fundamental ao projeto hispano-brasileiro. Ao mesmo tempo, torna-se uma investigadora essencial no *Estudo multimodal sobre a representação da diversidade na publicidade espanhola e os efeitos interculturais nas cidades mediterrâneas em tempos de crise* (CSO2012-35771), que realizamos no MIGRACOM com apoio do Ministério da Economia e Competitividade (MINECO), pesquisa com a tivemos a oportunidade de vivenciar a aplicação da multimodalidade metodológica na perspectiva da pesquisa audiovisual aplicada e da pesquisa-ação.

Lisiane participa não só da fase de análise das unidades de publicidade ou do estudo que chamamos de broadcast, mas também de experiências com câmeras de vídeo e fotográficas, como principais ferramentas para realizar o estudo da produção publicitária. Para este segundo estudo, entrevistamos uma amostra de 40 especialistas, entre criativos, diretores de casting, atores e atrizes de publicidade, publicitários de marcas importantes,

empresários e outros especialistas do setor com o objetivo de realizar um documentário sobre a diversidade na publicidade, como um material científico mais voltado para a transferência de resultados de pesquisas, aprovado pelos avaliadores científicos do projeto.

Lisi ainda complementou seu aprendizado em pesquisa audiovisual aplicada como aluna de uma equipe da disciplina *Técnicas de Produção Televisiva* do Curso de Licenciatura em Comunicação Audiovisual da UAB, que entre suas obrigações tem iniciar um decálogo de boas práticas inclusivas antes de realizar suas produções audiovisual. Ela também teve a oportunidade de participar de atividades de pesquisa-ação, especificamente, apoiando a realização de encontros como *A diversidade vende?* (La diversitat ven?, 2016), realizado em Barcelona no dia 25 de fevereiro de 2016, com o objetivo de combinar a apresentação dos resultados da pesquisa sobre a diversidade na publicidade com o debate entre anunciantes e especialistas em interculturalidade para abordar um tema essencial como boas práticas inclusivas.

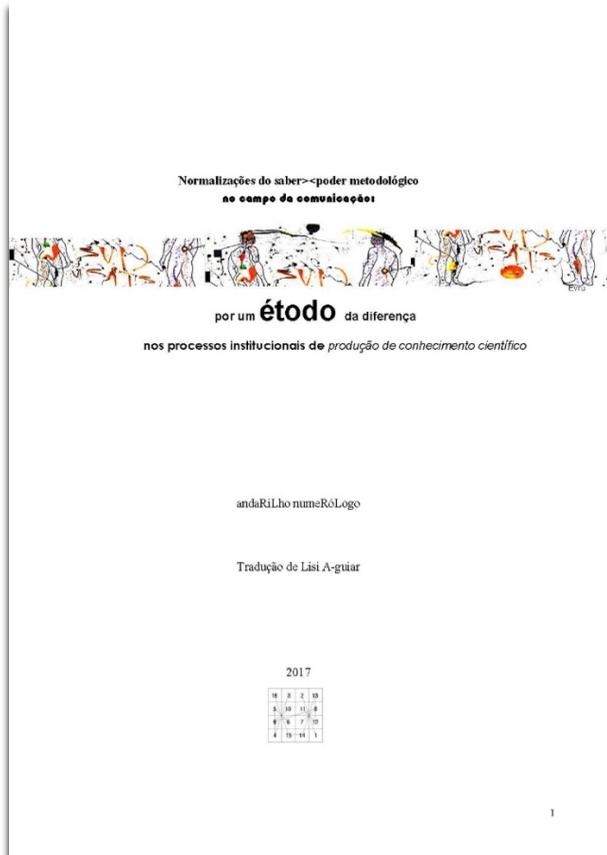
Lisiane também participou da organização de mais um encontro de pesquisa-ação que realizamos no dia 3 de maio de 2016 na Aula Magna da Faculdade de Ciências da Comunicação da UAB, denominado *De onde você diria que sou? Diversidade sociocultural na publicidade audiovisual: conversas em torno de boas práticas inclusivas*, organizado pelo MIGRACOM com a Mesa Redonda para a *Diversidade no Audiovisual* do Conselho Catalão do Audiovisual, em colaboração com a Rede AMLAT, evento do qual Efendy participou, por videoconferência para mostrar os resultados preliminares da análise sobre a diversidade da publicidade no Brasil na amostra que havíamos planejado para o projeto hispano-brasileiro.

Também tive a honra de ser eleito membro da banca de sua tese de doutorado. Lisi mudou bastante o título que ela havia planejado quando começou sua estadia comigo. Seu trabalho acaba se chamando *Normalizações do saber-poder metodológico no*

*campo da Comunicação: por um método da diferença nos processos institucionais de conhecimento científico* (MACHADO, 2017), que foi apresentado em 7 de abril de 2017 na UFRGS. Não pude participar devido a dificuldades de última hora com os horários programados, mas enviei um texto que foi lido em tribunal, escrito, é claro, no mesmo estilo pessoal e até de acordo com o quão provocador este capítulo. Algo que me chamou a atenção na tese de Lisi foi a capa (ver Imagem 2).

Enfatizo que na capa se vê claramente como vai ser o conteúdo. E acrescento que “é quase uma tese por si só” e depois argumento: “Como pertença ao audiovisual e ultimamente mais ao visual paro nele. A capa faz um jogo, não sei se cabalístico, mas bastante epistemológico e tipográfico. Dá um valor ao tamanho e à fonte, ao uso de letras maiúsculas para destacar o R e L do número andaRiLhonumeRóLogo (ao revisá-lo eu me pergunto se o primeiro RL e o segundo RL significam algo, se eles têm um significado por si próprios ou juntos, mesmo que cada letra tenha um valor e sua soma seja igual a algum número). Enquanto tento resolver sozinho a equação, penso que um dia vou esclarecer minhas dúvidas perguntando ao autor.

## Imagem 2. Capa da dissertação de Lisi



Sou a favor da análise multiperspectiva ou multimodal e de tirar o máximo de conclusões a partir de diferentes polos interpretativos. Nesse caso, sua versão é essencial. Mesmo assim, continuo a interpretar por conta própria. Também me chama a atenção que ele não usa letra maiúscula para iniciar a palavra andaRiLho, conforme as regras de grafia ordenam. Vemos também que A separa-se de orientador em seu sobrenome e o primeiro sobrenome Machado não aparece. Eu me pergunto se com isso ele

quer nos indicar que vai nos guiar ou nos dirigir por aquela miscigenação de saberes em que nos imerge com sua obra. Devo confessar publicamente que, desde o dia em que conheci Lisiane, uso meu segundo sobrenome Garcia. Até então eu usava apenas Nicolás Lorite, mas ela recomendou adicioná-lo e estou fazendo. No entanto, vou perguntar-lhe se há algum problema em ser citado como García e ser considerado Lorite, enfim, como meu nome do meio, estou começando a ser Nicolás L. Garcia. Seria necessário calcular se isso é bom de acordo com numerologia porque é evidente quem a domina perfeitamente e sabe incorporá-la desde a capa.

Felipe Gue Martini chegou ao MIGRACOM poucos meses depois de Lisi, especificamente no dia 15 de dezembro de 2016, com bolsa da CAPES para estada de pouco mais de sete meses, até 30 de julho de 2017, vindo do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação de UNISINOS, para tratar da sua tese de doutorado, então intitulada: *Jantares e materialidades musicais lo-fi entre Porto Alegre e Montevideú*, sob a direção do Efendy Maldonado. Não sei bem como qualificar a estada de Felipe, sem dúvida foi excelente, mas digo que não sei como qualificá-la porque tive a oportunidade de “guiar” alguém que combina perfeitamente a racionalidade científica com a anarquia artístico-musical. Acho que ele mesmo resume muito bem no relato de sua permanência com este parágrafo:

Apesar do professor Nicolás Lorite enfatizar o potencial abstrato de meu estilo de pesquisar, ele não deixou de apresentar seus movimentos de sistematização e análise dos materiais (nesse caso as publicidades televisivas), apontando caminhos possíveis para complementar as análises conceituais mais profundas.

Mas Felipe também reunia a excelência humana dos pesquisadores brasileiros e, ao mesmo tempo em que conheço sua família (ele vem para Barcelona com sua esposa Cecília e seus dois filhos Henrique e Francisco), toca violão no metrô de Barcelona, assim como mais um músico da Associação dos Músicos de Rua e Metro (AMUC). Felipe consegue atuar como artista de rua nas estações de metrô Universitat e Paral·lel, na Avenida Gaudí (ao lado da Sagrada Família) e no parque Ciutadella. Aproveita para anotar tudo isso em seu diário de campo e até mesmo para gravar entrevistas sonoras com músicos de rua. Encorajo ele a gravar com a câmera de vídeo e incorporá-la como mais uma contribuição audiovisual para sua tese, mas ele confessa que já havia pensado nisso, mas que era difícil para ele fazer sozinho. Eu me dispus a ajudá-lo, mas no fim o tempo voa e esse dia não chega. Mesmo assim, essa limitação nos permite descobrir uma das restrições da pesquisa audiovisual aplicada: às vezes é preciso ter uma equipe e vinculá-la desde o início com o processo de pesquisa, como já fizemos em alguns trabalhos do MIGRACOM, para que a câmera possa intervir adequadamente como ferramenta de pesquisa (LORITE GARCIA, 2015).

Ao mesmo tempo, o lado racional de Felipe consegue avançar na busca de materiais musicais na Internet nos sites Bandcamp e YouTube e codificá-los de acordo com o sistema que usamos no MIGRACOM para unidades informativas e publicitárias. Com isso ele pôde distinguir os projetos realizados pelos músicos e as etapas de realização de seus discos. Da mesma forma, ao analisar as unidades de publicidade televisiva do projeto MIGRACOM sobre diversidade e publicidade, ele conseguiu compreender como é possível codificar a diversidade fenotípica dos protagonistas e compreender as interações que ocorrem entre eles e elas como o principal elemento da interculturalidade inclusiva dos processos de dinamização. É por isso que Felipe sai com a impressão, e assim ele coleta em seu relatório final que:

A participação nesse coletivo fortaleceu minha impressão de que a pesquisa acadêmica pode ser relevante para a reflexão crítica e a transformação de processos instrumentais estabelecidos no mercado publicitário. As propostas de intervenção que Nicolás Lorite promove, ao trabalhar com pesquisas científicas em meios audiovisuais e buscar o mercado, a sociedade civil, órgãos do estado, agentes reguladores da comunicação, a fim de provocar debates e dinamizar o processo comunicativo é um método documentado que me apropriei. Foi um aprendizado importante participar dessas atividades mais políticas e cidadãs, onde a pesquisa se expande para além de seu modo operativo imediato na direção de um debate público efetivo com as diferentes instâncias da sociedade.

Algo que Felipe provocou em mim, desde aquela sua racionalidade anárquica, ao mesmo tempo extremamente simpática e evocativa, foi o desejo de recuperar as fitas cassete que ainda guardo em caixas de sapato. Sei que terei que digitalizá-las porque logo perderão suas partículas magnetizadas, se ainda não as perderam, e não serão mais ouvidas. São gravações dos anos 1970 e 1980 que outros amigos me deram como novidades musicais ou que gravei nas estações de música FM. Também guardo algumas com debates e palestras e até uma caixa de sapato especial com minhas próprias interpretações do violão (espanhol, acústico e elétrico) nos tempos em que entramos na luta anti-Franco imitando Bob Dylan e sua *Blowing in the wind*, ou formando nosso próprio grupo de rock com amigos. No meu caso um que chamei de ETC (naquela época eu já era um defensor daquele evocador etc. que é a vida) para tentar

imitar o rock sinfônico do Pink Floyd de *The dark side of the moon* com aquela *The Wall* do professor autoritário que trata os alunos como se fossem salsichas e que sempre tomei como referência do que não fazer como maestro:

No dark sarcasm in the classroom  
/ Teachers leave them kids alone /  
Hey, teachers, leave them kids alone /  
All in all it's just another brick in the  
wall /  
All in all you're just another brick in the  
wall

Para um amante da lo-fi como o Felipe, foi um prazer falar sobre essas gravações musicais e comentar como os sons mudam ao longo do tempo. O som dessas fitas, gravado com um único gravador mono auricular, colocado em um canto da sala de ensaio, não é percebido da mesma forma que o som gravado e editado em qualquer programa digital atual. Mesmo assim, fico verificando que o som da fita cassete é mais puro que o digital, é o mesmo com os discos de vinil. Acabei comprando um toca-discos este ano. Não é a mesma coisa ouvir um LP (Long Play) com aquele som extremamente nítido em que todos os instrumentos se diferenciam como o amálgama digital em que tudo parece um só e é apreciado com um único tom grave.

Também tive a honra de participar de forma virtual (aquela virtualidade que não cessa de prevalecer) na banca da tese de Felipe em 12 de abril de 2018 na UNISINOS. Por fim, ele a denominou *Platina: transmetodologia radical e estruturas musicais poéticas entre Porto Alegre e Montevideú* (Gue Martini, 2018). Apareço nos agradecimentos como: “[...] co-conselheiro professor Nicolás Lorite García, pelas suas contribuições cirúrgicas ao corpo de trabalho, pela

receptividade e amizade à disposição dos tempos de Barcelona, pela sua tranquilizadora jovialidade e rigor científico”.

Contribuição cirúrgica, receptividade, amizade, jovialidade e rigor científico. Quando leio, acho que, se sou visto assim, é porque estou começando a me transformar e a reunir alguns dos ingredientes típicos da excelência humana dos pesquisadores brasileiros. Mas também fico feliz em ler sobre Felipe em sua tese como ele apela ao cruzamento da transmetodologia com a metodologia multimodal. Diz ele: “[...] a transmetodologia como um princípio epistemológico ao permitir a confluência crítica de métodos guarda relação com as estratégias multimodais de Nicolás Lorite García (2015)”. Eu o critiquei por proclamar na página 12 de sua tese “[...] sua defesa audiovisual como tese”, mas que ele, finalmente, opta por uma tese textual. Em todo caso, era melhor que deixasse textual porque assim conquistou a Menção Honrosa na categoria tese do Prêmio Compós de Teses e Dissertações Eduardo Peuela 2019.

Juciano de Sousa Lacerda chegou da UFRN para realizar seu pós-doutorado de um ano, de 1º de junho de 2017 a 30 de junho de 2018, selecionado para Estadia Sênior no Exterior (EDITAL nº 16/2016, Processo nº 88881.120875 / 2016 -01) , por ser uma das poucas estadias de pós-doutorado concedidas pela CAPES e aparentemente a única concedida naquele ano às Ciências da Comunicação.

Juciano cumpre com sobras os diferentes objetivos investigadores, docentes e de transferência de conhecimento a que se propõe durante sua estadia e, tal como parece habitual nele, eles são muito mais do que qualquer pessoa “normal” como eu poderia realizar. Nunca deixa de me surpreender a incrível facilidade com que resolve sua complexa agenda de atividades sem deixar de empunhar aquele sorriso de bom menino nos lábios. Ele faz muitas coisas, tudo bem e parece sempre ser um homem feliz. Que inveja! Durante o pós-doutoramento, Juciano aborda o tema *Análise*

*qualitativa audiovisual das campanhas de prevenção da Aids na Espanha e no Brasil.* Juciano tenta aí aplicar a perspectiva metodológica multimodal à análise comparativa das campanhas de AIDS na Espanha e no Brasil.

Juciano teve a oportunidade de apresentar alguns avanços de sua análise no *Mestrado Oficial em Planejamento Estratégico em Propaganda e Relações Públicas* da UAB com a conferência *Deixar a camisinha entrar na festa (slogan do Carnaval Brasileiro 2016): Problemas no planejamento da estratégia da publicidade social no Brasil: o caso das campanhas de prevenção à AIDS*. Por fim, colocou um título mais marcante, menos acadêmico (minha culpa). Lhe convenco a colocar o slogan da campanha logo no início para que atraia mais o interesse dos alunos a quem é dirigida a conferência, que são futuros planejadores estratégicos de publicidade, em utilizar as mesmas ferramentas de comunicação. Ele também apresenta seu progresso nos Grupos de Trabalho de Doutorado do *Doutorado em Comunicação Estratégica, Publicidade e Relações Públicas* da UAB por meio de uma apresentação com um título mais "acadêmico" adequado para alunos de doutorado: *Diversidade Cultural e Comunicação Estratégica: pesquisa em campanhas audiovisuais de AIDS prevenção em Espanha*.

Juciano tem tempo ainda para realizar diferentes ações do Programa Hispano-Brasileiro e ao mesmo tempo participar dos trabalhos de pesquisa do MIGRACOM sobre a representação da diversidade na publicidade, participação que lhe permite ser coautor de publicações como a que realizamos com Jordi Grau para a Revista Latina de Comunicação Social: *Representação da diversidade sociocultural na publicidade audiovisual: materiais para um tratamento inclusivo* (LORITE GARCÍA, GRAU, LACERDA, 2018) e publicar com Angela Pavan o artigo *Crianças made in Brazil: a televisão como meio fundamental de seu cotidiano* (PAVAN, LACERDA, 2017) no dossiê monográfico que coordeno sobre *Mídia e diversidade cultural: cenários comparativos em torno da*

*publicidade televisiva* para a revista *Temps d' Educació* da Universidade de Barcelona (LORITE GARCÍA, 2017b).

Como Juciano combina perfeitamente gestão interuniversitária internacional com pesquisa e ensino durante sua estada, ele consegue assinar o convênio universitário entre a UAB e a UFRN que, entre outras coisas, facilita a chegada de Marília Graziella Oliveira da Silva durante o ano letivo de 2019-2020 ao doutorado em Comunicação Estratégica, Publicidade e Relações Públicas pela UAB, por meio de um sistema de co-tutela que lhe dá a opção de obter o doutorado nas duas universidades, uma vez que sua tese seja avaliada positivamente.

A partir desse Acordo de Cooperação Científica entre a UAB e a UFRN, Juciano aproveita para organizar um evento como o denominado *A relevância social da pesquisa audiovisual aplicada: perspectivas do Brasil e da Espanha*, da Associação dos Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na Catalunha ( APEC-BCN), e na qual os coordenadores dos grupos de pesquisa, Jordi Grau para GRAFO-UAB, Juciano para PRAGMA-UFRN, Lisabete Coradini para NAVIS-UFRN e eu para MIGRACOM-UAB, de áreas como Comunicação Audiovisual, Social e Antropologia Cultural, Estudos de Mídia e Antropologia Audiovisual, apresentamos alguns exemplos do audiovisual como estratégia de pesquisa e forma de narrativa científica. Juciano aproveita também a sua estada para dar os primeiros passos para concretizar a colaboração internacional do MIGRACOM e GRAFO no projeto *Sífilis Não* que se concretiza durante a minha estada no LAIS-UFRN em 2019 e durante o I Seminário Internacional realizado na Universidade de Coimbra - Portugal em janeiro de 2020.

E como Juciano sempre tem tempo de sobra, ele também programa um modelo de estadia familiar (com sua esposa Sueli e sua filha Vitória) em que costuma ir às reuniões agendadas com os professores do centro onde Vitória aprende um catalão. Perfeito com um tipo de pedagogia ativa e participativa, aproveita tudo que vive

em um dos bairros mais dinâmicos, multifacetados e multiculturais de Barcelona como o de Gracia te dá e até te dá para combinar com Felipe e suas respectivas famílias para conseguir alguns dias para a Costa Brava e curtir a mim e a minha família, formada naquela época por meu filho Nico e meu neto Ibai (é uma espécie de família possível numa realidade atual em que não existem mais apenas famílias nucleares ou extensas) um encontro que seria inconcebível para mais de um acadêmico "clássico", que jamais imaginaria combinar a profissão universitária com a diversão em família na praia, banhos de mar Mediterrâneo e até apreciando uma boa refeição.

Tabita Strassburger chega no dia 5 de abril para uma estadia do Programa de Doutorado Sanduíche no exterior (PDSE), com bolsa até 31 de julho de 2017 como aluna de doutorado no *Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para abordar algumas questões fundamentais de sua tese sobre "*Representações e identidades nos midiáticos processos de cidades-gêmeas da fronteira entre Brasil e Argentina*", orientada por Karla Maria Muller. Após alguns debates realizados no MIGRACOM sobre a necessidade de limitar ao máximo o objeto de estudo, o título final de sua tese, apresentada em 24 de abril de 2018, acaba sendo denominado "*A participação da mídia na construção de representações sobre a fronteira de São Borja/BR-Santo Tomé/AR*".

Tenho a honra de participar como membro virtual da defesa de Tabitha. Fico lisonjeado ao ver como ele usa em sua tese conceitos como a unidade de informação no rádio e na televisão que pudemos aplicar nos estudos sobre o tratamento informacional da imigração na mídia, que menciona Lorite García (2009, p.165) e que ela tem a oportunidade de vivenciar durante a sua estada e dar suporte teórico e metodológico à codificação, sistematização de dados e análise da amostra de anúncios televisivos para o "Estudo Multimodal da representação da diversidade na publicidade espanhola". Durante a minha intervenção na "banca" faço algumas

observações sobre a utilização de alguns conceitos que tenho dificuldade em limitar e mesmo utilizar como: "índio", "identidade", "etnia", "nação" e "nacionalismo". Ele tenta argumentar, mas à medida que presto atenção em sua resposta, percebo cada vez mais que são conceitos polissêmicos.

Juciano também facilita a estada de Thays Helena Silva Teixeira, do Doutorado em Estudos de Mídia da UFRN, de 8 de junho a 14 de julho de 2017, graças ao EDITAL 02/2016 PPG/PROPESQ: *Excelência para Programas com Curso de Doutorado: Internacionalização*, aprovado para o PPGEM/UFRN, em apoio à sua tese intitulada: "Um método para a cidadania comunicativa" e a codificação das unidades publicitárias da pesquisa sobre diversidade na publicidade no MIGRACOM; a estada de Iano Flavio de três meses (janeiro, fevereiro e março) em 2018, como membro da equipe da UFRN TVURN, para dar suporte metodológico, técnico e teórico à pesquisa do MIGRACOM, mas acima de tudo para manter alguns contatos de sua especialidade em produção televisiva na UFRN; e ele até me coloca em contato, durante uma de minhas estadias na UFRN, com Josimey Costa da Silva, professor do Departamento de Comunicação Social e Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura da UFRN, para uma estada de 1º de fevereiro a 30 de abril de 2017, interessada em aplicar minha metodologia de observação visual casual, citada por ele em seu relatório de estadia (LORITE GARCÍA, 2005; LORITE GARCÍA 2015), como registro fotográfico e cartográfico das cidades de Barcelona, Sant Cugat e Sitges.

Leila Lima de Sousa, chega do *Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação* de Unisinos, para realizar estada de seis meses no MIGRACOM, de 1º de setembro de 2019 a 25 de fevereiro de 2020, com bolsa da CAPES, estada que no final é muito curto porque acabamos por reconhecer, numa das nossas refeições habituais no bar da Faculdade de Comunicação ou na praça cívica, com Maríllia, que regressou quando estava no seu melhor, mas acabamos por assumir essa vida é assim e que pelo menos ia saindo

feliz porque no final conseguiu acender a luz do conhecimento uma noite e finalmente viu com muita clareza o sentido visual que quer aplicar à sua tese sobre "Narrativas de temas comunicantes juvenis negra do Maranhão no Instagram: processos de comunicação e perspectivas de cidadanias ", orientação de Efendy. Em um dos encontros, logo no final de sua estada, ela viu claramente que não se tratava apenas de mostrar imagens de mulheres negras no Instagram, mas também de entender quais objetivos comunicativos e energizantes essas mulheres perseguem ao selecionar a foto que desejam mostrar: Consideravam que eram elas realmente ou uma representação delas adequada às necessidades de comunicação da Instagram?

Leila, como outras doutorandas, aproveita a estada para realizar uma série de atividades ideais para o desenvolvimento de sua tese, como a participação no grupo social *Afrofeminista*, formado por mulheres negras do Brasil e nascidas na Espanha. Em nossos encontros falamos sobre a comodidade de usar o adjetivo preto, tenho dificuldade em usá-lo, prefiro derivar para a identificação pelo fenótipo, ou chamá-los apenas pelo nome e sobrenome, mas se elas são chamadas assim, em última análise, é o que conta. Ela consegue entrevistar essas mulheres a partir da metodologia das histórias de vida, que, como ela argumenta em seu relato da estada, está se transformando no nome de "histórias de vida audiovisual", segundo as ideias que vem processando ao combinar suas reflexões com as recomendações que Efendy e eu estamos dando a ela. Complementa esta aprendizagem com um curso sobre histórias de vida, ministrado pelo Professor Carles Feixa, no Mestrado em Antropologia Cultural da Universidade Autônoma de Barcelona. E amplia seus conhecimentos audiovisuais participando das minhas aulas de "Produção Televisiva" do Curso de Licenciatura em Comunicação Audiovisual da UAB (como já haviam feito Lisi e Rafael) e visitando um noticiário matinal "Planta Baixa" da

*Televisió de Catalunya*, TV3, que permite ver o que está “escondido” por trás da “realidade” televisiva.

Leila complementa essa dinâmica de pesquisa com a apresentação do andamento de sua tese em congressos acadêmicos de Ciências da Comunicação como o *VIII Congresso de Pesquisa em Comunicação e Informação Digital - CICID*, realizado em outubro de 2019 na Universidade de Zaragoza; o *II Congresso Universal e o II Fórum Mundial de Divulgação Científica sobre Direitos Humanos Emergentes e Meios de Comunicação*, realizado em novembro de 2019 na Universidade de Sevilha; e *24º Seminário Acadêmico Internacional da APEC*, Associação de Pesquisadores Brasileiros na Catalunha, realizado em outubro de 2019. Ela ainda pode apresentar o trabalho intitulada “Diversidade na publicidade brasileira”, junto com Marillia, no módulo “O Novo Consumidor” na disciplina “Representação da Diversidade na Publicidade”, ministrada por mim no Mestrado em Planejamento Estratégico da UAB. E ainda tem a oportunidade de ver como as atividades de pesquisa-ação são realizadas participando e apoiando a organização da conferência “A Publicidade como Agente de Transformação Social” (GRAU, LORITE GARCÍA, 2020) que coordeno com Jordi Grau, de A Antropologia Audiovisual da UAB, em fevereiro de 2020 como uma das atividades de transferência de conhecimento do projeto de investigação i+D+I “Paternidade, desamparo e vulnerabilidade sociocultural. Análise situacional e propostas de intervenção” (CSO2017-83101-C2-1-R), pesquisa na qual ela também tem a oportunidade de colaborar como pesquisadora na seleção da amostra de unidades publicitárias e sua codificação.

Marillia Graziella Oliveira da Silva fez uma estada no MIGRACOM durante o ano letivo 2019-2020 para realizar o seu segundo ano de doutorado no modelo de co-tutela, o que é possível graças ao Acordo de Cooperação firmado entre a UFRN e a UAB, ativada durante o pós-doutorado de Juciano, e que lhe permite fazer o primeiro ano na universidade, este segundo na UAB e voltar para

o terceiro último ano na UFRN. Sua tese é sobre "Mediações do local na paisagem mediática do sertão: um estudo do consumo prático da mídia no canal 4, de Currais Novos (Brasil)", e neste caso me é possível dividir o endereço com Juciano.

A permanência de Marillia permite consolidar seu referencial teórico e especificar a metodologia que, em seu retorno ao Brasil, lhe permitirá verificar as estratégias de comunicação da mídia televisiva local tão impactante e dinamizadora sociocultural em seu ambiente de veiculação como o *Canal 4*, localizado em vila agrícola do sertão nordestino pobre, como Corrais Novos, no Rio Grande do Norte. Aproveito para recomendar algumas experiências de comunicação local realizadas na Catalunha que tive a oportunidade de vivenciar no início dos anos 1980 e que me permitiram realizar minha tese de doutorado sobre *Rádio Municipal e dinamização social* (LORITE GARCÍA, 1992). Marillia usa o termo "deserto de notícias", aplicado no Brasil àquele alto percentual de cidades que não têm acesso à informação. Aparentemente, tem sido difícil entender esse "novo" conceito em nosso doutorado, mas estou encantado que ela use seus próprios conceitos para um objeto de estudo altamente microcontextual. Marillia também participa das diferentes atividades de pesquisa audiovisual aplicada a pesquisa-ação que são realizadas durante sua estada relacionadas ao projeto de vulnerabilidade parental e sociocultural.

A permanência de Marillia coincide com a pandemia, com COVID-19, e vive o confinamento de três meses que é decretado na Espanha em estado de alarme a partir de 11 de março. Ele fica em sua casa em Barcelona. Ela está tentada a voltar ao Brasil. São momentos de grande instabilidade e mudanças cotidianas. A universidade se torna virtual. Os professores organizam diariamente videoconferências para a licenciatura, mestrado, doutoramento, reuniões diversas, etc., etc. Felizmente ele fica em Barcelona, no Brasil tudo é muito mais complicado com um presidente como Bolsonaro que se opõe a qualquer medida protetora de cidadania,

começando com algo tão simples como o uso de uma máscara. Você tem a oportunidade de experimentar essa receita de Barcelona em um novo ciclo mundial. Quão diferente é essa nova realidade pós-pandêmica de 2020 da de 2002, quando começamos a pensar nas primeiras estadias na MIGRACOM. Naquela época, Lula venceu no Brasil e Zapatero na Espanha e anos de vacas gordas vieram com políticas a favor da pesquisa na universidade. Agora não estamos saindo dos anos magros desde a crise de 2008 com o estouro da bolha imobiliária e os sucessivos governos de direita ou extrema direita. Estamos cada vez mais virtuais. Eu me tornei um professor virtual.

John Willian Lopes do Programa de Pós-Graduação em Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) faz uma curtíssima estada no MIGRACOM de 1º de janeiro de 2020 a 22 de fevereiro de 2020 que permite resolver algumas dúvidas sobre sua tese de doutorado: *A publicidade como constructor de memória: Uma análise de dois anúncios no contexto da Segunda Guerra (1939-1945) no Rio Grande do Norte*, dirigidos por Maria do Socorro Furtado Veloso. A sua breve passagem permite-lhe participar na concepção da metodologia e análise das unidades publicitárias sobre parentalidade e vulnerabilidade que realizamos no MIGRACOM com Jordi Grau da GRAFO do Departamento de Antropologia Social e Cultural da UAB, e dar apoio, com Leila e Marillia, na conferência “Publicidade como agente de transformação social” (GRAU, LORITE GARCÍA, 2020), realizada na UAB em 21 de fevereiro de 2020, como proposta de pesquisa-ação do projeto VULNERAS sobre parentalidade e vulnerabilidade durante a qual registra o debate que pode ser visto na Internet (Grau, LORITE GARCÍA, 2020).

Apesar de ser uma estada muito curta, prevê algumas intensas sessões de debate, das quais participam Leila e Marillia sobre a amostra adequada para perceber qual a publicidade que dinamiza determinados valores sociais e culturais nesta área do

Brasil durante o período histórico da pós-guerra da Segunda Guerra Mundial. Aparentemente é uma fase em que a publicidade das grandes marcas dos Estados Unidos começa a chegar ao Brasil com uma proposta estética e ética muito "americana" e não muito nordestina.

Enquanto discutíamos isso, John desenhava e construía uma câmera artesanal para fotografar, uma espécie de caixa de sapatos na qual de um lado ele coloca um orifício minúsculo no centro e do outro o cobre com papel vegetal. É um exercício que ele costuma praticar com seus alunos da UFRN, ensina-os a montar a câmera e a tirar uma foto com ela de um olhar tão "primitivo". Assim que terminou, ele fez os testes correspondentes e antes de voltar ao Brasil deixou para mim como um presente no MIGRACOM. Deixou-me aquele presente daquele lado da excelência humana dos pesquisadores no Brasil, mas ao mesmo tempo revolucionou bastante meu pensamento sobre a câmera como a principal ferramenta de pesquisa das transformações sócio midiáticas e o único dispositivo para realizar os modelos da pesquisa audiovisual aplicada (LORITE GARCÍA, 2015, 2017). Acho que a observação visual casual que faço atualmente com meu celular não seria possível se eu usasse aquele tipo de câmera artesanal. Seria um tema para aprofundar em outra seção, mas aí eu precisaria do livro inteiro e não sei se vale a pena escrever um livro inteiro sobre isso com um estilo tão pessoal porque certamente, não que a comissão que não vai levar isso em consideração, mas verá minha atividade de pesquisa.

### **Último parágrafo como provocação final: Como não poderia ser de outra forma**

Recomendo fazer uma leitura transversal do texto selecionando palavras-chave, entrelaçando-as entre si e que cada uma tire sua própria conclusão sobre o quanto isso alimenta o

conhecimento, o coração e até a alma (a alma?). Talvez esteja aí um “guia” de excelência humana dos pesquisadores do Brasil.

## Referencias

- Achutti, L.E.R. (1997). Fotoetnografia, Porto Alegre: UFRGS Ed.
- Benjamin, W. (2004). Sobre la fotografia. Valencia: Pre-textos.
- Bonin, J. A. (2003). Memória familiar e recepção de telenovela. Ciberlegenda Rio de Janeiro: UFF, v. 1, n.12, p. 1-22. Disponible en: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36846/21420>
- Bonin, J.A. (2004). Estratégia multimetodológica em pesquisa de recepção: revisitando a investigação Telenovela, identidade étnica e cotidiano familiar. Rastros (Joinville), Joinville, v. 1, p. 6-18, 2004.. Disponible en: <http://www.processocom.org/bonin-rastros-2003/>
- Bonin, J.A.; Lorite García, N.; Maldonado, A. E. (2016). Publicidad, propaganda y diversidades socioculturales. Quito: CIESPAL. Disponible en: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/3801>
- Bonito, M. (2015). Processos da Comunicação Digital deficiente e invisível: Mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas Pessoas com deficiência visual no Brasil, Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Disponible en: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4834>
- Carolina Marín, E. (2006). Entretenimento televisivo: pesquisa do produto e da recepção dos programas de auditório Domingão do Faustão (Rede Globo) e Domingo Legal (SBT). Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Disponible en: [https://www.ufrgs.br/infotec/teses%2005-06/resumo\\_4547.html](https://www.ufrgs.br/infotec/teses%2005-06/resumo_4547.html)

Cogo, D.; Lorite García, N. (2004). Incurções metodológicas para o estudo da recepção midiática: O caso das migrações contemporâneas desde as perspectivas europeia e latino-americana. Ciberlegenda, 14. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/rep.htm>.

Cogo, D.; Lorite García, N. (coord.). (2005). Mídia, migrações e interculturalidades. Logos, número especial, Rio de Janeiro: UERJ. 167 páginas. Disponível em:

<https://scholar.google.com/citations?user=AFW0ki4AAAAJ>

Col.legi de Periodistes de Catalunya. (1996). Manual de Estilo de las Minorías Étnicas, Barcelona: Comisión de Periodismo Solidario, CPC. Disponível em: <https://docplayer.es/74099139-Qua-derns-medios-de-comunicacion-e-inmigracion-num-12-enero-abril-2002.html>

Chalmers, A. (2000). ¿Qué es esa cosa llamada ciencia? Madrid: Siglo XXI de España editores.

Brignol, L. (2010). Migrações transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Disponível em:

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2531>

Feyerabend, P. (1984). Adiós a la razón, Madrid: Ed.Tecnos.

Folleto, R. (2015). Presidentes de Latinoamérica: inter-relações entre sujeitos comunicantes e a série de entrevistas. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Disponível em:

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4849>

Gorczewski, D. (2007). Micropolíticas da juventude e visibilidades transversais: in (ter) venções audiovisuais na Restinga. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Disponível em:

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2507>

Grau, J. y Lorite García, N. (coord.). (2020). La publicidad como Agente de Transformación Social". Debate del investigación-acción del proyecto VULNERAS: Crianza, desamparo y vulnerabilidad sociocultural. Análisis situacional y propuestas de intervención (CSO2017-83101-C2-1-R), celebrado el 21 de febrero en la UAB. Disponible en: <http://pagines.uab.cat/vulneras/sites/pagines.uab.cat/vulneras/files/cartel-jornada-publicidad-2.png>

Gué Martini, F. (2018). Platina: transmetodología radical e escutas poéticas musicais entre Porto Alegre e Montevideú. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Disponible en: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7111>

Ibáñez, J. (1998). Nuevos avances de la investigación social, Barcelona: Proyecto A Ediciones, segunda edición aumentada.

Kuhn, N. (2008). Painéis fotográficos na Internet. Un estudo sobre os fotoflogs como molduras de mostraçãõ. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Disponible en: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USIN\\_87e2c5b64e4383c4c4aa8de3a055a74d](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USIN_87e2c5b64e4383c4c4aa8de3a055a74d)

La diversitat ven? (¿La diversidad vende?) (2016). Debate y presentación de resultados de la investigación Estudio multimodal de la diversidad en la publicidad. Coordinación del MIGRACOM y el Colegios de Publicitarios y Relaciones Públicas de Cataluña, celebrado el 25 de febrero de 2016 en Barcelona. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=PqEqSjM8-sA>

Lorite García, N. (1992). Dinamización social y radio municipal. Tesis doctoral, Bellaterra: UAB. Disponible en: <https://ddd.uab.cat/pub/tesis/1992/tdx-0506108-144009/tdx.html>

Lorite García, N. (1998). "Atrapar las moléculas del aire en movimiento. Algunas pistas para investigar las transformaciones socio-mediáticas (desde el tren de las transformaciones y no desde la estación". Recife: Alaic. Disponible en:

Lorite García, N. (2000) La observación casual: una propuesta para el estudio de las transformaciones socio-mediáticas. Santiago de Chile: Alaic, 26 y 27 de abril de 2000.

Lorite García, N. (2001). Una pedagogía activa del lenguaje televisivo para comunicadores del futuro. *Comunicar*, 17, pp. 138-143. Disponible en: <https://www.revistacomunicar.com/ojs/index.php/comunicar/article/view/C17-2001-21>

Lorite García, N. (2002a). Internet como medio al servicio de los valores de la interculturalidad en el ámbito local en España. IV Congreso Iberoamericano de Periodismo en Internet, 30 de octubre de 2002, Pontificia Universidad Católica de Lima, Perú. Disponible en: <http://media.diba.cat/diba/html/cerc/interaccio2002/cursgen/docu12cg.htm>

Lorite García, N. (dir) (2002b). Inmigración, comunicación y dinamización sociocultural en el ámbito local. MIGRACOM-UAB y Diputación de Barcelona. Disponible en: <http://media.diba.cat/diba/html/cerc/interaccio2002/cursgen/docu12cg.htm>

Lorite García, N. (2003). Usages sociaux des NTIC et processus de dynamisation interculturels en Catalogne. En Lacroix, J. G. et Tremblay G. (dir.) Bogues. Globalisme et pluralisme. Collection Éthique et philosophie de la communication. Laval: Les Presses de l'Université Laval; 239-253. Disponible en: <https://www.pulaval.com/produit/2001-bogues-tome-2-globalisme-et-pluralisme-usages-des-tic>

Lorite García, N. (dir.) (2004a) Tratamiento informativo de la inmigración en España 2002. Madrid: Instituto de Migraciones y

Servicios Sociales. Disponible en:  
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5960945>

Lorite García, N. (2004b). Como miran los medios la inmigración y transmiten la diversidad". In: Diálogo Comunicación y diversidad cultural. InCom-UAB Forum Universal de les Culturas, 24 de mayo, Barcelona. Disponible en:  
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/autor?codigo=4233560>

Lorite García, N. (2005a). Algunos ejemplos de la conexión de la Academia con la realidad socio mediática desde el paradigma de la investigación audiovisual aplicada. Revista Fronteiras, Estudos midiáticos, VII (3): 157-164, setembro/dezembro de 2005. Caxias do Sul: Unisinos. Disponible en:  
<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6388>

Lorite García, N. (2005b). Sobre lo apriorístico y lo verificable en comunicación. Algunas notas sobre dinamización intercultural mediatizada desde la perspectiva internacional. Logos, número especial, Mídia, migrações e interculturalidades. Rio de Janeiro: UERJ: 14-23. Disponible en:  
<https://scholar.google.com/citations?user=AFW0ki4AAAAJ>

Lorite García, N. (2006a). "¿Puede ser científica y objetiva la mirada audiovisual de la realidad migratoria?". En M. Lario (coord.) Medios de comunicación e inmigración. Murcia: Convivir sin Racismo/Programa CAM Encuentro: 85-96. Disponible en:  
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2214302>

Lorite García, N. (2006b). "La mirada multipolar de la inmigración desde la perspectiva de la investigación audiovisual aplicada". Media e Jornalismo. Coimbra, v.5, p.35-54. Disponible en:  
<http://minervacoimbra.blogspot.com/2006/08/revista-media-jornalismo-imagens-da.html>

Lorite García, N. (2008). "Discurso, inmigración y medios audiovisuales". En A. Bañón y J. Forniellles (coords.) Manual sobre Comunicación e Inmigración. Bilbao: Gakoa. p. 181-194. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=333274>

Lorite García, N. (2009). Informar i formar: cap a una pedagogia dels mitjans com a dinamitzadors de la interculturalitat". Temps d'Educació, 36. p.11-30. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/autor?codigo=4233560>

Lorite García, N. (2009). Informar y formar: hacia una pedagogía de los medios como dinamizadores de la interculturalidad. In: Los trabajos del Naos: Las culturas pedagógicas de la comunicación. Barcelona: Observatorio Europeo de la Televisión Infantil. p. 158-184.

Lorite, N., Badet, M. (2011). Tratamiento mediático de la inmigración brasileña en España. In Solé, C.; Cavalcanti, L.; Parella, S. La inmigración brasileña en la estructura socioeconómica de España, Madrid: MTIN. pp.189-209. Disponible en: <http://extranjeros.empleo.gob.es/es/ObservatorioPermanenteInmigracion/Publicaciones/fichas/archivos/La-inmigracion-brasilena-en-la-estructura-socioeconomica-de-Espana.pdf>

Lorite García, N. (2015). La cámara como principal herramienta para la investigación audiovisual de los procesos de dinamización intercultural mediatizados. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n.34, p.178-199, set./dez. 2015. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5971078>

Lorite García, N. (2016a). Diversidad sociocultural y publicidad audiovisual: estudio multimodal desde la mirada de la cámara. In Bonin, J.; Lorite García, N.; Maldonado, A.E. (Ed.). Publicidad, propaganda y diversidades socioculturales. p. 33-67, Quito: Ediciones Ciespal. Disponible en: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/3801>

Lorite García, N. (2017a). La observación casual de las transformaciones sociomediáticas desde la mirada de la cámara. Primeros indicios en Montreal y México DF en los años noventa. Vivencia, Natal: UFRN, n.50, p.11-23. Disponible en: <https://ddd.uab.cat/record/187997>

Lorite García, Nicolás. (2017b). Medios y Diversidad Cultural: escenarios comparativos en torno a la publicidad televisiva. *Temps d'Educació*, 53, p. 7-9. Universitat de Barcelona. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6361369>

Lorite García, N. (2017c). La cámara como herramienta principal para la investigación audiovisual aplicada de la diversidad en la publicidad televisiva. In Sierra Sánchez, J. (Ed.), *Nuevas tecnologías audiovisuales para nuevas narrativas interactivas digitales en la era multidispositivo*. Madrid: Mc Graw Hill. p.104-122. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5971078>

Lorite García, N.; Grau Rebollo, J.; Lacerda, J. (2018). Representación de la diversidad sociocultural en la publicidad audiovisual: materiales para un tratamiento inclusivo. *Revista Latina de Comunicación Social*, 73, p. 425 a 446. Disponible en: <http://www.revistalatinacs.org/073paper/1263/22es.html> DOI: 10.4185/RLCS-2018-1263,

Machado Aguiar, L. (2017). *Normalizações do saber. Poder metodológico no campo da comunicação: por un étodo dà diferença nos procesos institucionais de conhecimento científico andaRiLho numerRólogo*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em em Comunicação e Informação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponible en: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/158509>

Maldonado, A.E. (2005a). "A midiatização das alteridades culturais no Brasil e na Espanha". X Seminario APEC "10 años de saber y memoria". Barcelona: Instituto Catalá de Cooperació Iberoamericana, 2005. v. 1. p. 57-64.

Maldonado, A.E. (2005b). Globalismo, fluxos demográficos e inter-relações culturais. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 122-134. Disponible en: <http://www.processocom.org/publicacoes/#3>

Maldonado, A.E. (2005c). Multiculturalismo na América Latina. Confluências e conflitos no espaço televisivo regional. *Revista Fronteiras, Estudos midiáticos*, VII (3): 157-164, setembro/desembro

de 2005. Caxias do Sul: Unisinos, p.165-174. Disponible en: [https://scholar.google.com/scholar?cluster=17031413183894184432&hl=es&as\\_sdt=0,5&scioldt=0,5](https://scholar.google.com/scholar?cluster=17031413183894184432&hl=es&as_sdt=0,5&scioldt=0,5)

Maldonado, A.E.; Bonin, J.; Rosario, N. M. (Org.). (2006). Metodologías de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. 1. ed. Porto Alegre: Sulina. Disponible en: <http://www.processocom.org/publicacoes/#3>

Maldonado, A.E. (2011). Práxis teórico-metodológica na pesquisa. In: Maldonado, A. E. et al. (Orgs). Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 277-303. Disponible en: <http://www.processocom.org/publicacoes/#3>

Maldonado, A.Efendy. (2012). A transmetodologia no contexto latino-americano. In Maldonado, A.E.; Máximo, M.E.; Lacerda, J.; Bianchi, G. (Orgs). Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação. Rio do Sul/ Natal: UNIDAVI/ UFRN. p. 21-41. Disponible en: <http://www.processocom.org/publicacoes/#3>

Maldonado, A.Efendy. (2013). A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In Maldonado, A. E.; Bonin, J. A.; Rosário, N. (Orgs). Perspectivas Metodológicas em Comunicação: Novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicación Social. P. 31-57. Disponible en: <http://www.processocom.org/publicacoes/#3>

Maldonado, A.Efendy. (2015). Epistemología de la Comunicación. Análisis de la vertiente Mattelart en América Latina. Quito: Ediciones Ciespal. Disponible en: <http://www.processocom.org/publicacoes/#3>

Pavan, M.A.; Lacerda, J. (2017). Niños made in Brazil: la televisión como medio fundamental de su cotidianidad". In Lorite García, N. (coord..) monográfico Medios y diversidad cultural: escenarios comparativos en torno a la publicidad televisiva. Temps d' Educació, 2n semestre 2017, nº53, p. 93-107. Disponible en: <http://www.publicacions.ub.edu/revistes/tempsDEducacio53/>

Strassburger, Tabita (2018). "A participação da mídia na construção de representações sobre a fronteira São Borja/BR-Santo Tomé/AR". Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/179661>

Sendín, J.C. (coord.). (2008). Guía práctica para los profesionales de los medios de comunicación. Tratamiento informativo de la inmigración. Madrid: Proyecto Promoequality, OBERAXE, Secretaria de Estado de Inmigración y Emigración, Disponível em: [http://www.tt.mtas.es/periodico/inmigracion/200712/guia\\_medios.pdf](http://www.tt.mtas.es/periodico/inmigracion/200712/guia_medios.pdf)

Silveira, F. (2005). Ruínas Latino-Americanas - Cidades imaginárias + imaginários multiculturais (Uma proposta de trabalho). In Cogo,D; Lorite García, N. Mídias, Migrações e Interculturalidades. Logos. Edição Especial. Disponível em: <https://scholar.google.com/citations?user=AFW0ki4AAAAJ>

Silva, D. (2008). Fotografias que revelam imagens da imigração: pertencimento e gênero como faces identitárias. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Disponível em: [https://www.ufrgs.br/infotec/teses07-08/resumo\\_8020.html](https://www.ufrgs.br/infotec/teses07-08/resumo_8020.html)



## A ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA E METODOLOGIA NO ACOMPANHAMENTO E ACONSELHAMENTO DE PESQUISAS NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

---

**Marta Rizo García**

(UACM – Universidad Autónoma de la Ciudad de México, México)

### **1. Ensinar a pesquisa através da pesquisa**

Os cursos destinados a ensinar as competências e aptidões básicas para a investigação no campo da comunicação são geralmente encontrados em eixos de formação centrados na metodologia, sendo raro estabelecer um diálogo claro e rigoroso entre formação teórica e metodológica.

Além de pensar nas relações transversais entre conteúdos na formação de comunicadores e comunicólogos (a nível de graduação e pós-graduação), neste texto propomos algumas reflexões sobre as ligações entre formação teórica e metodológica. E fazemo-lo porque durante anos de experiência no ensino de cursos orientados para teses, detectámos que muitos dos problemas enfrentados pelos alunos na preparação das suas pesquisas derivam da falta de uma relação explícita entre as dimensões epistemológica, teórica e metodológica no processo de construção do conhecimento sobre o social, e especificamente sobre os fenómenos comunicativos que estão a investigar. Isto torna urgente continuar a pensar em como estamos a formar os estudantes em investigação, e quais são os obstáculos específicos que eles enfrentam durante o processo.

As reflexões apresentadas nas páginas seguintes são baseadas na experiência do autor como professor de cursos de teoria da comunicação, métodos e técnicas de pesquisa e, acima de tudo, seminários de tese. É neste último que os problemas causados pela falta de clareza sobre como a teoria e a metodologia (tendo a epistemologia como pano de fundo) devem ser articuladas no planejamento e execução de projetos de pesquisa específicos podem ser vistos com mais clareza.

A proposta é baseada nos seguintes pressupostos:

1) Os cursos sobre teorias de comunicação não se devem limitar à apresentação de conceitos e categorias teóricas, paradigmas ou escolas, mas devem oferecer aos alunos exemplos concretos de pesquisa empírica realizada sob cada paradigma teórico apresentado, ou seja, os alunos devem ser introduzidos às teorias de comunicação referindo-se às estratégias metodológicas implementadas pelos representantes dessas teorias, para que possam entender que a teoria não é um conjunto de afirmações feitas pelos representantes dessas teorias, mas um conjunto de estratégias metodológicas implementadas pelos representantes dessas teorias. Os alunos devem ser introduzidos às teorias de comunicação referindo-se às estratégias metodológicas implementadas pelos representantes destas teorias, para que possam compreender que a teoria não é um conjunto de afirmações abstractas, mas uma lente que lhes permite ver fenómenos empíricos através de um estudo profundo e sistemático dos mesmos;

2) Da mesma forma, os cursos de metodologia de pesquisa, muitas vezes reduzidos à explicação de técnicas de pesquisa quantitativa e qualitativa específicas das ciências sociais, não só devem colocar cada uma das técnicas em prática, como também devem conter explicitamente uma formação epistemológica que permita aos estudantes tomar decisões durante o processo de pesquisa, para não perder de vista o "de onde" estão construindo e problematizando seu objeto de estudo, o que sem dúvida será

fundamental para a seleção da estratégia metodológica e técnica mais apropriada para o estudo do fenômeno ou objeto de estudo;

3) Por vezes, a investigação pedagógica reduz-se à apresentação de uma série de passos a seguir, como uma receita; isto não ajuda os alunos, por um lado, a terem consciência das inter-relações entre todas as etapas que compõem o processo de investigação e, por outro, a evitarem contradições que, em muitos casos, são causadas pela falta de articulação entre o chamado enquadramento teórico da investigação e a estratégia metodológica proposta para o desenho do trabalho de campo;

4) As dimensões epistemológica (como construímos o conhecimento) e teórica (de onde) devem ser parte central da formação metodológica e apoio na preparação do trabalho de investigação; por outras palavras, o ensino de "como fazer investigação" (métodos e técnicas) não deve perder de vista as dimensões anteriores. Isto permite aos estudantes não só construir o seu objecto de estudo com base num determinado contexto teórico (para o qual a pesquisa documental e a construção de uma espécie de estado da questão ou estado da arte é um aspecto básico), mas também problematizá-lo com base nos pressupostos, conceitos e categorias da abordagem teórica do objecto estudado, e ser capaz de desenhar uma estratégia metodológica que inclua as técnicas de pesquisa que efectivamente permitam obter informação empírica válida para responder às questões de pesquisa que orientam o trabalho;

5) É necessário, então, ensinar de forma articulada todas as etapas que fazem parte do processo de elaboração da pesquisa: a apropriação dos conceitos teóricos permitirá uma melhor definição e problematização do fenômeno em estudo, o estabelecimento de relações entre conceitos e categorias possibilitará a construção de um quadro conceitual de acordo com a abordagem da pesquisa (as questões, objetivos e pressupostos do trabalho serão sempre enquadrados em uma determinada perspectiva teórica), e a

construção da estratégia metodológica deve ser congruente com o quadro conceitual anteriormente explicitado;

6) Finalmente, durante o acompanhamento metodológico e a formação, devem ser oferecidas aos alunos competências para se conseguir uma análise ótima da informação empírica obtida a partir do trabalho de campo. Neste ponto, a articulação entre teoria e metodologia também é básica, já que a primeira serve de guia para a análise; ou seja, uma vez extraídas as informações empíricas resultantes da aplicação de técnicas de pesquisa, é importante que os alunos saibam que a análise dessas informações deve ser feita à luz dos conceitos teóricos e categorias previamente selecionados. Só assim os dados empíricos adquirem significado e significado e permitem-lhes oferecer uma interpretação e explicação abrangente que vai muito além da mera descrição do fenómeno observado.

## **2. Articulação entre os níveis epistemológico, teórico, metodológico e técnico**

O "modelo de pesquisa metodológica" proposto pela pesquisadora brasileira Maria Immacolata Vasallo de Lopes (1999) nos parece ser um quadro explicativo fundamental para a articulação proposta neste texto. O autor propõe quatro níveis a serem considerados ao longo do processo de pesquisa: epistemológico, teórico, metódico e técnico. Estes níveis correspondem ao que Vasallo chama de nível discursivo de pesquisa, enquanto o nível de prática da pesquisa é composto pelos passos a que nos referimos, com uma nomenclatura diferente, nos pressupostos anteriormente mencionados: definição do objeto, observação, descrição, interpretação e conclusões.

No modelo de Vasallo, os níveis epistemológico, teórico, metódico e técnico atravessam necessariamente todas as etapas da prática da pesquisa. O discurso e a prática, portanto, parecem estar inquestionavelmente inter-relacionados. Aqui destacamos as dificuldades que a dimensão discursiva (o que é ensinado na sala de aula) traz para a prática da pesquisa dos alunos. Recuperamos

também alguns dos elementos que o autor aponta como obstáculos à pesquisa em comunicação, e que no caso das reflexões apresentadas neste texto as fundamentamos no caso específico da redação de teses e, em geral, na nossa experiência no acompanhamento e avaliação de trabalhos de tese tanto a nível de graduação como de pós-graduação. Os obstáculos referidos são os seguintes (Vasallo, 1999, p. 19):

1) Ausência de reflexão epistemológica, que no caso específico que aqui apresentamos está ligada a dificuldades em incentivar a reflexividade e a crítica das operações de pesquisa por parte dos alunos;

2) Fraqueza teórica, domínio insuficiente das teorias e imprecisão conceptual. Estes aspectos são evidentes na indefinição que muitas vezes prevalece na construção dos quadros teórico-conceptuais do trabalho de tese, e mesmo na falta de clareza sobre a utilidade da teoria na construção do conhecimento, o que muitas vezes leva os alunos a limitarem-se a dizer o que os outros disseram, e a apresentarem definições de termos mal articulados, sem problematizar e, pior ainda, sem tornar a teoria explícita na definição e explicação ampliada do fenómeno ou objeto de estudo a ser investigado;

3) Falta de uma visão metodológica integrada, à qual nos referimos anteriormente ao afirmar que é de vital importância que o ensino da investigação em comunicação inclua não só a formação metodológica, mas também a formação teórica e a formação em competências para a análise e interpretação da informação;

4) Deficiente combinação de métodos e técnicas; este aspecto pode ser observado, sobretudo, na leveza com que o método e as técnicas de pesquisa mais adequadas são frequentemente seleccionados para a construção do conhecimento sobre o fenómeno empírico em estudo. Isto por vezes resulta em estratégias metodológicas muito parciais que tornam difícil, se não

impossível, oferecer respostas rigorosas e empiricamente apoiadas nas questões de investigação;

5) A relação entre a pesquisa descritiva e o trabalho de campo; descrever o que deve ser feito é, até certo ponto, simples e pode ser feito quase exclusivamente com o que é aprendido na sala de aula com a apresentação do professor ou facilitador. Passar da descrição do fenômeno para a coleta de informações no processo de trabalho de campo traz à tona contradições inerentes ao processo de pesquisa e, em muitos casos, força os alunos a voltar ao caminho para repensar alguns aspectos descritivos que, no campo, não parecem ser muito adequados ou coerentes;

6) Dicotomia entre investigação quantitativa e qualitativa; se os cursos de metodologia de investigação continuarem a apresentar abordagens quantitativas e qualitativas como opostas e mesmo como mutuamente exclusivas, os alunos não compreenderão que muitos fenômenos comunicativos, dada a sua complexidade, exigem a combinação e integração de ambas as perspectivas para dar respostas complexas a questões e, em última análise, para construir um conhecimento rigoroso.

### **3. Temas, objetos e métodos**

Embora o foco deste texto seja a relação entre teoria e metodologia, é importante oferecer alguns elementos mais gerais que ajudem a situar o problema da pesquisa ensino-aprendizagem. Para isso, nesta seção oferecemos algumas reflexões sobre os principais problemas enfrentados pelos alunos durante o processo de pesquisa. O momento mais complicado, do qual depende em grande parte o sucesso ou fracasso de um projeto de pesquisa, é a escolha e construção do objeto de estudo ou objeto de pesquisa: "Um objeto de pesquisa é definido e construído de acordo com um problema teórico, o que por sua vez implica abordagens metodológicas constantes, e lidar com fatos não isoladamente, mas em termos das relações estabelecidas entre eles" (Domínguez, 2007, p. 42).

Alguns dos principais obstáculos que os alunos encontram na formulação do seu objecto de estudo são os seguintes: o tema é demasiado geral ou vago; não é viável ser pesquisado, devido a limitações de espaço, tempo e recursos; tem pouco ou nada a ver com o campo de conhecimento em que foram formados, neste caso, a comunicação; já foi amplamente pesquisado anteriormente e o aluno poderia contribuir pouco mais para a discussão ou, pelo contrário, tem pouca discussão no espaço académico e é difícil encontrar informação sobre ele.

Por outro lado, a seleção de temas no campo da comunicação tem certas particularidades que vale a pena compartilhar com os alunos no momento de delimitar os temas e objetos de estudo. O campo da comunicação é um campo relativamente recente e, apesar do seu inegável processo de institucionalização, ainda está a lutar para se legitimar como campo de conhecimento. Isto levou a numerosos debates sobre a especificidade do objeto de estudo da comunicação. Neste sentido, consideramos sugestivas as abordagens de Torrico (2004) e Fuentes (2003 e 2004).

Para Torrico, o objeto da comunicação é "o processo social de produção, circulação mediada, troca desigual, inteligência e uso de significados e sentidos culturalmente situados" (Torrico, 2004, p. 21), declaração semelhante à proposta por Fuentes Navarro, que afirma que o objeto da pesquisa em comunicação é a produção social de sentido (Fuentes Navarro, 2003 e 2004). Assim, em muitas ocasiões, os jovens investigadores têm dificuldade em enquadrar o seu tema no campo da comunicação, dada a dispersão que a especificidade do seu objecto de estudo aparentemente apresenta. Aqui é importante que aqueles de nós que acompanham os processos de elaboração da pesquisa tenham uma ideia clara de uma espécie de mapa de áreas temáticas que podem ser trabalhadas no campo da comunicação, além dos meios de comunicação, o objeto de estudo mais frequentemente abordado.

Uma vez que o objeto de estudo tenha sido definido, certamente será mais fácil para o aluno estabelecer objetivos e perguntas. Os objetivos estabelecem o "o quê" da pesquisa, ou seja, o que o trabalho visa alcançar; eles devem ser expressos claramente, usando verbos infinitivos que expressem concisamente o que se pretende alcançar com cada um deles. E as perguntas, intimamente associadas aos objetivos, constituem o guia para o trabalho, na medida em que levantam as questões que devem dar origem a respostas precisas que emanam do estudo.

Escolher um tema e estreitá-lo à configuração de um objeto de estudo viável a ser investigado é sempre mais fácil se a razão do trabalho que estamos empreendendo for rigorosamente justificada. Neste sentido, uma opção é pedir ao aluno que tente explicar em suas próprias palavras porque seu objeto de estudo é importante para o campo do conhecimento, porque o fenômeno é importante e socialmente relevante e, finalmente, porque faz sentido para ele, como pessoa, investigar este e não outro tema.

A pesquisa documental, sem dúvida, desempenha aqui um papel importante: saber o que outros disseram nos permite discutir com maior rigor se a abordagem do objeto de estudo é necessária ou não; saber como outros pesquisaram temas semelhantes nos permite, ao mesmo tempo, ter algumas pistas para o enquadramento teórico e metodológico da pesquisa.

Esta exploração de trabalhos sobre o tema corresponde ao que comumente chamamos o estado da arte ou o estado da questão, o que permite oferecer um mapa de tendências de estudo que, no melhor dos casos, deve permitir aos alunos justificar academicamente a relevância da pesquisa que estão realizando. No que diz respeito às justificações sociais e pessoais, a capacidade argumentativa demonstrada pelo aluno, que deve explicar por que é que o fenômeno que está a investigar é socialmente importante, por um lado, e de onde vem o interesse em abordar pessoalmente este objecto em particular, por outro, ganha mais uma vez força.

Como pode ser visto, uma abordagem de pesquisa pode ser vista como um sistema, na medida em que todos os seus elementos estão ligados uns aos outros. A explicação de cada elemento pode ser feita de forma independente, mas deve levar os alunos a compreender a inter-relação entre todos eles. O mesmo se aplica à articulação entre o objeto, o "o quê", e o método, o "como". Este é o tema da próxima secção.

#### **4. O *quê* e *Como* da pesquisa**

Uma vez que o estudante esteja claro sobre o que quer pesquisar, é importante ressaltar que o "o quê" está intimamente ligado ao "como". A clareza na exposição e delimitação do fenômeno da realidade social que vamos abordar será sempre maior se acompanharmos esta exposição com a forma como acreditamos ser possível investigar este fenômeno. Inevitavelmente, a construção do objeto de estudo requer um certo enquadramento teórico do trabalho, o que poderíamos chamar de "a partir de onde" da pesquisa. Este lugar a partir do qual olhamos para o nosso objecto de estudo anda de mãos dadas com o "como" vamos abordá-lo metodologicamente; mesmo a própria abordagem teórica nos diz, nos desafia e nos convence da melhor maneira de investigar o que definimos como nosso objecto de estudo.

É aqui que o nosso trabalho como acompanhantes (ou facilitadores) no processo de pesquisa ganha mais uma vez toda a importância nas estratégias pedagógicas que seguimos para que os alunos possam compreender esta relação de interdependência entre o objecto, a visão do objecto e a estratégia metodológica mais apropriada para a sua abordagem. O método é um caminho; e é tarefa da metodologia propor e motivar a reflexão sobre este caminho. O método "compreende os procedimentos utilizados para descobrir as formas de existência dos processos a investigar, para desvendar as suas ligações internas e externas" (Gortari, 1974, p. 227); por sua vez, a metodologia refere-se à reflexão sobre o

método, à análise das suas características, qualidades e fraquezas ou limitações. Assim, a reflexão sobre qual método será o mais adequado deve ser acompanhada de uma reflexão sobre o alcance que este método apresenta para o estudo do tema escolhido. Também é necessário saber como passar do "como geral" para o "como particular". Se o método é o caminho, as técnicas são os conjuntos de operações particulares que, com base no manuseio e aplicação de certos instrumentos, ajudam os pesquisadores a obter os dados necessários para abordar o fenômeno em estudo.

Ao longo da nossa experiência no aconselhamento de projectos de investigação, tanto a nível de graduação como de pós-graduação, descobrimos que um erro comum é colocar a técnica à frente do objecto. Não é raro que os estudantes comecem a pensar em suas pesquisas afirmando que querem realizar, por exemplo, entrevistas com jovens, ou que querem observar a vida cotidiana em um determinado espaço público. Sem ser claro sobre o que eles querem saber especificamente, é praticamente impossível concretizar estas ideias iniciais, muitas vezes vagas. O objecto tem de ser feito para falar. O aluno dialoga com o objeto, dá-lhe vida, para que ele possa guiá-lo nas etapas e estratégias concretas que melhor o ajudarão a construir o conhecimento sobre o fenômeno em estudo. Neste sentido, é preciso fazer com que os jovens investigadores vejam que nem todas as técnicas de investigação lhes podem ser úteis, e que a escolha não pode ser deixada apenas ao gosto subjectivo. É importante que os professores abram o espaço de possibilidades e façam os alunos ver que a técnica não é escolhida aleatoriamente, mas que surge das necessidades do nosso objeto de estudo e do escopo que queremos dar à pesquisa.

Uma forma prática de alcançar tal informação e tomada de decisão não aleatória pode ser através da relação entre questões, objectivos, suposições e técnicas. Quando os alunos são claros sobre as perguntas que querem responder e já associaram um objectivo a cada uma delas, estão em posição de antecipar uma espécie de

resposta hipotética ou tentativa. Uma vez estabelecidas as questões, objectivos e pressupostos - sempre ligados - sugere-se que se peça aos alunos que imaginem que técnicas de pesquisa podem utilizar para alcançar o que pretendem alcançar para cada propósito. Desta forma, os pressupostos iniciais serão sempre mais sólidos se estiverem ligados às técnicas de pesquisa que os possam testar.

### **5. Articulações entre estrutura teórica, estratégia metodológica e recolha de dados empíricos**

Na situação da investigação pedagógica, deve ficar claro que a teoria é essencial para o desenvolvimento de uma investigação consistente. Embora a pesquisa seja ensinada através da pesquisa, os estudantes devem estar conscientes de que a imersão que fazem no seu objeto de estudo será mais rica e complexa se a abordarem com um quadro teórico-conceitual completo. Será este espaço conceptual que permitirá aos alunos alargar a sua "árvore de busca" (Galindo, 1998, p. 11), para ver para além do que observam à primeira vista. Ensinar a investigar implica fomentar nos alunos a "capacidade de colocar problemas originais, reconstruindo as várias abordagens a um objecto de estudo" (Díaz Barriga, 1990, p. 61). Os professores, como facilitadores do processo de construção do conhecimento pelos jovens pesquisadores, devem exercitar a curiosidade dos alunos para que saibam como colocar problemas criativos e estimular neles a capacidade de converter esses problemas práticos em problemas de conhecimento.

Embora os alunos precisem de "teorizar", ainda que minimamente, o seu objecto de estudo para o apresentarem de uma forma clara e bem definida, é importante que a construção deste espaço conceptual, o chamado "enquadramento teórico", obedeça a determinados momentos e procedimentos. A teoria fala, orienta, orienta as estratégias de busca que o aluno empreende quando quer construir conhecimento sobre algum fenómeno sobre o qual, por enquanto, sabe pouco. A teoria também orienta o "como" da

pesquisa e, em certa medida, determina o tipo de dados empíricos que serão obtidos a partir de um determinado trabalho de pesquisa.

Segundo Rojas (1989), isto implica analisar e apresentar aquelas teorias e abordagens teóricas que são consideradas válidas para o enquadramento correcto do estudo. Os fundamentos teóricos devem ser formados como um corpo unitário e não como uma lista de definições e citações desajustadas. Esta última afirmação é responsável por um dos principais obstáculos que os alunos enfrentam ao desenvolverem o seu quadro teórico. É importante que fique claro para os alunos que o quadro teórico serve a função de uma "lente" para observar o fenómeno em estudo.

Explicar o que é um quadro teórico pode ser, até certo ponto, simples; explicar como proceder com a sua elaboração é mais complicado, uma vez que os alunos são frequentemente sobrecarregados por um excesso de literatura e, em muitas ocasiões, acabam por construir um quadro teórico como um glossário de definições de termos cuja articulação é pouco clara e até contraditória em termos de aproximações ao objecto de estudo. Portanto, desde o início é importante salientar que o marco teórico não é um inventário de termos, autores e obras, ou definições conceituais; embora inclua o acima exposto, o marco teórico deve ser constituído como um todo integral que representa, sintetiza e deixa claro "de onde" o estudante está olhando para o seu objeto de estudo.

A relação entre teoria, metodologia e dados empíricos é muitas vezes um "cavalo de batalha" para muitos alunos. É um erro comum dos professores explicar separadamente o papel da teoria no processo de pesquisa, a delineação necessária de uma estratégia metodológica clara para abordar o fenómeno e os procedimentos específicos para a análise de dados empíricos. Embora a explicação independente possa ser pedagógica, acreditamos que a tarefa dos professores é fornecer uma explicação concatenada desses elementos. Os facilitadores e facilitadores do processo de pesquisa

devem deixar claro que a teoria (de onde vemos) e a metodologia (como procedemos) são as pedras angulares para uma análise e interpretação correta dos dados obtidos durante o trabalho de campo. Portanto, é válido fazer as seguintes perguntas: Como fazer com que os dados digam algo além do óbvio? Como passar de uma análise descritiva para uma interpretação integral dos dados obtidos no trabalho de campo? Como fazer uso da teoria quando já obtivemos certas aproximações empíricas ao fenômeno em estudo?

É muito comum rever trabalhos de pesquisa cujo capítulo teórico tem pouco ou nada a ver com os dados obtidos e analisados num capítulo posterior, geralmente antes das conclusões finais do trabalho. Parece que às vezes os alunos entendem os capítulos como independentes; eles concluem o capítulo teórico e passam para o próximo, a estratégia metodológica, começando do zero, sem estabelecer a ponte que necessariamente conecta o quadro teórico com a exposição dos métodos e técnicas de pesquisa, e os instrumentos de coleta de dados.

## **6. Parafuso sintético**

O que escrevemos até agora é uma prévia das reflexões que ganhamos com nossa prática como professores e orientadores de teses em nível de graduação e pós-graduação no México e em outros países da América Latina. O texto não pretende oferecer verdades absolutas ou orientações acabadas sobre como melhorar o ensino e a formação em investigação. Pelo contrário, tentamos apresentar algumas reflexões a partir da prática, que nos permitem continuar a discutir e debater como os diferentes níveis de pesquisa (fundamentalmente teórica e metodológica) devem e podem ser articulados, não só no trabalho que nós, como pesquisadores de comunicação, realizamos sobre múltiplos fenômenos comunicativos, mas sobretudo no campo do ensino e da formação de jovens pesquisadores.

Em trabalhos anteriores defendemos a necessidade de distinguir entre investigação e investigação pedagógica (Rizo, 2006). Neste sentido, estas páginas têm tentado oferecer algumas pistas para continuar a pensar neste último, dado que a ênfase é colocada nos obstáculos, derivados da falta de clareza na articulação entre teoria e metodologia, que os alunos encontram durante o processo de pesquisa.

## Referências

- Díaz Barriga, Ángel (1990). *Investigación educativa y formación de profesores*. Cuadernos del CESU, Núm. 20. México: UNAM.
- Domínguez, Silvia (2007). "El objeto de estudio en la investigación. Diversas aproximaciones", en *Revista de Educación y Desarrollo*, 7. Octubre-diciembre 2007. Recuperado de <https://bit.ly/2LlKZqi>
- Fuentes N., Raúl (2004). "Del intercambio de mensajes a la producción de sentido: implicaciones de una perspectiva sociocultural en el estudio de la comunicación". *Quórum Académico*, Vol. 1, Núm. 1, (enero - junio 2004), pp. 3-24. Maracaibo (Venezuela): Universidad de Zulia. Recuperado de <https://bit.ly/2yPU5ZI>
- Fuentes N., Raúl (2003). "La producción social de sentido sobre la producción social de sentido: hacia la construcción de un marco epistemológico para los estudios de la comunicación", pp. 15-40.
- Vassallo de Lopes, M. (org.) *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola.
- Galindo, Jesús (1998). "Introducción. La lucha de la luz y la sombra", en Galindo Cáceres, Jesús (coord.) *Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación*. México: Addison Wesley Longman, pp. 9-31.
- Gortari, E. (1974). *Iniciación a la lógica*. México: Grijalbo.
- Kerlinger, F. (1988). *Investigación del Comportamiento*. México: McGraw-Hill.

Rizo, Marta (2006). "Enseñar a investigar investigando. Experiencias de investigación en comunicación con estudiantes de la Licenciatura en Comunicación y Cultura de la Universidad Autónoma de la Ciudad de México". En Dettleff, James A. (comp.) *Desafíos de la investigación universitaria*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, pp. 19-39.

Torrice V., Erik (2004). *Abordajes y periodos de la teoría de la comunicación*. Buenos Aires: Norma.

Vasallo de Lopes, Maria Immacolata (1999). "La investigación de la comunicación: cuestiones epistemológicas, teóricas y metodológicas". En *Diálogos de la comunicación*, Núm. 56. Lima: FELAFACS.



## A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE NA PESQUISA DE PONTA

---

Luciana Moherdau  
(USP – Universidade de São Paulo, Brasil)

Este artigo pretende refletir sobre o percurso desta pesquisadora no estágio pós-doutoral realizado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), destacar a importância da interdisciplinaridade nos estudos que envolvem tecnologia, interface e espaço urbano, temáticas integrantes do projeto relacionado à área de design da universidade, e observar como a troca de conhecimentos implica na melhora das atividades acadêmicas e, conseqüentemente, nos resultados apresentados.

\*\*\*\*\*

Quando apresentei o projeto pós-doutoral à Comissão de Pesquisa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), no início de 2018, não imaginava que a conclusão me conduziria de volta ao meu campo de pesquisa de origem: o jornalismo praticado na internet.

A proposta levou aproximadamente seis meses para ser concluída até ser submetida ao corpo docente da USP com intuito de avaliar a sua pertinência para aquela faculdade. O tempo de

redação foi maior do que projetos apresentados para o Mestrado (2003-2006), na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM-UFBA), e para o Doutorado (2008-2012), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Por óbvio que o prazo de maturação tem relação direta com a minha formação – Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo –, pois alterei as vertentes teórica e documental da temática abordada ao longo do processo, tendo revisado bibliografia e abordagem, dirigidas a uma reflexão crítica a respeito de estratégias de uso do espaço público nos âmbitos da arquitetura e do design.

E o que, a princípio, pareceu fora do escopo, revelou-se depois absolutamente convergente entre essas áreas do saber. Explico: a inquietação analisada no pós-doutorado - como as projeções efêmeras ou temporárias irão reconfigurar as cidades contemporâneas quando qualquer pessoa puder reproduzir interfaces para além da tela de um smartphone – apontou novas perspectivas de estudos durante a pandemia do novo coronavírus, e a informação está entre elas. A inquietação comprovou a hipótese durante o isolamento social.

O Vale do Anhangabaú, localizado no centro de São Paulo, espaço de investigação no qual se dá a pesquisa a respeito dessas telas urbanas, foi o ponto de partida para algo que, em março de 2020, ocupou não só a capital paulista, mas todo o País. O projeto transbordou, e a principal razão, sem dúvida alguma, foi a quarentena imposta, não somente a brasileiros, mas a moradores de todo o planeta, como forma de conter a disseminação da Covid-19.

Ou seja, o que inicialmente estava restrito à perspectiva de um lugar de experimentação, cuja base foi *Lost Memories* (2012), curta produzido pelo diretor francês Francois Ferracci em que simula uma Paris (França) em 2020 administrada por dados, na qual a computação é ubíqua e as interfaces flutuantes, não mais estáticas, são reproduzidas por dispositivos móveis, ganhou cores e sons em

fachadas, empenas e muros para além da região central paulistana, com reproduções feitas a partir de projetores acoplados em janelas ou varandas<sup>5</sup>.



Cena de “Lost Memories”, 2012. Crédito: Divulgação

A experimentação realizada no Vale<sup>6</sup>, escolhido pela sua densidade histórica e por ter se tornado, após grandes mudanças nos séculos 20 e 21, um espaço de fluxos<sup>7</sup>, espécie de Palimpsesto descrito pelo escritor Mário de Andrade, foi a primeira a resultar na constatação segundo a qual as interfaces urbanas podem ser apropriadas pela análise do campo da comunicação tanto do ponto de vista textual como do estético.

Tal percepção abre um novo ângulo de trabalho acadêmico, e o reflexo disso é verificado na imagem abaixo, reveladora de um design voltado à metáfora analógica, também replicada em portais

---

<sup>5</sup> Para saber mais, ver a edição do coletivo Projetemos disponível em: <<https://bit.ly/3j609jp>>. Acesso em jul.2020.

<sup>6</sup> As experiências feitas no Vale do Anhangabaú com telas flutuantes pela produtora e artista multimídia Giovanna Graziosi Casimiro, integrante do grupo de pesquisa “Estéticas da Memória do Século 21”, da FAU-USP, estão disponíveis em: <<https://bit.ly/3b3sdP7>> e <<https://bit.ly/2SHSjHs>>. Acesso em jul.2020.

<sup>7</sup> Por espaço de fluxos, o sociólogo espanhol Manoel Castells define ser “a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos”.

surgidos na década de 1990, início da Word Wide Web, com hierarquia, diagramação e coluna (NELSON, 2001):



Experimento com telas flutuantes feito no Anhangabaú em 2019 – Crédito: Giovanna Graziosi Casimiro

Outros indicativos da convergência entre a arquitetura, o urbanismo e a comunicação surgiram a partir da interdisciplinaridade exigida pela pesquisa, afinal essas telas são constituídas com bases legal e técnica, além da estética natural. Essa necessidade de ajuste na proposta é reivindicada pela obrigatoriedade de, sobretudo, elencar metodologicamente de que maneira essas projeções efêmeras ou temporárias são exequíveis nas cidades contemporâneas.

Esse raciocínio orientou diálogos com professores e pesquisadores não apenas dos grupos ligados à FAU-USP dos quais sou integrante, como “Estéticas da Memória do Século 21” (EMS21) e “Laboratório para Outros Urbanismos” (OUTROS)<sup>8</sup>. Mais do que o aporte teórico e a historicização desse processo alinhavados naqueles grupos a respeito das projeções, começado no século XVIII pelo mágico e ilusionista *Étienne-Gaspard Robert* (MAX MILNER:

---

<sup>8</sup> Para saber mais sobre o Laboratório para Outros Urbanismos (OUTROS), ver: < <https://bit.ly/3gZ0D8Z>>. Acesso em jul. 2020.

1982 apud PARENTE: 2016), foi importante mapear possibilidades de diálogos entre diversos campos do conhecimento.

No caso desta pesquisa, foram fundamentais as trocas de aprendizado entre grupos de pesquisa da própria USP, como o Ética, Tecnologia e Economia Digitais (ETED), do Instituto de Energia do Instituto de Energia e Ambiente (IEA), em que fui aprovada como membro por meio de edital de seleção, e também em outras escolas, como o Telas eletrônicas, literatura e artes audiovisuais (TELEA), do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (IL-UNB), no qual sou colaboradora.

Também foram imprescindíveis as conversas informais com professores da Escola Politécnica (Poli) e especialistas desse campo do conhecimento para corroborar a hipótese defendida no projeto de pós-doutorado e apontar caminhos provocados pelo objeto de estudo, conforme mencionado anteriormente.

Não menos importante que o objeto, senão imprescindível, é o papel desempenhado pelo supervisor no estágio pós-doutoral. Tendo como método os ensinamentos do educador Paulo Freire (1921-1997), que dá autonomia na mesma medida em que conduz o pesquisador, Giselle Beiguelman, no Doutorado na PUC-SP, nas primeiras fases da pesquisa, depois substituída brilhantemente por Rogério da Costa, em razão de sua aprovação em concurso na USP, e agora na FAU, é influenciadora das mudanças estruturais – teórica e experimental - presentes nos mais recentes trabalhos desta pesquisadora.

Essa foi a lógica balizadora do projeto executado, cujo resultado não se limitou em propor reformulação a Lei Cidade Limpa, regradora de ações no município de São Paulo, especialmente ao que concerne a *media facades* (fachadas de mídia), denominadas pela prefeitura projeções temporárias, mas de iniciar uma reflexão a respeito da possibilidade de redigir uma Lei Geral de Cultura Digital.

A legislação teria origem em amplo debate, que contemplaria não só essas telas urbanas de projeções efêmeras ou temporárias,

mas ações realizadas no espaço informacional como um todo. Ou seja, uma proposição orientada para as Tecnologias de Informação e de Comunicação, voltada às práticas urbanas, com regras gerais e vocabulário não obsoleto.

Esse raciocínio indica que é preciso ir além de autorizações para reprodução de telas e a proibição de propaganda, exigidas pela legislação em vigor, não só em fachadas, mas também em empenas de muros. Por uma razão, de acordo com ativistas projetores: a regra, neste contexto, contraria ao artigo 5º da Constituição<sup>9</sup>. Eis uma discussão posta e urgente a ser considerada.

Também é necessário pensar sobre modelos de negócios para estes novos formatos não só na capital paulista, mas no Brasil, a exemplo do que ocorreu em Berlim, na Alemanha, com o *Windowflick*, que exibiu o que se passou a chamar de *Facadekinos* (cinema de fachada). Incentivado pelo cineasta alemão Wim Wenders, o programa angaria doações por meio de uma campanha de *crowdfunding* (financiamento coletivo). O objetivo desta ação é arrecadar dinheiro para artistas duramente atingidos pela crise da Covid-19.

Os apontamentos resultantes deste estudo são absolutamente imprescindíveis. Há, contudo, outro, como já aventado (ver p. 3): a possibilidade de nova abordagem, o uso de empenas, muros e fachadas para informar, e isso só foi possível porque a pesquisa não se limitou a comparações. Pelo contrário, o método adotado problematizou o objeto e indicou possibilidades de reconfigurações, voltadas agora ao campo da comunicação como desdobramento do estágio pós-doutoral.

Importante anotar que a definição das *media facades* aproxima-se daquela estabelecida quando começaram os estudos para mapear e sistematizar as características do jornalismo de internet, quando a Web foi anunciada pelo engenheiro britânico Tim

---

<sup>9</sup> Para saber mais sobre o artigo 5 da Constituição, ver: < <http://bit.ly/37sXUAL>>. Acesso em jul. 2020.

Berners Lee: são denominadas *media facades* "a incorporação de comunicação de uma fachada, principalmente na forma de mídia digital". Elas integram a *media architecture* (arquitetura de mídia), cuja principal característica é a "representação dinâmica de texto, gráfico ou imagem, vídeo incluído, dentro ou fora de uma fachada" (HAEUSLER: 2009, p.12-14).

Essa interdisciplinaridade aplicada como método no pós-doutorado foi fundamental para a concepção de um projeto para elaboração de uma agência noticiosa digital com distribuição por *microtarget* em múltiplas plataformas – "A distribuição da informação além da World Wide Web" – aprovado em novembro de 2019, em primeiro lugar, como requisito para ocupar o cargo de professor visitante do Departamento de Comunicação Institucional da Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) por um período de um ano, renovável por mais um<sup>10</sup>.

Por fim, o processo de estudos desta pesquisadora, oriundo do método aplicado pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line da FACOM-UFBA (GJOL), apresentado ao longo destas páginas, indica que a junção das áreas, somada a fazer proposições, em vez de apresentar somente o estado da arte de um objeto, são as mais importantes contribuições que um pesquisador pode dar aos campos do saber aos quais está inserido.

## Referências

BEIGUELMAN, G. **Da cidade interativa às memórias corrompidas: arte, design e patrimônio histórico na cultura urbana contemporânea**. 2016. Tese (Livre Docência em Linguagem e Poéticas Visuais) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,

---

<sup>10</sup> A lista de aprovados está disponível em: < <https://bit.ly/2ZlqGeW>>. Acesso em jul. 2020. Nota: por determinação de portaria do governo federal, os professores visitantes aprovados em concursos de universidades federais não puderam ainda tomar posse.

Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: < <http://bit.ly/32FMIND>>. Acesso em jul. 2020.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HAEUSLER, M. H. **Media facades – History, technology, content**. Alemanha: Avedition, 2009

**LOST MEMORIES**. Direção de Francois Ferracci. França. Vimeo: 2012. Curta (02h48). Disponível em: < <https://bit.ly/38Px8Ug> >. Acesso em jul. 2020.

MOHERDAUI, L. **O usuário de notícias no jornalismo digital: Um estudo sobre a função do sujeito no Último Segundo e no A Tarde OnLine**. 2005. 120f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: < <https://bit.ly/32g5uym>>. Acesso em jul.2020.

\_\_\_\_\_. **Guia de estilo web – Produção e edição de notícias on-line**. São Paulo: Senac, 2000; 2002; 2007).

\_\_\_\_\_. **Interfaces nômades – Uma proposta para orientar o fluxo noticioso na web**. 2012. 306f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: < <https://bit.ly/3049KhP>>. Acesso em jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo sem manchete – A implosão da página estática**. São Paulo: Senac, 2016.

\_\_\_\_\_. **Telas urbanas - Uma contribuição para a arquitetura reconfigurar o espaço de fluxos**. 2018-2021. 20f. Projeto (Pós-Doutorado na linha de pesquisa Processos e Linguagens, área de Design) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018-2021. Disponível em: < <http://bit.ly/3amXBsA>>. Acesso em jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **As inéditas projeções de março**. São Paulo, mar. 2020. Disponível em: < <https://bit.ly/3bsa0eu>>. Acesso em jul. 2020.

NELSON, T. **Deeper Cosmology, Deeper Documents**. In: **The Twelfth ACM Conference on Hypertext and Hypermedia**, 2001, Dinamarca.

Disponível em:

<<http://www.sigweb.org/ht01/tech.html#ted>>. Acesso em 21 abr. 2008

PARENTE, A. **Do quase ao pós-cinema: o cinema como efeito**. In: SANTAELLA, L. (Org.). **Novas formas do audiovisual**. São Paulo: 2006.

SALFITI, J. **Rear Windowflick: Berlin's DIY film screenings — in pictures**. In: *The Guardian*, Londres, 7 mai. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2WU5xeW>>. Acesso em mai. 2020.



## O PERCURSO DE UMA ESCRITA REFLEXIVA NA/PARA A FORMAÇÃO: a experiência do estágio pós-doutoral

---

**Marcela Tavares de Mello**

(UFF – Universidade Federal Fluminense /  
Faculdade Santo Antônio de Pádua / FASAP, Brasil)

### **Apresentação**

Neste texto, apresentarei, de forma sucinta, resultados do estudo realizado no estágio pós-doutoral e reflexões que a escrita deste texto, que escrevo neste momento, possibilitou-me enquanto professora-pesquisadora-autora. Escrever um texto como este, que exige características menos rígidas daquelas “determinadas” pelos textos em que se concretizam as pesquisas, faz-me trazer à tona significados/observações que ficam, em geral, armazenados e flutuando em nossos pensamentos de forma desordenada, mas que detêm aspectos relevantes no nível da formação e, sobretudo, da prática.

Início o texto discutindo sobre o papel da leitura e da escrita na esfera acadêmica, e o papel destas na atuação do profissional que se retroalimenta da pesquisa. Além disso, apresento o caminho percorrido na investigação sobre o letramento acadêmico, iniciado ainda no curso de mestrado. Em seguida, recupero brevemente alguns resultados gerados na pesquisa desenvolvida no estágio pós-doutoral, cujo objetivo foi analisar as apreciações valorativas que estudantes do curso de Mestrado em Comunicação e Sociedade de

uma universidade pública desenvolvem a respeito do ensino da leitura e da escrita na esfera acadêmica, tendo em vista os expedientes pedagógicos adotados pelo professor universitário. Por fim, apresento uma proposta de continuidade de um programa de investigação e reflexões que a escrita deste texto me permite.

## **O papel da escrita/leitura na formação do profissional-pesquisador**

Me ocorre frequentemente a ideia de que nós nos relacionamos com a linguagem assim como os peixes se relacionam com a água. Fora da água, o peixe não existe, toda sua natureza, seu desenho, seu organismo, seu modo de ser estão indissociavelmente vinculados à água. [...] ser peixe é ser na água.

No momento em que escrevo este texto, deparo-me com Bagno, no prefácio de um livro de Antunes (2010), que faz alusão aos indivíduos como peixes e à linguagem como água. Na passagem, o autor reflete sobre o significado da linguagem na vida dos seres humanos, evidenciando o quão essencial e relevante ela é no processo de interação e na mediação com o mundo. Assim como os peixes não vivem sem água, nós também não existimos sem a linguagem, segundo o linguista.

Essa afirmação encontra eco nos motivos que me levaram a realizar pesquisas sobre a relevância do desenvolvimento da leitura e da escrita na esfera acadêmica. Trata-se de experiências vividas no campo profissional (e pessoal) que, num certo momento, incomodaram-me a tal ponto que resolvi escrever e pesquisar sobre a temática. A primeira experiência se relaciona ao período em que era aluna do Mestrado em Educação. Quando ingressei no curso, deparei-me com inúmeras dificuldades no que concerne aos usos da linguagem que circulava naquele contexto, ou seja, a linguagem acadêmica. Esses obstáculos faziam com que me sentisse frustrada e

excluída daquele espaço ("fora da água, como sugere Bagno), acarretando, assim, constantes momentos de angústia, conflito e tensão.

Para conseguir romper esta barreira, realizei um estudo sistemático acerca de estratégias de escritas dos gêneros textuais acadêmicos solicitados no curso. Essas leituras, além de proporcionar suporte em relação à escrita, auxiliaram-me na compreensão dos gêneros discursivos socializados nas disciplinas. Confesso que não foi uma tarefa simples, entretanto, consegui alcançar meu objetivo, ou seja, desenvolver o letramento exigido naquele contexto acadêmico.

A partir disso, na tese *Letramento de domínio acadêmico: teoria e prática* (segunda experiência), defendida em 2017, busquei identificar as principais ações promotoras do letramento acadêmico desenvolvidas pela instituição analisada, bem como os conflitos e as tensões com os quais os graduandos(as) se depararam quando ingressaram no ensino superior. Em se tratando dos resultados da pesquisa, os desafios vivenciados pelos estudantes eram comuns tanto àqueles que estavam iniciando os cursos como aos que estavam concluindo a graduação. Isso significa que, naquele contexto, grande parte dos estudantes concluiu o curso de graduação sem ter desenvolvido práticas significativas de produção e compreensão dos textos que circulam na esfera acadêmica.

Considerando os dados obtidos naquela ocasião, questioneei, então: *Ao ingressar na pós-graduação, são oferecidas disciplinas/atividades que visem a auxiliar os mestrandos a produzir e compreender os gêneros discursivos acadêmicos? Que gêneros discursivos circulam nos cursos de pós-graduação? Como se configuram, segundo as apreciações valorativas das estudantes, as atividades de ensino da leitura e da escrita dos gêneros discursivos?* Tais indagações me influenciaram a pensar a pesquisa do estágio pós-doutoral, cujo objetivo foi analisar as apreciações valorativas que estudantes do curso de mestrado desenvolvem a respeito do

ensino da leitura e da escrita na esfera acadêmica, tendo em vista os expedientes pedagógicos adotados pelo professor universitário.

### **Alguns resultados**

Antes apresentar alguns dados, abro um parêntese para apresentar as sujeitas da pesquisa, bem como discorrer brevemente sobre as experiências tiveram em relação aos usos da linguagem, quando na graduação, a fim de conhecer suas histórias de letramento acadêmico. No cenário da pesquisa, as personagens são mestrandas que passaram pelo ensino de graduação em Jornalismo. Como estudantes do ensino superior, segundo elas, leram bastante principalmente cópia de livros e de artigos, que foram objetos de aulas de “discussão de textos” em que o professor falava mais que o aluno. Prepararam seminários, ou seja, dividiram com dois ou três colegas a tarefa de apresentar oralmente um tema para a plateia composta pelo professor e os colegas de turma. Escreveram alguns “trabalhos”, que consistiram em compilações apressadas de leituras, cujo único destinatário era o professor da disciplina. Depois de entregar os trabalhos, receberam suas notas (foi assim alcançada a finalidade maior da tarefa), geralmente desacompanhadas de comentários.

Chegando ao mestrado, tendo participado de práticas de leitura e escrita dessa natureza, as mestrandas têm diante de si a tarefa de escrever e compreender os inúmeros gêneros discursivos acadêmicos. Cabe, então, questionar como estudantes do curso de mestrado vivenciam as práticas cotidianas de leitura e escrita no que concerne ao ensino e a incidência dos gêneros discursivos acadêmicos.

Em um primeiro momento, busquei identificar que gêneros discursivos incidiram no curso de mestrado em relação à leitura e à escrita. Para isso, lancei a seguinte questão: Até aqui, que textos/gêneros discursivos vocês mais leram e escreveram? Em relação à leitura, as participantes afirmaram o predomínio de

gêneros de natureza científica, tais como artigo científico, dissertação, tese, livro e resumo expandido. Em seguida, quando questionei a recorrência dos gêneros discursivos solicitados para fins de escrita, as mestrandas enunciaram: seminário, artigo científico, projeto de pesquisa, fichamento e resumo expandido.

Além de apontarem os gêneros discursivos solicitados para fins de produção, as mestrandas, em tonalidades dialógicas que manifestavam insatisfação, relatavam, no coletivo, a dificuldade de determinar e diferenciar os gêneros discursivos e o fato de os professores, em geral, solicitarem a produção de "redação".

Em seguida, questionei com que intencionalidades os gêneros acadêmicos solicitados eram produzidos. No primeiro momento, a resposta foi unânime: a avaliação. Posteriormente, nas interações, as mestrandas, aos poucos, conseguiram associar os objetivos aos gêneros específicos. Segundo elas, os gêneros solicitados para fins de avaliação e raramente publicação – pontuou uma das mestrandas sempre em tonalidades dialógicas de descontentamento - são o artigo científico e o resumo expandido; já para fins exclusivamente de avaliação, o seminário e o fichamento. e este produzido também para facilitar a compreensão dos artigos científicos. Isso significa que há momentos em que os textos são solicitados ora para verificação de aprendizagem, ora, com menor incidência, para a socialização do conhecimento.

Tendo em vista os enunciados produzidos pela mestranda na ocasião, é possível afirmar que, ainda que elas consigam estabelecer os objetivos dos gêneros específicos, a produção textual, em geral, resume-se a instrumento avaliativo, segundo suas apreciações valorativas. Essa informação encontra eco em Rodrigues e Rangel (2018) quando afirmam, baseadas em um estudo realizado com objetivo de analisar os obstáculos enfrentados pelos estudantes quanto à aprendizagem da escrita acadêmica, no âmbito da graduação em Pedagogia, que os textos solicitados eram produzidos

apenas como requisito para o cumprimento das tarefas propostas nas disciplinas.

Sob este prisma, concordamos com Figueiredo e Bonini (2006)

Os fenômenos linguísticos são sociais na medida em que, sempre que alguém fala ou ouve ou escreve ou lê, essas ações são feitas de formas socialmente condicionadas, e provocam efeitos sociais. Por outro lado, os fenômenos sociais são linguísticos na medida em que as atividades linguísticas que ocorrem em contextos sociais não são um mero reflexo ou expressão de processos e práticas sociais, na verdade elas são parte desses processos e práticas. Os analistas críticos do discurso acreditam que práticas sociais e práticas discursivas se apoiam mutuamente [...] a linguagem é tanto fonte quanto receptora de processos discursivos, sociais e ideológicos mais amplos. Devido a esta inter-relação entre discurso e sociedade, as instituições sociais dependem profundamente da linguagem. (FIGUEIREDO e BONINI, 2006, p. 418)

Tal afirmação leva a considerar que o ensino-aprendizagem de qualquer gênero discursivo precisa levar em conta o uso efetivo da língua, ou seja, em que situação mediata e imediata por que e para que os textos são produzidos, que papéis os interlocutores assumem quando leem e/ou escrevem determinados gênero, quais os aspectos sociais e linguísticos desses textos (BAKHTIN, 2011). Assim, solicitar uma produção textual sem considerar a socialização dos textos produzidos “implica desconhecê-los como prática social” (FIGUEIREDO; BONINI, 2006, p. 418).

Indo mais adiante, Bakhtin (2011) destaca que o sujeito desenvolve a competência linguística quando vivencia as situações comunicativas e experimenta os diversos gêneros discursivos. Acrescenta, ainda, que são essas experiências de uso da língua(em) que o torna mais experiente para identificar, diferenciar ,

compreender o sentido e a estrutura dos textos. No entanto, é comum encontrarmos pesquisas realizadas tanto na educação básica como nos cursos de graduação que constataam que a único objetivo da produção textual, quando solicitada, é a verificação da aprendizagem.

Infelizmente, por meio das vozes das estudantes produzidas em tom de insatisfação, percebemos que essa prática se repete em alguns cursos de mestrados. É preciso ratificar que esse dado vai de encontro a todos os pressupostos teóricos que compreendem a linguagem como prática social, propondo que os estudantes vivenciem a linguagem em sua totalidade, ou seja, participantes, ambientes, artefatos e atividades (HAMILTON, 2000), para que possam desenvolver consciência do funcionamento da prática de linguagem situada, neste caso, na esfera acadêmica.

Posteriormente, em diálogos com as mestrandas, perguntei se existe alguma disciplina que vise a auxiliá-las a compreender e produzir textos. Em vozes produzidas coletivamente, em tonalidades dialógicas que expressavam descontentamento e angústia, as mestrandas afirmaram que não há disciplinas e que “inclusive os professores acham ruim, dizendo que queremos a receita do bolo, como se a gente já devesse saber”.

Além de identificar que não há disciplina ou qualquer outra ação pedagógica voltada para o ensino da produção de gêneros acadêmicos no currículo do curso, como ocorre na maioria dos programas de pós-graduação, tais apreciações valorativas traduzem a ideia de que os docentes não se sentem responsáveis em orientar as estudantes na tarefa de produzir e compreender os textos por eles solicitados. Por essa razão, no discurso das participantes em interação, é possível perceber desagrado em razão da ausência de expedientes pedagógicos que as auxiliem na inserção do Discurso acadêmico e, ao mesmo tempo, o desejo de encontrarem subsídios para a escrita de seus textos.

O posicionamento dos professores não é diferente do que aponta Andrade (2004, p. 1), para quem os professores universitários “abstêm-se de produzir uma racionalidade clara e tornar esta prática uma conduta regulada de forma explícita”. Do ponto de vista da pesquisadora, se tais práticas letradas fossem explicitadas, alunos e professores teriam legitimados seus lugares específicos diante da escrita e da leitura. No entanto, é possível afirmar que, em geral, tanto na graduação como na pós-graduação, os docentes se desobrigam dessa tarefa, lançando mão do discurso enunciado/replicado de uma mestranda: “você vão aprender fazendo”.

Dando sequência à entrevista, questionei se no âmago das disciplinas os professores adotaram expedientes pedagógicos que, na visão delas, auxiliavam-nas no processo de produção e compreensão textual. No que se refere à leitura dos textos, as mestrandas apontaram, em tonalidade de satisfação, que, em geral, há orientação para a compreensão dos textos analisados. Como encaminhamentos significativos, apontaram a leitura coletiva realizada por meio de rodas, constituindo na análise e na discussão dos textos estudados, e a atividade de identificar aspectos previamente determinados pelos professores, como leitura orientada.

Além disso, uma estudante afirmou – neste momento, com expressão extraverbal sinalizando conforto:

Na nossa turma, tiveram professores que liam o texto junto com a turma, cada um lia um pedaço e depois um cada dava sua opinião sobre o que entendeu. Isso facilitava muito. Aí se não fosse bem aquilo, ela (professora) fazia os apontamentos, tentando esclarecer sobre o que estava sendo discutido. Isso assim, foram umas três disciplinas dessa forma. Isso ajudava bastante.

A eficácia da leitura coletiva por meio de rodas de leitura também foi identificada na pesquisa que realizei em 2017. Na referida pesquisa, cujo objetivo era analisar as ações que promovem o letramento acadêmico em uma universidade pública, especificamente nas aulas em que eram utilizados textos de caráter científico, uma das professoras adotou a mesma estratégia apontada pelas mestrandas como relevante: a leitura coletiva por meio de rodas. Na ocasião, foi possível perceber a relevância da estratégia adotada pela professora para trabalhar a leitura acadêmica, e que o simples fato de as carteiras estarem dispostas em círculo era uma maneira de dar espaço aos discentes e fazer com que eles compreendessem que os seus posicionamentos também eram legítimos. Verifiquei, ainda, que os discentes compreenderam que o sentido dos textos era construído a partir de diálogos estabelecidos entre o leitor, a informação e o autor, sujeitos do discurso.

Seria desejável, então, que nós professores desenvolvêssemos uma consciência de nosso papel de produtores de leitura: mudam os leitores, mudam os suportes de textos, mas a leitura para fins de estudo continua a ser um exercício intelectual complexo, passível de ser ensinado. De modo geral, a leitura é conduzida na escola como se todos os alunos, por terem sido alfabetizados, fossem capazes de abordar diferentes estruturas textuais e compreender textos complexos. Percebe-se, pelas vozes das mestrandas, que, com o auxílio das docentes por meio de leitura coletiva e atividades de compreensão direcionadas, a leitura aconteceu de forma fluida, num movimento de (co)construção dos sentidos. Assim, os obstáculos relacionados às práticas de leitura foram minimizados por conta das estratégias adotadas pelos docentes e que, em decorrência desse quadro, as apreciações valorativas, enunciadas pelas mestrandas em tonalidades de conforto e segurança, expressavam satisfação, indicando que há orientação para a leitura dos textos acadêmicos.

Em contrapartida, as atividades de escrita não se configuraram da mesma maneira. As mestrandas afirmaram que a produção

textual é solicitada desacompanhada de qualquer tipo de orientação, seja relacionada ao conteúdo, à estrutura, e, principalmente, ao gênero em que a “redação” devesse se materializar. Afirmaram, ainda, que, em raras situações, foram proporcionadas orientações para a escrita.

Como afirma Bakhtin (2011), todo enunciado é produzido para alguém com intenções pré-definidas. Os enunciados produzidos pelas participantes, no intuito de expressar suas impressões sobre as práticas escriturais dos textos, reforçam e sinalizam dois pontos que merecem destaque: a) a confusão e o desconhecimento da natureza dos gêneros discursivos, já pontuados em outro momento; b) o descontentamento relacionado à ausência de expedientes pedagógicos para a escrita de textos acadêmicos. Esses fios ideológicos apontam a desorientação para escrita dessa esfera discursiva.

Tendo por referência as apreciações valorativas das mestrandas, pode-se inferir que as(os) docentes não discorrem sobre as características dos textos solicitados, deixando implícitas informações essenciais para a produção de qualquer texto, tais como que gênero deve ser escrito, em que situação e suporte ele será socializado e qual o objetivo da proposta. Quando os(as) professores(as) propõem tarefas que não proporcionam aos alunos a possibilidade de planejar seus textos, de textualizá-los em função de leitores e objetivos determinados e de revisá-los, pouco contribuem para o (re)conhecimento dos gêneros discursivos acadêmicos. Em síntese, assevera Kersch (2014, p. 62), “falta dar a quem produz textos – alunos e professores – as orientações adequadas e completas”.

Levando em conta o exposto, pode-se afirmar, como aponta Street (2010), que há dimensões que permanecem escondidas no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Nessa mesma vertente, Rodrigues e Rangel (2018, p. 36) afirmam que há

uma “desorientação desses sujeitos que parecem não compreender o que o professor universitário lhes solicita”.

Enquanto dialogava sobre as especificidades dos gêneros discursivos acadêmicos, uma aluna pediu licença para dizer que havia se lembrado de uma “ação” desenvolvida pelo professor de Metodologia que, de certa forma, a auxiliou na produção da pesquisa. Tratava-se da apresentação de um modelo para servir como “guia” para a produção textual.

Esse dado não é diferente do que aponto em num estudo realizado em 2018 em um relato de experiência que produzi sobre o ensino do gênero resumo científico. Na ocasião, apresentei vários resumos publicados numa revista Qualis A1 aos estudantes, sujeitos da pesquisa, e discuti/analisei algumas questões intrínsecas ao referido gênero, tais como a finalidade, a organização retórica e a variedade linguística. Posteriormente, os resumos científicos produzidos nessa experiência foram socializados em um evento acadêmico.

Os participantes entenderam que a estratégia utilizada, a leitura e a análise de textos do mesmo gênero, serviu de base para a escrita, assim como ocorreu com as mestrandas neste estudo, ainda que tal apresentação aconteça desvinculada de uma análise mais aprofundada das características do gênero discursivo e, sobretudo, desvinculada das práticas, dos usos sociais dos quais essas alunas participam.

Embora não houvesse uma explanação acerca das características das produções textuais solicitadas, as estudantes disseram que os(as) professores(as) sempre ofereciam retorno de seus textos. A esse respeito, recuperamos a discussão de Mendonça e Johnson (1994)

A interação entre os pares que é proporcionada pelas atividades de feedback permite que os alunos, ao se engajarem em uma conversa exploratória, construam o significado dentro do contexto da interação social enquanto testam e

trabalham novas ideias, conjugando, assim, os aspectos cognitivos e sociais da linguagem (MENDONÇA e JOHNSON 1994, apud SOARES, 2008, p. 83).

Em outras palavras, as atividades de reflexão conjunta sobre os textos são extremamente relevantes para o desenvolvimento da linguagem acadêmica. Entretanto, já que os docentes não explicitavam em que gênero a produção textual devesse se materializar, questionei em que consistiam esses retornos: temática? conteúdo? forma? Segundo as mestrandas, a “correção” se restringia à interpretação dos conceitos abordados nos textos, ou seja, à compreensão dos conteúdos. Afirmaram, ainda, que esses retornos “até nos ajudam a entender um ou outro conceito, mas não na produção do texto”, enunciou uma aluna, em expressões que ratificam os dados analisados anteriormente: há orientação para a compreensão dos textos, e desorientação para a escrita dos textos solicitados.

Diante dessas análises e com base em experiências próprias, destaco que, em geral, os(as) docentes apresentam dificuldades em orientar graduandos(as) e pós-graduandos(as) na escrita de gêneros discursivos acadêmicos, conformando práticas que não contribuem com o desenvolvimento da competência comunicativa adequada para a vivência autônoma e autoral na academia.

Em decorrência dessa visão, é possível perceber um grau de descompromisso ou incompreensão acerca da necessidade de ensinar a escrita de textos acadêmicos, tendo em vista que em suas práticas pedagógicas, comumente, docentes universitários: (a) não explicitam a finalidade das atividades de produção textual escrita, (b) não apresentam informações claras no que diz respeito à proposta de produção textual e (c) tomam o texto produzido como objeto de avaliação.

## Considerações (que não são finais) e proposta de continuidade de investigação/ação

Ciente dos limites e das possibilidades que esta investigação apresenta e inteirada de que, como nos diz Becker (2015, p. 76), “concluir não é terminar”, pontuo aqui algumas considerações que o diálogo com as mestrandas me permitiu produzir.

Assim, considerando as apreciações valorativas enunciadas coletivamente pelas estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, é possível destacar alguns aspectos.

a) As mestrandas expressam insatisfação e descontentamento em razão da ausência de disciplinas específicas ou de outras ações que visem a auxiliá-las, sobretudo, a produzir os gêneros discursivos que circulam na esfera acadêmica.

b) As mestrandas reconhecem que no âmago das disciplinas são praticados expedientes pedagógicos que subsidiam a compreensão dos textos analisados. Como exemplo, citam (1) a leitura em rodas coletivas, por meio das quais as estudantes expressam suas impressões, realizam conexões com conhecimentos desenvolvidos em outras áreas do conhecimento etc., e (2) as atividades direcionadas para a leitura do texto. Tais expedientes levam-nas a tecer enunciados que expressam satisfação e contentamento no que concerne às estratégias utilizadas pelos docentes;

c) Em contrapartida, decorrente da configuração das atividades de escrita que, comumente, resumem-se a instrumentos avaliativos, solicitadas sem qualquer reflexão acerca dos usos linguístico-discursivos dos gêneros, as mestrandas tecem apreciações valorativas que indicam desorientação e insatisfação em relação ao fazer pedagógico docente.

Fica evidente a proposição de uma revisão sobre as práticas de ensino com a língua(gem) na graduação e na pós-graduação. Emerge nesse contexto a indagação: no contexto de educação sistematizada, há possibilidades para exercícios de simulação de compreensão e produção de gêneros acadêmicos, ou é necessário ler e produzir tão somente com fins sociais, com o endereçamento definido? Essa discussão é necessária diante do descontentamento das práticas com os gêneros acadêmicos apresentado pelas entrevistadas. Esse aspecto, por outro lado, pressupõe a revisão do currículo e das práticas pedagógicas na academia.

O desenvolvimento de letramentos acadêmicos implica, como afirmado no decorrer deste estudo, a iniciação a novos modos discursivos e a novas formas de compreender, interpretar e organizar o conhecimento (LEA; STREET, 1998). Quando ingressam nos cursos de mestrado, os estudantes, em geral, já tiveram contato com alguns gêneros discursivos acadêmicos, todavia, nem sempre suas experiências aconteceram de forma efetiva, sistemática e exitosa, justamente pela prática do mistério (LILLIS, 1999), a ausência do ensino sistematizado dos gêneros discursivos acadêmicos.

O estudos desta situação bem como as reflexões que realizo, na escrita deste texto, acerca do meu percurso como aluna-professora-pesquisadora, permite-me defender que, consideradas as especificidades das práticas discursivas da esfera universitária, faz-se necessário promover o letramento acadêmico como meio de inclusão dos graduandos, mestrandos, quiçá doutorandos, nessa esfera discursiva inerente a uma determinada área do conhecimento, vislumbrando o letramento como instrumento de poder, seu impacto na vida das pessoas e seu potencial de empoderamento (JAMES, 1990, p. 16 apud AUERBACH, 2005), além de sua estreita relação com a produção científica brasileira. Para isso, é de suma importância considerar as demandas valorativas expressas pelas entrevistadas, por meio de disciplinas, oficinas, palestras minicursos que visem ao desenvolvimento do letramento acadêmico.

A escrita deste texto me leva a refletir ainda sobre a lacuna existente entre as pesquisas realizadas na universidade -e a teoria que delas brotam- e a prática, ou seja, o que, de fato, acontece nesses espaços. Embora sejam escassos e recentes os estudos sobre os letramentos acadêmicos, há indicativos e pesquisas sobre a necessidade de oferecer aos(as) alunos(as) subsídios para a leitura e escrita de textos em qualquer espaços distinto daqueles que circulavam anteriormente. Entretanto, percebe-se que, como diz o ditado, “na prática, a teoria é outra”.

Enquanto pesquisadora dos letramentos acadêmicos, venho desenvolvendo algumas ações no sentido de auxiliar os(as) estudantes a ler e produzir gêneros discursivos acadêmicos, ou seja, a desenvolver o letramento acadêmico. Trata-se de:

- a) realização e publicação de pesquisas sobre a temática;
- b) apresentação dos estudos em congressos, seminários e simpósios. Os dados desta pesquisa, por exemplo, serão socializados, neste ano, no Endipe e no Ales;
- c) oferta de oficinas de escrita acadêmica na instituição onde leciono bem como em outros espaços;
- d) rodas de conversa com professores e alunos, promovendo debates sobre as questões que compreendem a leitura e a escrita na esfera acadêmica;
- e) oferta de disciplina sobre leitura e escrita de gêneros discursivos acadêmicos;
- f) participação, como integrante, no Labla (laboratório de Letramentos Acadêmicos / UFF).

A partir do exposto e por meio das ações desenvolvidas, espero que a pesquisa realizada aponte alguns caminhos para construir alternativas para um problema que grassa nas universidades, a saber, a leitura e a escrita de gêneros discursivos acadêmicos e a concomitante inclusão nas práticas letradas desse universo, o qual precisa, por princípio, ser um espaço democrático.

## Referências

ANDRADE, Ludmila Thomé. Práticas universitárias de leitura e escrita de futuros professores. In: REUNIÃO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 27, 2004, Caxambu.

**Anais...** Caxambu: 27.<sup>a</sup> Reunião Anual da Anped, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho; BONINI, Adair. Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita. **Linguagem em (Dis)curso**, Santa Catarina, v. 6, n. 3, p. 413-446, out. 2010.

HAMILTON, Mary. Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz (Org.) **Situated literacies**. London: Routledge, 2000.

Kersch, Dorotea Frank. O letramento acadêmico na formação continuada: constituição de autoria e construção de identidades. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 10, n. 1, p. 53-63, jan./jun. 2014.

LEA Mary; STREET Brian. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in Higher Education**, Inglaterra, v. 23, Issue 2, p. 157, jun. 1998.

LILLIS, Theresa. Whose "Common Sense"? Essayist literacy and the institutional practice of mystery. In: JONES, Carys; TURNER, Joan; STREET, Brian V. (Orgs.). **Students writing in the university: cultural and epistemological issues**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

MELLO, Marcela. **Letramentos acadêmicos: teoria e prática**. Curitiba: CRV, 2017.

\_\_\_\_\_. Resumo acadêmico. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 12, n. 3, p. 1607-1629, 21 set. 2018.

\_\_\_\_\_. A leitura nas práticas de letramento acadêmico: estratégias de análise e compreensão. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 228-244, 10 dez. 2018.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.



## NO VERÃO, FECHADO PARA FÉRIAS

---

**Víctor Amar**

(Departamento de Didáctica. Universidad de Cádiz. España)

"Com o nosso culto de gratificação instantânea, muitos de nós perdemos a capacidade de esperar".

(Zygmunt Bauman)

### **De responsabilidades compartilhadas**

Convidar um colega de outra universidade para fazer um pós-doutorado é uma tarefa que combina generosidade e conhecimento compartilhado (Santos, 2016). Curiosamente, a relação acadêmica não se inspira na hierarquia vertical em direção à que deve ser dirigida, mas sim na horizontalidade baseada na interpenetração de um trabalho que reúne dois profissionais consolidados no mundo do ensino e da pesquisa universitários.

Nesta rede de pesquisa entre colegas, que genericamente chamamos de "responsabilidades compartilhadas", uma advertência deve ser feita. A maioria dos colegas que vêm são da América Latina e, no nosso caso, mais especificamente do Brasil. Os europeus têm outros canais e outras chamadas e subvenções. Neste sentido, na maioria das vezes, aqueles que vêm da América chegam com uma situação econômica que, a partir das suas universidades ou estados de origem, são capazes de prestar ajuda sob a forma de bolsas de

estudo. Contudo, há também casos em que se aventuram por conta própria para cobrir as suas próprias despesas.

Na primeira opção, o compromisso é com a universidade anfitriã, mas também com a universidade a que pertencem. No segundo caso, a questão torna-se mais complicada porque eles têm problemas para obter um visto de residência, que pode variar entre 6 meses ou um ano. Portanto, a sua preferência está em ousar vir sem visto, entrar em Espanha como turista e sair para qualquer país não comunitário para poder entrar novamente. A experiência que apreciamos é que eles fizeram algumas visitas ao Norte de África. Talvez por causa da proximidade de Cádiz e, além disso, por causa de quão sedutor pode ser passear por um país como Marrocos.

Uma atividade educativa para eles e um compromisso para os abaixo assinados, inspirado pela confiança. Um trabalho com um resultado académico, mas também de respeito e solidariedade. Provavelmente devido ao facto de conhecer os participantes directa ou indirectamente. Algo que inspirou uma relação empática e uma comunicação assertiva desde o primeiro momento da experiência.

Com cada um deles, uma experiência particular foi iniciada, mas serviu para inscrever redes de colaboração e pesquisa, idas e vindas de pessoas e conhecimentos (Membuela, Casado, Cebreiros e Vidal, 2018). Este é o começo de algo que começa a funcionar: a generosidade entre as universidades e, naturalmente, entre os académicos.

### **Licença académica**

Já demos algumas informações antecipadas sobre os dois tipos de professores que vêm para fazer seus estudos de pós-doutorado. E como, em certa medida, a opção determinará o tipo de permissão de entrada na Espanha. Mas outro procedimento que não pode ser ignorado é a parte académica. Longe de saber exatamente como era, por exemplo, o ensino no país de origem; a universidade anfitriã estabelece um mínimo de co-responsabilidade.

Tudo começa com as consultas relevantes com o Departamento em que a pesquisa será realizada, bem como com a Reitoria do corpo docente a que pertence o professor anfitrião. Desta forma, tanto o Departamento como a Reitoria estão cientes do horário e da singularidade da pesquisa que o convidado irá realizar conosco. É estabelecida uma condição onde é especificado que a universidade anfitriã não incorrerá em custos adicionais, apenas aqueles decorrentes do uso dos espaços e outros materiais.

No entanto, uma vez finalizada a respectiva carta emitida pela parte interessada, esta é transmitida ao Conselho Departamental. Este organismo será o único a canalizar o pedido com base numa carta do professor de espanhol. Este documento é acompanhado de todas as informações relevantes fornecidas pelo docente estrangeiro. E em um ato público no coração do conselho do Departamento, onde a vinda do palestrante estrangeiro deve ser incluída como um item da agenda, a proposta é apresentada. O professor espanhol informa (em forma de defesa pública) e, se necessário, realiza-se um debate sobre este ponto, argumentando sobre o projecto e o interesse da chegada deste professor à nossa universidade. Na maioria dos casos, a votação é realizada mediante parecer favorável, sem qualquer dificuldade para a sua aprovação e admissão.

Uma vez concedidas as respectivas autorizações pela Universidade, o professor vindo do estrangeiro estará em condições de iniciar o seu trabalho no seu país de origem. As portas em Espanha/Cádiz já estão abertas para ele/ela e tem o compromisso dos órgãos responsáveis, bem como a palavra do professor.

Longe dos formalismos do princípio, outros interesses são articulados sob a forma de um compromisso, que poderia ser interpretado como sendo de benefício comum, são empunhados em um duplo sentido. A nível individual para o professor e em relação às universidades. Vejamos: no primeiro caso, a possível participação em actividades organizadas pela universidade de acolhimento é

estabelecida entre os docentes, quer em termos de participação ocasional na sala de aula, quer em cursos organizados para tirar partido da presença do docente.

No segundo caso, os acordos inter-universitários são iniciados (pelo menos pensados e concebidos) com base na experiência pós-doutoramento. Logicamente, é estabelecido um primeiro acordo-quadro, que leva muito tempo a organizar-se, não só devido à lentidão burocrática das universidades, mas também porque os documentos têm de ser traduzidos e passar pelos diferentes filtros legais (gabinete jurídico). Uma vez que este documento tenha sido designado e seja uma realidade, o passo seguinte é o desenvolvimento de acordos específicos, por exemplo, a chegada de pessoal docente, iniciativas editoriais conjuntas, etc. Em nossa experiência há uma com um aluno que veio para preparar sua tese de mestrado. São, evidentemente, experiências formativas, sobretudo na orientação do trabalho de pesquisa, e sempre com o objetivo de colaborar com os alunos-professores que vierem. Assim como a publicação de livros ou periódicos.

### **O pós-doc em foco**

Por definição, um pós-doutorado (pós-doutorado ou pós-doc como é conhecido coloquialmente) é uma atividade que está relacionada à pesquisa realizada após a conclusão de um doutorado (anglicismo doutorado). Em outras palavras, é uma experiência de formação complementar e especialização realizada por uma pessoa com grau de doutor. Neste sentido, o objectivo a estabelecer é aprofundar o conhecimento com base num tema específico em que o médico já é especialista e que continua, na maioria dos casos, seguindo a linha de trabalho da sua tese de doutoramento. Às vezes, ele/ela continua como uma experiência de estudo de um assunto que chamou sua atenção ou sente a necessidade de ampliar seus conhecimentos.

O professor estrangeiro é confrontado com um trabalho autônomo, onde um caminho de continuidade no trabalho de pesquisa é demarcado, acima de tudo, na universidade. E tudo é acelerado pelas tecnologias de informação e comunicação, facilitando o relacionamento (Lazo e Gabelas, 2016; Bernal, Gabelas e Lazo, 2019). Uma decisão tomada, já que o objectivo é continuar a formação sob a orientação de outro colega. Enquanto que as relações de trabalho são estabelecidas entre os profissionais do ensino superior. Neste momento, não há mais uma direção como havia na supervisão de uma tese de doutorado; agora você trabalha em conjunto com um professor universitário. O que subscreve isto é que vocês são ambos colegas; são ambos professores universitários. Esta é uma iniciativa para continuar a formação inspirada na investigação que tem lugar, fundamentalmente, na própria Universidade (no Departamento ou no grupo de investigação). Embora, por vezes, possa ser realizada num centro de investigação ou numa empresa pública ou privada.

No entanto, há evidências de projetos de pós-doutorado que também incluem algum ensino, mesmo que se especifique que pode ser ocasional, médio ou pleno compromisso. Contudo, na nossa experiência, há que acrescentar que apenas o ensino relacionado com a investigação foi priorizado, embora isto não exclua a intervenção ocasional muito específica em aulas de graduação ou pós-graduação (seja a nível de mestrado ou doutoramento).

Quanto ao tempo de permanência na Universidade, deve ser notado que dependia da pessoa que estava hospedada nesta experiência de pós-doutorado. Isso variou de seis meses a um ano inteiro; apenas um pós-doutorado ficou por três meses, pois ele havia assinado um contrato para continuar seus estudos em outra universidade. Em todos os casos, a informação prévia sobre a duração da estadia foi determinada no projecto de investigação, com o respectivo calendário.

O pós-doutorado é uma iniciativa que acaba por fortalecer o trabalho de investigação da pessoa envolvida. Como mencionado acima, este trabalho de alto nível visa estimular a produção de um artigo ou publicação sob a forma de livro ou monografia. Certamente, a complexidade da Universidade do século XXI exige uma renovação das formações e exigências de intercâmbios e viagens ao estrangeiro. A relevância e responsabilidade do professor universitário exige este tipo de iniciativa, sempre inspirada no diálogo multidisciplinar entre colegas, áreas de conhecimento e universidades (Rivera-Vargas e Cobo, 2019).

No final, e após um tempo razoável de investigação, o conhecimento holístico toma conta do processo e, desta forma, é dada uma maior contribuição ao ensino superior, em tempos do Espaço Europeu do Ensino Superior (Medina, Sevillano e de la Torre, 2009). Uma forma de inovar que fazemos coincidir com o verbo melhorar, ou seja, aumentar ou enriquecer.

Uma tarefa que se inspira na compreensão e na ética profissional, mas também na proposta de partilhar novos conhecimentos e competências. Uma forma de valorizar a profissão e o indivíduo. Sempre em busca do conhecimento, além de contribuir para a especialização. Os trabalhos foram vinculados à pesquisa de mídia, inovação pedagógica ou gestão educacional.

Em suma, o programa de pós-doutorado é um instrumento incomensurável para a formação e, sobretudo, para apoiar e sustentar a geração e promoção de novos conhecimentos. Portanto, o desenvolvimento do programa de pós-doutorado contribui para e consolida a cooperação e as relações académicas com e entre universidades. No entanto, no nosso caso, damos sempre prioridade à relevância, novidade e originalidade do projecto.

Acrescente-se que não houve exigências académicas para além das estipuladas. E que o nosso escritório foi inteiramente partilhado e que os resultados da pesquisa estão lá em livros ou revistas, organização de eventos ou coordenação de periódicos.

## **Auto-narrativo como método**

Sem dúvida, existe algum conhecimento derivado da experiência, algum da observação ou estudo; mas você já parou para pensar no valor desse conhecimento? Quando se considera a possibilidade de vir à nossa universidade com um colega, há inúmeras conversas prévias: desde o planejamento da chegada até a finalização das diferentes sessões de trabalho... Todo o processo, sem dúvida, enriquece a compreensão. E, por esta razão, reivindicamos o valor do conhecimento narrado.

A conversação é mais do que o fato de resposta-contraresposta. Requer um exercício de maturidade e interpretação. E, curiosamente, temos sido parte activa de todo o processo de pós-doutoramento. Algo que nos autoriza a comentar e, nesta ocasião, a submeter-nos a um exercício de auto-reflexão e autocrítica de como têm sido as diferentes experiências com estas pessoas.

No entanto, a nossa proposta é elaborar um auto-narrativo. Para isso, vamos nos concentrar em quatro pensadores de renome internacional, que estabelecem os pilares sobre os quais baseamos nosso exercício em auto-narrativa:

a) Jean Paul Gustave Ricoeur (1913-2005), filósofo e antropólogo francês, que faz a seguinte reflexão:

"A vida só é entendida através das histórias que contamos sobre ela, por isso podemos dizer que uma vida examinada é uma vida narrada". (...) Aprendemos a ser o narrador da nossa própria história sem nos tornarmos inteiramente o actor da nossa vida" (2006: 20-21).

b) Ulrich Beck (1944-2015), sociólogo alemão, aponta o seguinte:

"Viver a própria vida pode significar que muitos dos conceitos e fórmulas da modernidade primitiva se tornaram

inadequados. A biografia normal torna-se assim eletiva, reflexiva" (2003: 69).

(c) Ivor Goodson (1943- ), pedagogo britânico, fala sobre:

"Histórias e histórias precisam ser entendidas não apenas como construções pessoais, mas como expressões de circunstâncias históricas e culturais particulares" (2012: 5-6).

E d) Ignacio Rivas (1957- ), pedagogo espanhol, que o subscrive:

"Para entender melhor a sociedade em que vivemos através das ações de cada um e de todos aqueles que fazem parte dela. Desta forma, se estes sujeitos modificam sua visão de sociedade refletindo sobre suas próprias vidas, estão criando condições para transformar o mundo" (2009: 29).

Quatro são as bases sobre as quais estruturamos nosso trabalho metodológico, com uma intenção, que poderia ser interpretada como um objetivo, propósito ou questão de pesquisa: "conhecer e compreender uma realidade compartilhada com os professores brasileiros em seu trabalho de pós-doutorado". Com um total de cinco postdocs, a experiência é alimentada por profissionais do nordeste, sudeste e norte do Brasil. Todos vêm de universidades públicas.

Um trabalho em que a carga auto-narrativa é evidente, estabelecendo-se como metodológica e apresentando-se a partir de fragmentos de um suposto quebra-cabeças. Não há uma história de vida, mas sim um balbuciar que nos convida a partilhar a experiência vivida. Não existem nomes próprios para preservar a privacidade. O que existe, porém, é um compromisso ético (Wolff-Michael e Hella, 2018), característico da pesquisa narrativa.

## Um pouco de auto-narrativa

Em seguida, 8 unidades de significado são estabelecidas, organizadas em categorias, com a intenção de funcionarem como um caldeirão de culturas de conteúdos. São apresentados independentemente um do outro, mas fazem parte do todo e, da mesma forma, constituem fragmentos do corpus da auto-narrativa, dando sentido ao exercício metodológico.

### *Na recepção*

"Sempre tive a honra de receber estes colegas no meu gabinete. É difícil escolher apenas um, pois todos eles foram e são grandes pessoas; mas é quase inevitável ter um em maior estima do que outro. No entanto, o acolhimento foi igualmente aberto a todos; mas recordo com grande prazer Dom J. E vou tentar explicar um pouco; a sua serenidade ainda recordo com simpatia. Ele estava sempre pronto a sorrir e era um trabalhador esforçado. Mas o que eu me lembro melhor são os seus tópicos de conversa. Conversamos por tanto tempo que às vezes eu tinha a impressão de que não o deixava trabalhar. Ele nunca se queixou ou fez uma cara feia. Em grande medida, no meu escritório cultivamos diferentes temas de conversação, desde a educação à política, desde o currículo à didática".

### *No local de trabalho*

"Todos tomaram o meu escritório como um lugar para trabalhar. Eu lembro-me do Don J. chegar antes de mim. É claro que ele tinha uma chave e não precisava pedi-la no escritório do concierge. Todos tinham correio da Universidade de Cádiz e acesso à UCA Wifi. Lembro-me que o Don A. aproveitou-se da "carona" e veio comigo. Temos de dizer que a faculdade de educação fica a cerca de cinco ou seis quilómetros de Cádiz; do outro lado da baía. Mas, para ser honesto, apenas um dos professores que veio fazer o postdoc

comigo nunca apareceu. Ele viveu a experiência de uma forma muito particular. No final, não assinei o relatório. Mas isso é outra história.

### *Sobre as relações humanas*

"Não quero pôr de lado o que me lembro agora como uma anedota. Mas quando me aconteceu, magoou-me imenso. Refiro-me à pessoa, claro, um professor universitário que nunca veio ao meu gabinete para trabalhar ou partilhar preocupações de investigação, etc. Ele estava por sua conta. No seu próprio ritmo, ele estava perfeitamente à vontade na cidade. Ele também fez viagens a lugares que por vezes eram muito distantes ou díspares. Talvez ele tenha interpretado mal a experiência formativa, ou talvez eu não tenha percebido suas estratégias, ou não me expressei adequadamente. Um pouco de tudo? O Sr. S. rompeu a ligação mas não me impediu de convidar outros colegas brasileiros para fazer seus estudos pós-doutorais comigo. Acontece, pode acontecer e, nesta ocasião, aconteceu-me a mim. As relações humanas têm esta possível peculiaridade ou peculiaridade. Alguns chamariam isso de desilusão, outros de comportamento impróprio. No meu caso, interpretei-a como uma reacção humana".

### *Do que foi aprendido*

"Não quero exagerar, mas sinto que aprendi tanto, se não mais, do que os professores brasileiros". Eles me deram conhecimento e a vontade de continuar pesquisando. Às vezes é tão importante sair da sua própria universidade para aprender como é importante permitir que outros venham à sua. Ser um anfitrião é uma grande responsabilidade, mas o hóspede oferece mais do que recebe. Aprendi tanto com eles, inclusive com Don S. Neste caso, aprendi o que não fazer. Com Don G., por exemplo, aprendi a comunicar calmamente. Ele transmitiu confiança e acabou por convencê-lo da importância do que estava a investigar. Em outras palavras, eu aprendi e ainda aprendo a ser entusiasta e a compartilhar meu

entusiasmo com os outros. De certa forma, acabas por te rejuvenescer a ti próprio com o entusiasmo dos outros".

### *Os candidatos*

"Provavelmente, eu insinuei-o ou você adivinhou. A maioria de nós já fomos e somos amigos. Dessas amizades que conheci outras pessoas bonitas. A empatia e a generosidade assumiram o processo. Não é bom partir de suposições. Eles podem tirar-nos do foco. Há sempre pessoas com quem te vais dar bem ou mal. Mas você tem que entender as situações. E agora eu sei quem são os melhores e os piores, porque eu tenho valorizado a experiência. Então eu não mudaria nenhuma delas; cada uma tem as suas qualidades. Conseguimos combinar experiências académicas com outras de natureza mais pessoal: ver o Sr. J, Sr. A e Sr. G. Havia tempo para tudo. Aprende-se dos livros, da pesquisa... mas também da vida, de viver juntos. Por curiosidade, havia mais homens do que mulheres".

### *Sobre o trabalho académico I*

"Eu sempre estabeleci a diferença entre o mundo académico e a universidade. Sou muito claro quanto a isso. Também tenho debatido com vários postdocs sobre o fato de ter que produzir (o que conhecemos como publicação). Com o Sr. J ou Sr. A chegamos à conclusão de que, na própria universidade, caímos num turbilhão neoliberal que nos obriga a produzir, como uma fábrica. É claro que temos que fazer pesquisa, mas o fato de produzir me preocupa. Aqueles de nós que pertencem a outra geração, agora na casa dos cinquenta, temos uma concepção diferente da universidade. Talvez as pessoas mais jovens o interpretem de forma diferente. Mas é preciso dizer que este debate também começou com outro *estudante de pós-doutorado* que virá em breve. A Sra. E, também está a debater estas opiniões. Principalmente quando a situação e a incerteza no Brasil estão afetando os estudantes universitários".

### *Sobre trabalhos acadêmicos II*

"No entanto, o trabalho acadêmico tem sido frutuoso em todos os casos. Recapitulemos: a coordenação de uma revista, artigos em revistas espanholas e brasileiras, presença em congressos internacionais com contribuições de artigos, presença em congressos internacionais com comunicações, publicação de livros (um total de três, com a certificação das universidades brasileiras)... Em outras palavras, poderia ser elaborada uma lista de realizações. Mas a nossa intenção é narrar que todas as experiências de treinamento/pesquisa tiveram um resultado de transferência. Devemos até acrescentar que um dos livros 'produzidos', por exemplo, pelo Sr. J. tem tido uma grande transcendência. Foi um trabalho interdisciplinar, coordenado por nós os dois. O livro foi apresentado em Salvador, Lisboa, Oviedo e Cádiz".

### *Até quando?*

"Não é que eu tenha deixado esta peça do possível puzzle para o fim. Mas com que frequência me faço esta pergunta? Vale claramente a pena ajudar outros colegas. Eu não duvido que o façam com outros e até o fariam comigo. No entanto, o meu motivo é mais de natureza pessoal; de gratidão ao Brasil. Ter vivido por muitos anos naquelas terras ligou-me afectivamente a elas. E uma das maneiras, não a única, que tenho de retribuir-lhes todo o bem que me ofereceram é desta forma. Dizer que eu nunca senti que o que eles me deram ou partilharam comigo foi feito com qualquer intenção ou interesse, nem nunca me pediram nada em troca. É por isso que eu ajo desta maneira. Eu não sei se é gratidão. É certamente gratidão e apreço. Está a fazer parte da cadeia da vida. Agora, estou no elo de facilitar ou facilitar provisões para o trabalho, para que outros possam fazer um pós-doutorado".

## Conclusões

Sem dúvida, a experiência tem sido muito formativa. Temos partilhado aspectos universitários: projetos, investigação e intercâmbio de leituras. Mas nós também tivemos resultados. Na maioria dos casos, nós publicamos livros (individual ou coletivamente) ou revistas. Também temos organizado eventos. Às vezes, o contato com o professor visitante serviu para consolidar vínculos acadêmicos que terminaram com uma visita ao Brasil como professor visitante. Mas também discutimos a universidade, seu futuro ou seu possível viés neoliberal (Busch, 2017), o Espaço Europeu do Ensino Superior (Liébana e González, 2008), entre muitos outros temas de conversa.

Certamente, é difícil chegar a uma conclusão, pois dá a impressão de que um capítulo está sendo encerrado. Mas, no nosso caso, muitos mais capítulos de aproximação e conhecimento foram abertos. Por exemplo, a rubrica de vários acordos pelos reitores das universidades deve ser destacada. Um projeto que será consolidado no futuro. Talvez pensando naqueles que virão, e não apenas como docentes para estudos de pós-doutorado, mas também para estudantes e, igualmente, em projetos de pesquisa e transferência de conhecimento, etc.

O futuro começa a partir de projetos pessoais. Abre um caminho que pode ser seguido. Não é o único, mas vale a pena enfrentá-lo. Depois de conhecer e consolidar amizades com estas pessoas que vieram treinar entre nós, subscrevemos projectos futuros a nível inter-universitário (Cobo, 2017).

A Universidade está fechada no verão. Estabelecemos um jogo sutil com o título deste capítulo. "No Verão, fechado para férias". Obviamente, a administração da universidade tem suas férias de verão, mas as pessoas envolvidas aproveitam para iniciar ou continuar projetos. Ou seja, é o momento de ler o que ainda não lemos, de escrever o prólogo para a publicação do fruto do postdoc ou de terminar o capítulo com o qual nos comprometemos. No

verão, nós não fechamos. No verão, aproveitamos os dias de folga para descansar. E segundo a RAE (Real Academia Española de la Lengua), nos seus três primeiros significados, descanso significa: parar de trabalhar ou reparar as forças; aliviar-se das preocupações; descansar ou dormir. No entanto, para nós nada mais é do que fazer outra coisa.

Uma experiência válida que repetiríamos o máximo de vezes possível e necessária. É útil para si próprio e para os outros. Faz sentido pela transcendência das implicações que se forjam: para o presente e para o futuro (García, 2009). E, finalmente, é uma forma de fazer universidade, no sentido do universal. O sectário e segmentado foi deixado para trás por uma iniciativa que, a partir do individual, se torna coletiva, por e para os outros.

O pós-doc acaba por ser um pretexto para conhecer os colegas. Além de ser uma experiência formativa que alimenta ambas as partes. Diríamos que há mais vantagens do que desvantagens. Tudo começou com uma carta de uma pessoa que conhecemos, acompanhada pela sua intenção de vir para a Universidade de Cádiz para fazer o seu pós-doutoramento. Em seguida, o curriculum vitae e o pedido oficial foram anexados junto com o projeto a ser submetido à sede do Departamento. No final, a relação se consolida e se acaba ganhando não só um colega, mas, melhor ainda, um amigo. E, a partir daí, as redes são estabelecidas.

Claramente, o pós-doc é um incentivo para a melhoria inspirada na qualidade. Em última análise, é uma forma de promoção e desenvolvimento profissional e, naturalmente, de desenvolvimento pessoal (Martín-Romera e García-Martínez, 2018). Em outras palavras, é uma forma louvável de crescer e fortalecer o conhecimento, baseado em continuar a consolidar os laços entre as pessoas, as universidades e o conhecimento.

Os professores se conhecem melhor e, a partir deste momento, as linhas que vão além da própria pesquisa são iniciadas e reforçadas, à medida que se consolidam os vínculos com os

envolvidos naquele momento e, sobretudo, para futuros contatos ou pesquisadores.

Em suma, o objetivo de receber diferentes doutores brasileiros para realizar seus estudos de pós-doutorado relevantes foi contribuir com nosso apoio para alcançar seu objetivo, somando-se à oportunidade perseguida para a obtenção de um pós-doutorado. Este trabalho de pesquisa às vezes é acompanhado pelo ensino, mas é baseado no trabalho colaborativo e multidisciplinar e na interação entre pessoas e universidades.

E, curiosamente, tudo é tão interpretável. Só uma coisa, com a intenção de não saber se devo fechar ou deixar o debate aberto, mas quando é verão na Espanha, acaba sendo inverno no Brasil, e vice-versa. Tudo depende; depende certamente da cor em que se olha para a vida... Para a Universidade.

## Referências

- Bernal, L.; Gabelas, J. y Lazo, C. (2019). Las tecnologías de la relación, la información y la comunicación (TRIC) como entorno de integración social. *Interface*, 23; 1-13. DOI: <https://doi.org/10.1590/Interface.180149>
- Beck, Ulrich y Beck-Gernsheim, Elisabeth (2003). *La individualización. El individualismo institucionalizado y sus consecuencias sociales y políticas*. Barcelona: Paidós.
- Busch, L. (2017). *The Knowledge for Sale: The Neoliberal Takeover of Higher Education*. Massachusetts: MIT Press. DOI: <https://doi.org/10.7551/mitpress/10742.001.0001>
- Cobo, C. (2017). Repensar el futuro de la educación superior: ¿con qué desafíos podemos encontrarnos? *Propuesta Educativa*, 48 (2); 19-27. Recuperado de: <http://www.propuestaeducativa.flacso.org.ar/archivos/articulos/62.pdf>
- García, J. (2009). *Futuro de la Universidad o Universidad del futuro*. Fuentes: *Revista de la Facultad de Ciencias de la Educación*, 9; 9-25.

Recuperado de:  
<https://revistascientificas.us.es/index.php/fuentes/article/view/2536/2397>

Goodson, Ivor (2012). *Developing narrative theory: life history and personal representation*. Londres y Nueva York: Routledge.

Lazo, C. y Gabelas, J. (2016). *Comunicación digital. Un modelo basado en el Factor R-elacional*. Barcelona: Editorial UOC.

Liébana, J. y González, A. (2008). *Posibilidades, experiencias y retos en el Espacio Europeo de Educación Superior*. Granada: Universidad de Granada.

Martín-Romera, A. y García-Martínez, I. (2018). Profesionalización del docente en la actualidad: contribuciones al desarrollo profesional. *Profesorado. Revista de currículum y formación del profesorado*, 22(1), 7-23. Recuperado de:  
<https://recyt.fecyt.es/index.php/profesorado/article/view/63524/38687>

Medina, A.; Sevillano, M<sup>a</sup> y de la Torre, S. (2009). Una universidad para el siglo XXI, *Espacio Europeo de Enseñanza Superior (EEES): una mirada transdisciplinar, ecoformadora e intercultural*. Madrid: Universitas.

Membiola, P.; Casado, N.; Cebreiros, M. y Vidad, M. (2018). *Nuevos desafíos en la enseñanza superior*. Vigo: Educación Editora.

Ricoeur, Paul (2006). *La vida: un relato en busca de narrador*. *Ágora. Papeles de filosofía*, 25(2); 9-22.

Rivas, I. (2009). «Narración, conocimiento y realidad. Un cambio de argumento en la investigación educativa». En Rivas, I.; Herrera, D. (Coords.). *Voz y educación. La narrativa como enfoque de interpretación de la realidad*. Barcelona: Octaedro; 17-36.

Rivera-Vargas, P. y Cobo, C. (2019). La universidad en la sociedad digital: entre la herencia analógica y la socialización del conocimiento. *REDU. Revista de Docencia Universitaria*, 17(1); 17-32. DOI: <https://doi.org/10.4995/redu.2019.11276>

Santos, M. (2016). *Sociedad del Conocimiento. Aprendizaje e Innovación en la Universidad*. Madrid: Biblioteca Nueva.

Wolff-Michael R. y Hella von U. (2018). Current Perspectives on Research Ethics in Qualitative Research. *Forum: Qualitative Social Research*, 19(3). DOI: <http://dx.doi.org/10.17169/fqs-19.3.3155>.



## A VALIDADE DE ESTUDOS PÓS-DOCTORAIS: da constante necessidade de continuar aos perigos de *sapere aude*

---

**Geraldo da Silva Gomes**

(Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino  
OPAJE/UFT, Brasil)

Na década dos 2000 a realização de um pós-doutoramento era semelhante a um artigo de luxo, em algumas regiões brasileiras, algo muito semelhante a realização de mestrados e doutorados nos anos de 1980 a 2000 no Brasil.

Qual é a relevância dos estudos pós-doutorais? Em que sua influência pode refletir na vida de quem o realiza? Essas duas questões me nortearam na produção deste texto, a partir de minha experiência na realização de dois estágios pós-doutorais com o espaço temporal de mais de uma década anos entre ambos.

### **Um tempo anterior**

Naqueles dias, - sim, a expressão é essa, com uma literalidade missivista e autobiográfica – o primeiro pós-doc., no segundo semestre de 2008 iniciei meu estágio pós-doutoral junto à Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob o acompanhamento da profa. Dra. Teresinha Fróes-Burnham e, posteriormente com extensão na *Universidad Nacional de Educación*

a *Distancia* (UNED), em Madri – Espanha, acompanhamento pelo prof. Dr. Roberto Marino Aparici. No Brasil não se teve bolsa da Capes, porque os prazos de início das atividades e dos editais de financiamento não foram compatíveis, mas na Espanha teve-se o suporte da *Fundación Carolina*.

Produzir e compartilhar informações pelas redes eram verbos de moda. Vivia-se um momento no qual a busca de lugares e parcerias para se refletir sobre aspectos sobre o processo de produção do conhecimento, desde seu nível individual até os nodos interativos socializadores.

Lampejos de memória vêm à cabeça das conjunturas internacional e nacional nesses tempos de estudos e encontros com as mais diversas pessoas e suas respectivas áreas de produção do conhecimento:

- A crise financeira estadunidense atingia diretamente, com graves consequências s mercados e dinâmicas de exportação dos países, até então, respeitadas como os tigres asiáticos; a comunidade europeia também sentiu o impacto desse movimento; o meio ambiente já em muito afetado pela ação humana ainda não era pauta de importância para as agências internacionais de notícias; a Rússia mostrava seu poderio na região do Cáucaso; a débil democracia latino-americana vivia uma nova conjuntura política<sup>11</sup> com governos reformistas e de esquerda fazendo-se presentes por meio de processos eleitorais sem a interferência de juntas golpistas de militares; das várias áfricas dentro da África surgiam ecos dos

---

<sup>11</sup> A título de exemplo: os mandatos dos Kirchner na Argentina, Evo Morales na Bolívia, Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil, Fernando Armino Lugo de Méndez na presidência do Paraguai, Hugo Chávez na Venezuela, Tabaré Vázquez no Uruguai. Destaco, nessa breve memória a consideração elaborada por Cruz Jr. (2008), com relação a esse momento: O grande feito a celebrar na América Latina seria, de fato, não a ‘chegada da esquerda ao poder, mas – o que é de enorme significado para a história política do continente – o amadurecimento da democracia representativa e delegativa, com o triunfo da oposição, em muitos casos, pela primeira vez na história” (Cruz Jr., 2008: 162).

movimentos de reforço à necessidade do renascimento africano com arranjos locais entre os representantes das organizações e movimentos sociais e populares com as elites locais; algo de novo movimentava nosso imaginário utópico coletivo com a eleição do um primeiro presidente negro para a Estados Unidos.

- Também, as redes do terrorismo internacional se alastravam e as facções criminosas do narcotráfico internacional davam passos no aprendizado de modelos gerenciais e financeiros sofisticados.

- No Brasil, no espaço universitário, em especial na UFBA tinha-se a oportunidade de participar de importantes discussões sobre as políticas afirmativas, discursos e práticas antirracistas tentavam se impor em meio à desconfiança e não aceitação por parte da comunidade e sociedade envolvente, dialogava-se mais livremente sobre as questões de gênero e representação LGBT, havia uma sintonia nos núcleos e grupos de pesquisa que possibilitava o diálogo com pares acadêmicos nos países lusófonos na África, na Europa, Estados Unidos, Canadá e Austrália. Sabia-se que havia intentos de organização de movimentos conservadores extremistas, mas eram manifestações isoladas, é o que muitos de nós acreditavam...

- No país, passos começaram a ser dados para combate à corrupção, com a operação *Satiagraha*, coordenada pela Polícia Federal. Começava a vir à luz do dia as relações de promiscuidade do poder público com a esfera privada. Algo estava em ebulição, mas o véu de uma esfera encantada de felicidade pairava sobre o que estaria por vir.

Dessa maneira, nesse primeiro estágio pós-doutoral vivenciei ricas discussões sobre o engajamento da ciência na sociedade, as pejeas tão necessárias sobre a expansão dos programas de pós-graduação *stricto sensu* para as regiões norte-nordeste. Participei de diversas reflexões gestadas em grupos específicos de pesquisa, na docência extemporânea em disciplina em programa de doutorado e

nos diálogos constantes com pesquisadores renomados sobre a importância das novas tecnologias da informação e da comunicação, (- alguém se lembra da abreviação NTIC?) nos entornos comunicacionais e educacionais.

Havia uma ebulição nas discussões referentes ao uso dos *chats* salas de bate-papo virtual, das mediações decorrentes do MSN, criado em 1999, com grande penetração em faixas etárias mais jovens por sua proposta visual arrojada (anos mais tarde, foi adaptado e renomeado como Windows Live Messenger e, por fim, substituído, em 2013, pelo *Skype*). Ter ou não o curriculum vitae no *LinkedIn*, criado em 2003? Ou qual tinha apelo mais massivo no Brasil *MySpace*, *Facebook* ou *Orkut*?, Todos foram criados em 2004, mas nada se compara com o que viria em anos posteriores com a predominância do *Twitter*, de 2006, *Whatsapp* de 2009 e o *Instagram*, de 2010. O *Youtube* era um grande arquivo de imagens de vídeos, clipes, músicas e fragmentos de filmes ou programas televisivos.

Era de bom tom ter um blog ou uma conta no *Orkut* ou *Facebook*, este ainda em conhecimento pelos brasileiros. Os conteúdos deveriam mesclar narrativas autobiográficas, com imagens ilustrativas ou agarrarem-se a algumas temáticas, especializando o autor daquele diário digital como um nascente *digital influencer*.

O grande desafio nesse momento histórico era o de saber conjugar os conhecimentos teóricos adquiridos e traduzi-los para os formatos e linguagem desses novos espaços. A criação de cursos *online*, a utilização de *softwares* livres ou proprietários, criar ou não um ambiente virtual de aprendizagem (ou de aprendizado), *netiqueta*, vantagens ou desvantagens do processo de ensino-aprendizagem proporcionados pela educação nas modalidades presencial e a distância, *cibercultura*, a compatibilidade dos campos da comunicação e educação eram pautas constantes das discussões em incansáveis reuniões e trabalhos cooperativos/colaborativos.

Algumas leituras surgem como referência desse período, remeto-me a elas - André Lemos (2000; 2002; 2003), Pierry Lévy (1999), Nelson Pretto (1996; 2005) – mas reverencio muitas outras que por uma questão de espaço não se têm como trazer todas. Mas foram anos de muita leitura e discussão.

Dessa experiência, elaborei algumas considerações que sempre compartilho com quem demanda informações sobre:

- O pós-doutoramento é um momento no qual professores doutores utilizam para ampliar seus saberes, a partir de uma temática específica de estudos, buscando gerar reflexões, textos, relatórios ou tecnologias para contribuir com o desenvolvimento do conhecimento como um todo. Pode parecer uma definição burocrática, mas as atividades desenvolvidas e os saberes encontrados me auxiliaram a estabelecer esse princípio.

- Pós-doutoramento não titula, não me apraz quando me chamam de pós-doutor tenho a sensação de o meu doutorado perdeu a validade e agora, vivo numa pós-modernidade líquida e escorregadia que nada se sustenta. Realizei estudos pós-doutorais, é um *plus* na carreira, mas sem titularidade.

- Período sabático é diferente de estágio pós-doutoral. Sempre deve-se definir isso de antemão por meio do ordenamento legal de cada IES de pertencimento.

- Num estágio pós-doutoral, dependendo do orientador, pode-se cursar ou não disciplinas, como ministra-las ou não. Não existe, como nos mestrados e doutorados, a obrigatoriedade do encontro contínuo do binômio orientando-orientador e muito menos a produção de uma tese, como produto final.

- No pós-doutoramento, eu pesquisei uma temática específica que resultou num relatório final, no qual apresentei reflexões sobre a relação currículo, educação, mídia e tecnologia

na busca de contribuição direcionada a expansão da discussão dos campos da comunicação e da educação.

- O pós-doc não é momento para se sentir aluno novamente, muito menos um turista

### **Um tempo presente contínuo**

As manifestações de rua, como uma grande onda que se espalhou pelo Brasil, a partir de 2013, trouxeram para cena política novos e diferentes atores sociais na reivindicação de mudanças na política econômica e na vida política da nação. Um clima de insatisfação e desilusão, próximo ao nihilismo, instalou-se junto à grande parte da população. Apregoava-se a perda a confiança nos representantes, grupos e agremiações dos partidos políticos e movimentos sindicais e sociais considerados como usuais na sociedade democrática. Esse foi um momento que até hoje pouco se chegou de consenso sobre seu entendimento no espaço acadêmico, mas que ele mudou os conceitos de mobilização e protagonismo social é inegável. Outros rostos surgiram em cena, outros enquadramentos foram dados pela mídia e oferta de sentidos foram estabelecidos. (MARICATTO et al., 2013)

As manifestações estavam abrigando muitas vozes, dos mais diferentes espectros ideológicos que pleiteavam ser escutadas como sujeitos dos processos políticos. Uma parte desse espectro, com forte influência dos movimentos da extrema direita internacional beneficiou-se do processo em movimento, possibilitando que pessoas propondo alternativas políticas à realidade nacional saíssem à luz do dia, ganhando com isso notoriedade e visibilidade com séquito de admiradores e propagadores pelas redes sociais.

A extrema direita internacional, a partir do ano 2000 começou a fazer-se presente no cenário internacional. A chegada ao poder do Partido pela Liberdade da Áustria (FPÖ) já era um indicativo que o fenômeno não era algo isolado, nem episódico. Coalisões entre partidos de direita e extrema-direita ficaram

notabilizadas, inclusive com maior visibilidade aos grupos assumidos como neonazistas. O movimento eclodiu na Hungria, Polônia, República Tcheca, conquistando espaço em outros países da comunidade europeia. É importante frisar que na Europa a extrema direita nunca deixou de existir. Destaco também o pensamento extremado de direita nos países árabes, que começou em 1979, com a ascensão dos aiatolás ao poder. No outro do oceano Atlântico, como os Estados Unidos e por fim, já no final dos anos da 2010 a ascensão de representantes na Colômbia, Chile e Brasil confirmava o retorno de grupos e dos aspectos doutrinários.

Com o naufrágio ou insucesso dos projetos dos governos populares de esquerda, a extrema-direita trouxe o fascismo à baila, oferecendo outras possibilidades de interpretar a realidade e propor alternativas no cenário político. Compartilho com Paxton a definição de fascismo:

é uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza. (2007, p. 358-359)

Nas salas de aulas e nos demais ambientes envolventes ao espaço universitário podia-se perceber pequenos focos de insatisfação com observações agressivas à produção de conhecimento que era realizada nas universidades. Era estranho escutar tais observações vinda pelas falas dos mais jovens, em especial, nos espaços públicos do ensino superior.

Canais do *Youtube* e contas no *Whatsapp*, que nos idos de 2008 a 2010, em conjunto com os pares acadêmicos incensávamos como baluartes da interatividade, agora estavam servindo para veiculação de produções de áudios e vídeos caseiros contendo palestras, conferências e bate-papos de pessoas apresentando propostas reacionárias e ultraconservadoras como alternativa ao projeto político ideológico então no poder. Os chamamentos para manifestações populares nas ruas tornaram-se gritos de guerra. O acirramento cresceu e polarizou-se com fortes consequências para a democracia brasileira.

Nesse período pós-doutoral, percebendo que a bolha de conforto inexistia e a perspectiva de aprendizagem profissional se esvaía, pude iniciar atividades, a convite, em outra instituição pública com foco distinto do espaço universitário e outra ritualística. Nesse novo espaço pode-se observar como as questões políticas e ideológicas eram refletidas e se faziam refletir no ordenamento jurídico, além de aprofundar-me em reflexões sobre a justiça criminal e espaços prisionais. Tive de desbloquear-me ideologicamente para entender a lógica de funcionamento de outros dados empíricos que convidavam a análise e interpretação.

Denomino esses momentos recentes de “Um tempo anterior” porque não se esquece o que se aprende, conserva-se, mas como ainda se crê na dialética, vai se superando e defrontando-se com outros achados ali existentes no mundo da experiência. A partir daí tive de me organizar para refletir sobre a contribuição da comunicação e da educação nesses espaços, com certa prudência tanto no sentido de fazer-me respeitar como respeitando também os profissionais de diferentes áreas naquele outro espaço.

Daquele espaço tive oportunidade e respaldo para continuar também com determinadas atividades consideradas acadêmicas como a participação em bancas de mestrado e doutorado de diversos programas de pós-graduação da IES públicas, orientação na

elaboração de artigos científicos e organização de eventos com matiz científica e acadêmica.

Ao recordar de conteúdos reacionários disponibilizados pelo Youtube - para além das músicas e videoclipes nostálgicos - , das mensagens dos grupos de Whatsapp com as piadas preconceituosas sobre mulheres, gays, lésbicas, transexuais, etnias indígenas e pessoas afrodescendentes e tantas outras “esquisitices” observadas, ficou o forte sentimento de algum de ruim de abateu sobre nós.

O sentimento cresceu e compartilhei-o com tantas outras pessoas. Estas também estavam vivenciando a mesma coisa. O pior desse sentimento de tristeza, abandono e desilusão é ter a consciência de também se faz parte dele, como agente responsável. Isso é dolorido, porque não se transfere para o outro responsabilidades que também são suas enquanto cidadão e profissional.

Ao acreditar demais e vivenciar plenamente a bolha de conforto não me dei conta do que estava acontecendo fora dela, da maneira como estava me distanciando dos grupos e movimentos que eram tidos como bases políticas. Precisava tocar novamente em temáticas que incomodavam, aprender a um pensar-refletir com mais sinalizações teóricas e metodológicas.

Desse sentimento de angústia e pelo desejo de enfrentar o que me incomodava desafiei-me a um segundo estágio de pós-doutoramento, desta vez, não distante de casa, mas bem próximo, na IES na mesma cidade onde vivo. Realizei um estágio pós-doutoral em serviço. Saliento que não foi um momento para realizar terapia ou expiação de culpas, para isso existe o suporte de excelentes profissionais da psicologia e psicanálise na região. O pós-doutoramento viria para dar vazão às respostas que pairam sobre a realidade a partir do eixo da comunicação e cultura.

## Experiências com o vivido nesse presente contínuo

Tudo estava organizado para a apresentação de Joésia Cardoso Henrique, com tema versando sobre as relações do discurso terraplanista e pós-verdade no *Youtube*. Isso ocorreu no segundo semestre de 2019. Joélia defendeu sua dissertação em dezembro do mesmo ano. Por mais experiência que se adquira ao longo dos anos em participação em bancas, aquela foi especial, porque me obrigou a enfrentar, por meio de estudos, um dos meus incômodos e desconsoles, justamente sobre o uso do *Youtube* por pessoas que difundiam ideias preconceituosas, contrárias ao conhecimento científico e, consideradas por muitos como verdadeiras e válidas. Além de Joésia eu precisava ir mais a fundo nesses estudos.

Uma das atividades propostas pelo orientador do estágio foi a de participar de bancas de defesa e qualificação do programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura. Acredito que essas experiências no estágio pós-doutoral me oportunizaram maior inserção nas atividades propostas, enquanto estagiário, porque tive que reelaborar minha participação na banca, não como convidado especial, sim como protagonista de uma outra narrativa paralela em ocorrência, isto é, da minha aprendizagem.

O tema da candidata me incomodava, dias antes me fora enviado para leitura e apreciação. Não realizei aquela leitura que se limita apenas a marcar parágrafos sobressaltando apenas escolhas linguísticas textuais ou erros ortográficos derivados de digitação apressada e pouco revisada realizadas pelos (as) candidatos (as). Isso é algo normal na leitura de todo texto, mas não é a parte central daquilo que nos solicitado para participar de uma banca. Ater-se apenas a isso é repetir uma *mise-en-scène* tão criticada por nós com relação aos membros de bancas que dela utilizam como artifício ritualístico.

Ative-me aos autores que ela utilizava como interlocutores em seu trabalho, permitindo-me sem interferir na dinâmica de suas

escolhas. Muitas vezes queremos que os candidatos repitam autores/pesquisadores que deram certo em nossas pesquisas ou que se debrucem sobre temáticas extremamente associados aos grupos de pesquisa que pertencemos (ou desejamos pertencer...). Interferir dessa maneira implica em prejudicar o trabalho do (a) candidato (a), pois acarreta em mais uma dessas produções medianas e burocráticas que repetem pautas ou tendências dos momentos nos quais se está vivendo.

A experiência daquela banca, acabou por fazer-me mergulhar em pesquisas com os motores de busca da internet até altas horas da noite. A pós-verdade e o terraplanismo levaram-me a pesquisar sobre o *Men's Rights Activists* (MRAs) – um organização que se diz defender os direitos dos homens – com atuação nos Estados Unidos, Reino Unido, Canadá e Austrália, de fato, uma instância para homens brancos e heterossexuais com grande sentimento ódio pelas mulheres. Aqui no Brasil, começaram a existir primeiras manifestações em contas no *Orkut*, a partir de 2005. A pretensão era fortalecer um movimento “masculinista”, denunciados por uma professora pesquisadora, Lola Iarovich<sup>12</sup>, e com atuação da polícia federal.

A responsabilidade para estudar o material foi me conduzindo para conteúdos, que em muitos casos eu torcia o nariz para eles devido aos aspectos ideológicos lineares, contudo isso também gerou o aprendizado do respeito pelo texto alheio. Se o conteúdo não for ofensivo ao que considero à dimensão ética

---

<sup>12</sup> Os embates da professora na defesa contra esses grupos perniciosos pode ser amplamente localizada em diversos endereços disponíveis na internet: <<https://www20.opovo.com.br/app/fortaleza/2015/11/11/noticiafortaleza,3532368/riteitor-da-ufc-pede-providencias-a-policia-federal-em-defesa-de-profess.shtml>>; <<https://revistaforum.com.br/brasil/blogueira-lola-recebe-nova-ameaca-de-morte-hoje-e-seu-ultimo-dia-na-terra/>>; <<http://www.defensoria.ce.def.br/noticia/crimes-contra-mulheres-na-internet-agora-tem-competencia-de-investigacao-da-policia-federal/>>; <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com>>.

universal, leio, analiso, compartilho quando de extrema relevância. Caso contrário, silêncio, sem fazer alarde.

Tempos depois outro desafio surgiu ao ter o material para análise proveniente da qualificação de candidato que entabulava discussão sobre o direito e a comunicação no tocante ao uso da imagem de custodiados e detentos. E lá me fui novamente para dar um mergulho nos escritos de Pierre Bourdieu (1983; 1989; 1990; 2004) e aventurar-me por artigos e incisos da Constituição da República Federativa do Brasil, conhecida como Carta Cidadã<sup>13</sup>, a Lei 7.210/84 (Lei de Execução Penal) e Lei 10.792/2003.

Outro momento de grande riqueza foi a oportunidade de retornar à sala de aula na oferta de uma disciplina optativa junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM/UFT). O nome da disciplina no conjunto dos Seminário de Pesquisa é "Introdução à crítica epistemológica das ciências da comunicação: métodos e análises". É de suma importância conjugar sinalizações teóricas e a análise direta de produtos midiáticos passados e contemporâneos junto aos estudantes.

Essa experiência auxiliou-me muito a contextualizar algumas questões epistemológicas, ainda persistentes e insistentes no campo da comunicação, junto aos estudantes. Temas como midiatização, comunicação e cultura, estudos culturais, estudos pós-coloniais, redes sociais e oferta de sentidos continuam com forte presença no âmbito das discussões. É forte o frescor e inquietações nos trabalhos organizados por Maria Imamacolata Vassalo Lopes (2016), as provocações de Luiz Carlos Martino (2017) e Francisco Rüdiger (2017) e os silêncios políticos acadêmicos de alguns pesquisadores, que

---

<sup>13</sup> No artigo 5º, inciso X: "São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação". (BRASIL, 1988).

retornaram a um trabalho de “formiguinha” para a formação<sup>14</sup> dessa nova geração de pesquisadores.

A disciplina possibilitou-me confirmar a comunicação continua como espaço sem centro, necessita sempre estar se complementando com conhecimentos advindos das ciências sociais, ciências da informação, ciências da linguagem e tantas outras. Em outros casos, a validade e atualidade de Martín-Barbero (1987; 2004), Armand e Michelle Matellart (1999), Néstor Garcia Canclini (1995) em suas obras já clássicas.

Por fim, a vivência adquirida na atuação profissional junto ao Ministério Público do Estado do Tocantins (MPTO) impulsionou-me a complementar mais estudos ao relacionar comunicação, semiótica, criminologia e direito em ambientes cujas lógicas de comunicação dos atores e grupos localizados passam por outras intencionalidades.

A partir de 2013-2014, numa guinada de atuação profissional, passei a tomar mais contato com as realidades vividas por adolescentes nos Centros de Atendimento Socioeducativo de Palmas (CASE) e de Internação Provisória (CEIP), bem como com a Unidade Prisional Feminina de Palmas e Casa de Prisão Provisória de Palmas (CPPP). Os contatos foram possibilitados em visitas de inspeção técnica acompanhando promotoras e promotores de justiça do MPTO. Nasceu o interesse em conhecer mais sobre as realidades diferenciadas no sistema prisional no entorno de Palmas, canalizando para o levantamento e análise das imagens veiculadas nesses ambientes, sua produção e sentidos em constante negociação.

Por meio de registros fotográficos pode-se deparar com considerável banco achados imagéticos, que ora objetivavam

---

<sup>14</sup> Vale a pena verificar a disponibilização das informações e conteúdos nos seguintes endereços: <http://www.processocom.org>, <<https://www.midiaticom.org>>, <https://ww2.uft.edu.br/gestao/nucleos/14637-observatorio-de-pesquisas-aplicadas-ao-jornalismo-e-ao-ensino-opaje>.

testemunhar a vida vivida nas celas, pátios e corredores das unidades prisioneiras ora exibiam desejos, crenças, narrativas e códigos de interesse dos grupos faccionados existentes. Pode-se perceber, também, por meio dos estudos que foram se ampliando as relações que esse universo tão específico estabelece, diuturnamente, com o chamado mundo exterior, com usos diferenciados dos aparatos tecnológicos, forte incidência da presença e dos discursos de denominações religiosas cristãs protestantes neopentecostais – fenômeno também observável da apropriação do *rap* e *Hip Hop* pelos grupos religiosos e a reprodução pelos detentos -, enfim, algo que também me fazia sair da zona de conforto e impulsionava a querer mais entender os processos comunicacionais.

Frente a isso, propus-me a elaborar um primeiro inventário analítico e descritivo das imagens veiculadas nos espaços da CPP de Palmas, movido pela curiosidade científica, também testando meus níveis de empatia e solidariedade com pessoas e históricos, grande parte deles, com crimes graves e penas longas. Ressalto que a onda de polarização ideológica se fazia presente e a questão da justiça criminal ainda é um dos assuntos mais controversos nesse movimento.

### **Considerações provisórias finais**

No momento em que finalizo este texto, as redes sociais discutem fervorosamente sobre a convocatória de apoio a ala de militares e ataque ao Congresso Nacional – cuja disponibilização dos conteúdos também foi realizada pelo presidente da República - ; máscaras e álcool em gel começam a desaparecer das farmácias, porque por mais que digam não ser uma epidemia a informação que é editada traz intencionalidades distintas daquilo que de fato está ocorrendo; o roteiro da atuação edição do *Big Brother Brasil* (BBB) já se evidenciou, isto é, é uma *storytelling* centrada na força das mulheres e detrimento da figura masculina – após o resultado final, volta-se a realidade normal.

Existe um sentimento de exaustão nas pequenas labutas da vida cotidiana e o medo das forças de segurança, independente da situação escuta-se ou vê-se por meio das redes sociais e matérias jornalísticas policiais militares com gritos de lei e ordem exibindo cassetetes e armas para as camadas mais pobres da população. A manutenção dos direitos constitucionais parece estar diminuindo; reformas previdenciárias e trabalhistas foram realizadas, pelo menos no plano das leis, cujos efeitos são sentidos pouco a pouco; aguarda-se as reformas tributária e administrativa. Os grupos que representam o grande capital festejam a nova era, as entidades classistas e lideranças perderam força; nas universidades poucos são os focos de resistência crítica e assertiva, porque os representantes do governo no poder trabalham com táticas para silenciar vozes e cooptar lideranças, tudo isso com apoio de grupos de classe média, agora com forte discurso conservador integralista.

O carnaval já se foi, a grande moda de blocos nos centros urbanos mais se assemelhava a uma enorme manifestação de pós-apocalíptica, na qual a alegria e a sátira dava lugar à necessidade de extravasar repressões e angústias. Enquanto a TV apresentava flashes dos blocos espalhados nas ruas, a publicidade de cursos superiores à distância com inscrições nos processos seletivos a custo zero e desconto de mais de 70% nas infinitas mensalidades preenchia as telas dos grandes monitores nas nossas salas de estar.

O estágio pós-doutoral não aumentou nem diminuiu a tristeza de constatar que algo vai mal no país, na América Latina e no mundo como um todo. Contudo, auxiliou a rever parte de minha responsabilidade civil – com silêncios, omissões e falsa neutralidade – em meio a tudo isso, porque tomei coragem para criar instâncias de interlocução com pessoas cujas inquietações são semelhantes no espaço de trabalho; a enfrentar novamente uma sala de aula e ali trabalhar conteúdos críticos sem ferir sensibilidades, mas marcando posicionamentos e analisando com detalhes parte de fenômenos comunicacionais catalisadores de reedição do significado dos fatos.

Também o estágio possibilitou uma maior aproximação com os pares acadêmicos e os projetos de produção e difusão do conhecimento em rede, aqui pela região Norte – ainda estamos distantes dos centros de decisão, é necessário a agitação da organização em rede para trabalhar um protagonismo que agregue forças e ganhe poder. Trilhei este caminho, outros farão o que a eles compete, o importante é contribuir para que este texto num prazo tempo mínimo possa ser superado com uma realidade mais alegre, justa e igualitária.

## Referências

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 169-180.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. **Constituição**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei 7.210**, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7210.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm). Acesso em: 20 de Fev. 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 10.792**, de 1o de dezembro de 2003. Altera a Lei no 7.210, de 11 de junho de 1984 - Lei de Execução Penal e o Decreto-Lei no 3.689, de 3 de outubro de 1941 - Código de Processo Penal e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.792.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.792.htm). Acesso em: 27 fev. 2017.

CRUZ Jr., Ademar. S. da. Fazendo o Caminho ao andar: Aportes introdutórios para a caracterização da esquerda latino-americana no começo do século XXI. In: LIMA, M. R. S. de (org.). **Desempenho de Governos Progressistas no Cone- Sul**: agendas alternativas ao neoliberalismo. Rio de Janeiro: Edições IUPERJ, 2008.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**; conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995

CASTELLI, Laura; LUCERO, Maria Elena (Eds.). *Términos claves de la teoría poscolonial latinoamericana: despliegues, matices, definiciones*. Rosario: UNR: Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2012.

LEMONS, A. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: \_\_\_\_; CUNHA, P. (Org.) *Olhares sobre a cibercultura*. Sulina: Porto Alegre, 2003.

\_\_\_\_. **Cibercultura**. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Sulina, Porto Alegre., 2002.

\_\_\_\_. Cibercidades, in Lemos, A., Palácios, M.. **Janelas do Ciberespaço**. Comunicação e Cibercultura., Porto Alegre, Sulina, 2000.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, M. I. V. (org). **Epistemologia da comunicação no Brasil**: trajetórias autorreflexivas. São Paulo: ECA-USP, 2016.

MARICATO, E. et al. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. *Carta Maior*, São Paulo, Boitempo 2013.

MARTÍN-BARBERO, **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

\_\_\_\_. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

MARTINO, Luiz Claudio. **Escritos sobre epistemologia da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

OSORIO, Francisco (Ed.). **Epistemología de las ciencias sociales**: breve manual. Santiago: Chile: Ediciones USCH: Facultad de Ciencias Sociales: Universidad de Chile, 2007.

PRYSTON, A. Histórias da teoria: os estudos culturais e as teorias pós-coloniais na América Latina. *Revista Interim*, v. 9, nº 1, 2010, PPGCOM/UFP, Paraná.

RÜDIGER, Francisco. Da epistemologia como projeto especulativo: a "ciência" da comunicação segundo José Luiz Braga. *Revista Eptic*, vol.19, no. 3, set.- dez., Universidade Federal do Sergipe –UFS, 2017.

PAXTON, R. O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PRETTO, N. De L. **Tecnologia e novas educações**. Salvador: EdUFBA, 2005.

\_\_\_\_. **Uma escola sem/com futuro**: educação e multimídia. Campinas: Papirus, 1996.

ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth (orgs.). **Comunicação e territorialidades**: poder, cultura, redes e mídias. Vitória: EDUFES, 2017.



## FORMAÇÃO, EXCELÊNCIA E REDES: experiências em pós-doutoramentos no Brasil, Espanha e Portugal

---

Gilson Porto Jr.  
(Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino - OPAJE – Universidade Federal do Tocantins, Brasil)

### Introdução

Na obra “Grande sertão: Veredas”, o escritor João Guimarães Rosa nos brinda com uma fala de um homem simples do sertão:

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com outros acho que nem se misturam (...)  
O que falei foi exato? Foi. Mas terá sido? Acho que não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado.

Robaldo, retratado por Guimarães Rosa, é um ex-jagunço, homem vivido, que sofreu e fez sofrer. Mas que traz uma contribuição importante para o pensar: a memória e os desafios de se perpetuar esses conhecimentos vivenciados e aprendidos.

Nesse percurso de “(...) tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos” tentamos refletir sobre formação de excelência durante momentos de construção de redes e de conhecimentos em pós-doutoramentos vivenciados no Brasil, em Espanha e em Portugal.

## O lugar de fala e de (de)formação

Não é nova a reflexão sobre as relações em rede de/e entre pesquisadores. Muito já se problematizou o tema e questões foram levantadas, muitas das quais, ainda sem aparente avanço definitivo (BECHER; TROWLER, 2001; NEWMAN, 2001, 2003; VELLOSO, 2002; NIEDERAUER, 2002; WATTS, 2003; NOOY; MRVAR; BATAGELJ, 2005; BALESTRIN; VARGAS; FAYARD, 2005; ROSSONI; SILVA; FERREIRA JUNIOR, 2008; CAPOBIANGO, 2011; MIORANDO; LEITE, 2012; LEITE et al, 2014; CARDOSO; BERNARDINO; ARAÚJO, 2018). Nesse sentido, agregaremos mais alguns elementos a essas discussões, focando na fase formativa posterior ao doutoramento.

Para início de conversa: o pós-doutoramento não é um título acadêmico. Não prevê, na grande maioria das instituições receptoras, a emissão de um “certificado”, nem no Brasil e nem no Exterior, apesar de algumas dessas criarem documentos com esse formato para melhor definir o “produto” ofertado. Não raro, alguns colegas apresentam certificados, caracterizando assim uma possível “titulação”.

Em geral, o pós-doutorado, ou melhor, o *estágio de pós-doutoramento*, é uma atividade especializada de inserção do portador do título acadêmico de doutor em uma outra instituição tendo um supervisor sênior. É confirmado por meio de declaração do supervisor e/ou por meio de atas de aprovação do relatório final no Colegiado receptor onde a pesquisa e a imersão foram realizadas.

No Brasil, um exemplo de fomento a prática, temos o Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que fomenta

a realização de inserções de excelência em diversos programas de pós-graduação (PPG) *stricto sensu* pelo país. São objetivos desse programa:

- I – promover a realização de estudos de alto nível;
  - II – reforçar os grupos de pesquisa nacionais;
  - III – renovar os quadros dos Programas de Pós-Graduação (PPG) nas instituições de ensino superior e de pesquisa;
  - IV – promover a inserção de pesquisadores brasileiros e estrangeiros em estágio pós-doutoral, estimulando sua integração com projetos de pesquisa desenvolvidos pelos Programas de Pós-Graduação no país.
- (Brasil, 2020)

Notadamente nesses editais, o tom de “formação por vivências” é presente. Como é clarificado nos objetivos do PNPD se destacam a pesquisa, o reforço dos grupos de pesquisa locais, o processo de ensinagem local, por meio da inserção do pós-doutorando nas práticas educativas e, claro, a atratividade de novos pesquisadores do Exterior, visando a internacionalização das parcerias.

Entre as diversas atividades possíveis, se destacam a execução de projeto de pesquisa vinculado a um plano de trabalho específico para o período, a participação em seminários, bancas de dissertação e qualificação, palestras, orientar alunos de graduação e co-orientar alunos do PPG, ministrar uma disciplina (ou parte dela), bem como produzir pelo menos um artigo (na maioria das vezes, em coautoria com o supervisor). Outras exigências podem figurar, a critério de cada PPG, como ampliação do escopo de atuação do pós-doutorando.

Alguns PPGs, atentos a importância de terem pós-doutorandos como forma de dinamizar e amplificar o leque de possibilidades (e produções de excelência), criaram processos avaliativos específicos, partindo dos objetivos do PNPD, como por exemplo, a Universidade Federal da Bahia (UFBA). Por meio da Resolução 1/2017 do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), se instituiu critérios para a avaliação de bolsistas do Programa Nacional de Pós-doutorado (PNPD) vinculados a cotas institucionais do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia. A avaliação agrega todos os itens presentes nos objetivos do programa, desmembrando em sete critérios bem claros:

- I - oferta de disciplinas optativas para os alunos do PPGPSI;
  - II - participação em grupos de pesquisa do PPGPSI;
  - III - coorientação de dissertações de mestrado e teses de doutorado;
  - IV - tutoria ou orientação de bolsistas de iniciação científica;
  - V - execução do projeto de pesquisa vinculado à bolsa;
  - VI - participação na organização de eventos e atividades acadêmicas do Programa;
  - VII - produção intelectual.
- (UFBA, 2017)

Outros PPGs pelo Brasil têm seguido um formato semelhante de exigências, inclusive criando pontuações em instrumentos específicos de mensuração (quer para a seleção, quer para a avaliação ao término). Destaque-se que, em algumas instituições, a realização de estágios de pós-doutoramento sem bolsa (ou voluntários), já são perceptíveis como uma possível prática em

consolidação. Apesar dos esforços locais dos PPGs em criar alternativas, sem investimentos na Pós-Graduação com ênfase em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), bem como ciência e tecnologia de qualidade e, reconhecida pelos órgãos de fomento, com vistas à criação de processos/produtos de excelência, isso pode, ao longo dos anos, ampliar ainda mais a (in)compreensão do que vem a ser a experiência do pós-doutoramento e os potenciais futuros das conexões estabelecidas entre grupos e núcleos de pesquisa.

De qualquer forma, o processo de finalização da vivência pós-doutoral, é realizado por meio de um relatório documentado que comprove a realização de uma pesquisa e a participação em atividades variadas, com a presença de produtividade específica relacionada ao plano de trabalho. Esse conjunto é formalizado pelo Supervisor, que valida (na maioria das vezes com um parecer) e submete ao Colegiado do PPG para aprovação, visando finalizar o processo como um todo.

O que se nota pelas práticas presentes nos PPGs no Brasil, é a tentativa de aproximar o exercício do estágio de pós-doutoramento em algo mais palatável ao que é vivenciado pelo próprio PPG, criando assim a “pseudo sensação” de que se trata de uma formação em si e, portanto, cabendo a emissão de um documento mais formal. Ao mesmo tempo que isso parece dar segurança aos processos (já que temos um cabedal de “papeis de comprovação”), acaba por engessar as práticas e (de)formar o que poderia ser uma vivência rica e troca entre pares que estão formado, em realidade, redes de pesquisa e de colaboração.

Como bem destaca Mocelin (2009, p. 48),

a partir do grupo de pesquisa, podem ser observadas e acompanhadas as redes de grupos de pesquisa, demonstrando as relações institucionais dos grupos e seu papel no desenvolvimento da pós-graduação no País; haja vista que se formam

as redes institucionais, nas quais se poderiam observar e acompanhar os vínculos entre organizações, institutos, empresas, universidades e demais organizações.

E aqui parece estar o grande potencial do estágio pós-doutoral: as vivências (verdadeiros nós da rede) – seja de pesquisa, de orientação, de produção (supervisionada ou não), de participação em eventos, entre outros – todos tem o intuito de produzir e agregar conhecimentos àqueles já existentes, reforçando o gerenciamento do conhecimento produzido na sociedade. E não para aí: uma rede se forma, eclode e pode ser tornar extremamente produtiva.

Oliveira Rodrigues (2014, p. 33) relembra o que é trabalhar em rede,

(...) trabalhar em rede significa romper com a zona de conforto de profissionais sem desejo e/ou motivação para novas investidas ligadas ao processo de inovação, palavra que conduz a caminhos muito pouco conhecidos na Amazônia. A inovação tem vários significados, mas pode ser caracterizada como busca, descoberta, experimentação, desenvolvimento e adoção de novas ideias/produtos para alavancagem da criatividade. É ter uma nova ideia e aplicá-la, causando significativa transformação no processo de produção/transformação de determinado objeto/produto.

Trata-se de um outro olhar: não apenas do sujeito que chega, que procura e descobre, mas do outro que recebe, que partilha. É essa entrega conjunta, participativa, que transforma o momento de

inserção pós-doutoral em mais do que apenas “ir e ver”, mas em construir juntos, criativamente, transformando.

### **Um olhar sobre quatro experiências de formação pós-doutoral**

Vamos centrar nossas reflexões em quatro momentos de inserção pós-doutoral realizadas pelo autor em momentos diferenciados. Eles foram realizados entre 2015 e 2018, nas instituições a seguir: Universidade de Brasília (UnB), Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Universidade de Cádiz (Espanha) e Universidade de Coimbra (Portugal).

#### *Universidade de Brasília (UnB)*

O projeto de pesquisa de pós-doutoramento intitulado “**Quadro de Qualificações Europeu: Estudo das estratégias de aplicação em Portugal e possíveis utilizações no Brasil na formação e no ensino de Comunicação Social e Jornalismo**”, foi desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPG) da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB) sob a supervisão da professora Dra. Thais de Mendonça Jorge.

A inserção pós-doutoral foi desenvolvida em torno de atividades contributivas junto ao programa (orientações e oficinas), visitas técnicas no Exterior, publicações e participação em eventos, com foco em aprofundar a temática e produzir conhecimento que viesse a auxiliar a compreensão da temática no Brasil.

A experiência formativa, com consolidação de redes de relacionamento acadêmico, foi a tônica dessa inserção pós-doutoral. No período, foram realizadas as seguintes visitas técnicas:

1. **Universidade da Beira Interior (2015)::** Visita técnica e entrevista com o Reitor da Universidade da Beira Interior, prof. Dr. António Fidalgo sobre os processos de formação pós-Bolonha e as atividades inerentes ao Quadro de Qualificações Europeu junto à universidade e ao curso de Comunicação/Jornalismo;

2. **Universidade de Coimbra (2015):** Visita técnica e entrevista com as professoras Dra. Maria João Silveirinha e Dra. Rita Basílio sobre os processos de formação pós-Bolonha e as atividades inerentes ao Quadro de Qualificações Europeu junto à universidade e ao curso de Comunicação/Jornalismo de Coimbra;
3. **Universidade Nova de Lisboa (2015):** Visita técnica e entrevista com o prof. Dr. António Granado sobre os processos de formação pós-Bolonha e as atividades inerentes ao Quadro de Qualificações Europeu junto à universidade e ao curso de Comunicação/Jornalismo;
4. **Instituto Politécnico de Coimbra (2015):** Visita técnica e discussão com o professor Dr. Luis Carlos Martins de Almeida Mota sobre o Quadro de Qualificações Europeu junto ao Politécnico e ao curso de Comunicação/Jornalismo de Coimbra.
5. **Universidade do Porto (2016):** Visita técnica e discussão sobre Quadro de Qualificações Europeu junto à universidade e ao curso de Comunicação/Jornalismo.

Derivado do projeto de pesquisa e da imersão foram publicados 14 produções, sendo 04 artigos, 02 capítulos de livros, 04 trabalhos publicado em anais de congressos da área (XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte / Intercom Norte 2016; VI Encontro Inter-Regional Norte, Nordeste e Centro-Oeste sobre Formação Docente para Educação Básica e Superior I Encontro Internacional sobre a Formação Docente para Educação Básica e Superior; Post-Bologna Higher Education, time to evaluate, time to change), 04 palestras e/ou apresentação de trabalhos.

*Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP)*

O projeto de pós-doutoramento intitulado “**Ensino e Formação na União Europeia Pós-Bolonha: estudo das políticas de garantia de qualidade e acreditação em cursos de graduação, mestrado e doutoramento**”, foi realizado de 01.08.2016 a 17.07.2017 sob supervisão do prof. Dr. Nelson Russo de Moraes, da UNESP-Campus Tupã.

O projeto pós-doutoral teve como objetivos comparar as estratégias de formação acadêmica em Portugal, especialmente as **políticas de garantia de qualidade e acreditação**, como caso ilustrativo do que vem ocorrendo na União Europeia, no contexto do Processo de Bolonha desencadeado desde 1998; estudar a **dinâmica interna de universidades públicas portuguesas** na consolidação de políticas de garantia de qualidade e acreditação, como caso ilustrativo do que vem ocorrendo na União Europeia, no contexto do Processo de Bolonha desencadeado desde 1998; realizar **trabalho documental com a coleta de fontes primárias**, que deverão subsidiar estudos e relatórios sobre a temática; e desenvolver um **quadro comparativo** de como os países europeus tem consolidado suas políticas de garantia de qualidade e acreditação Pós-Bolonha.

Destaque-se que nesse percurso o foco foi em:

- Fortalecimento de uma linha de pesquisa voltada para o estudo do ensino e da formação na União Europeia (linha de Pesquisa criada no Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Ensino e ao Jornalismo – OPAJE-UFT, Grupo de Pesquisa registrado no CNPQ e Núcleo de Pesquisa e Extensão na UFT);
- Coleta de dados sobre as políticas de garantia de qualidade e acreditação em Portugal e realizar trabalhos de imersão documental, que levassem a uma compreensão mais adequada do problema proposto;
- Socialização ampla dos dados coletados, produzindo, pelo menos, um número especial na Revista Observatório (UFT)

em parceria com os países europeus e africanos com os resultados da pesquisa.

Todos esses objetivos foram alcançados e derivado do projeto de pesquisa e da imersão foram publicados 14 produções, sendo 06 artigos em periódicos, 06 capítulos de livros, 02 cursos de curta duração, além da participação em outros projetos de pesquisa, resultantes da aproximação com o grupo de pesquisa na Unesp.

### *Universidade de Cádiz (Espanha)*

A pesquisa de pós-doutoramento intitulado “**Ensino e Formação na União Europeia Pós-Bolonha: estudo dos processos de implementação na Península Ibérica - Espanha**” foi realizada sob a supervisão do prof. Dr. Victor Amar Rodriguez, da Universidade de Cádiz (Espanha) de maio a julho de 2018.

A pesquisa – também realizada em Portugal – teve como objetivos comparar as estratégias de formação acadêmica em Espanha, especialmente as **políticas de garantia de qualidade e acreditação**, como caso ilustrativo do que vem ocorrendo na União Europeia, no contexto do Processo de Bolonha desencadeado desde 1998; estudar a **dinâmica interna de universidades públicas espanholas** na consolidação de políticas de garantia de qualidade e acreditação, tendo a Universidade de Cádiz como caso ilustrativo do que vem ocorrendo na União Europeia, no contexto do Processo de Bolonha desencadeado desde 1998; realizar **trabalho documental com a coleta de fontes primárias**, que deverão subsidiar estudos e relatórios sobre a temática; e desenvolver um **quadro comparativo** de como os países europeus tem consolidado suas políticas de garantia de qualidade e acreditação Pós-Bolonha.

O foco dado a imersão pós-doutoral foi para as agências espanholas de avaliação. Apesar de uma imersão curta e exploratória, se teve uma visão geral do que desenvolviam as

agências de avaliação de qualidade na Espanha, a saber: Agencia Nacional de Evaluación de la Calidad y Acreditación (ANECA) que tem como foco a avaliação, certificação e acreditação, mas que divide suas funções com agências regionais, tais como a Agência Andaluza de Conhecimento, Departamento de Avaliação e Acreditação (AAC-DEVA), a Agência Aragonesa para a Garantia da Qualidade e Prospectiva Estratégica no Ensino Superior (ACPUA), a Agência de Garantia de Qualidade do Sistema Universitário de Castela e Leão (ACSUCYL), a Agência de Garantia da Qualidade no Sistema Universitário de Galícia (ACSUG), a Agência de Garantia de Qualidade do Sistema Universitário Catalão (AQU), e a Agência para a Qualidade do Sistema Universitário Basco (Unibasq).

Quanto à realização de **trabalho documental com a coleta de fontes primárias**, foi produzido um estudo inicial do “Estado da Arte” ou “Estado do Conhecimento”. Trata-se de reflexões iniciais que permite a eclosão de uma multiplicidade de perspectivas e possíveis pluralidades de enfoques. Um esforço hercúleo foi realizado pelo pesquisador de visitar e pesquisar os sítios de 95 universidades espanholas, bem como repositórios digitais europeus. O objetivo foi levantar de todos os textos que poderiam elucidar e trazer informações sobre o Processo de Bolonha ou suas temáticas correlatas, que referiam-se ao período de vigência oficial dele – 1998 a 2018 -, mas com atenção a discussões que pudesse transcendessem ao período indicado. Ao todo foram localizadas 1097 produções acadêmicas, nos idiomas português, espanhol, italiano, inglês, francês e lituano, entre teses e/ou dissertações, textos de revisão, análise e compreensão sobre o Processo de Bolonha ou a ele relacionados e Livros e/ou actas (de eventos dedicados a temática do PB).

#### *Universidade de Coimbra (Portugal)*

A pesquisa de pós-doutoramento intitulada “**Ensino e Formação na União Europeia Pós-Bolonha: estudo dos processos de**

**implementação na Península Ibérica - Portugal**", foi realizada sob a supervisão do prof. Dr. Luis Carlos Martins de Almeida Mota, no Centro de Estudos Intedisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra (Portugal), no período de maio a novembro de 2018.

Assim como a imersão na Espanha, a parte portuguesa do projeto teve como objetivos comparar as estratégias de formação acadêmica em Espanha, especialmente as **políticas de garantia de qualidade e acreditação**, como caso ilustrativo do que vem ocorrendo na União Europeia, no contexto do Processo de Bolonha desencadeado desde 1998; estudar a **dinâmica interna de universidades públicas espanholas** na consolidação de políticas de garantia de qualidade e acreditação, tendo a Universidade de Coimbra como caso ilustrativo do que vem ocorrendo na União Europeia, no contexto do Processo de Bolonha desencadeado desde 1998; realizar **trabalho documental com a coleta de fontes primárias**, que deverão subsidiar estudos e relatórios sobre a temática; e desenvolver um **quadro comparativo** de como os países europeus tem consolidado suas políticas de garantia de qualidade e acreditação Pós-Bolonha.

O foco dado a imersão pós-doutoral em Portugal foi à realização do **trabalho documental com a coleta de fontes primárias**. Foi produzido um estudo inicial do "Estado da Arte" ou "Estado do Conhecimento". Trata-se de reflexões iniciais que permite a eclosão de uma multiplicidade de perspectivas e possíveis pluralidades de enfoques. Um esforço hercúleo foi realizado pelo pesquisador de visitar e pesquisar os sítios de 34 universidades portuguesas, bem como repositórios digitais europeus. O objetivo foi levantar de todos os textos que poderiam elucidar e trazer informações sobre o Processo de Bolonha ou suas temáticas correlatas, que se referiam ao período de vigência oficial dele – 1998 a 2018 -, mas com atenção a discussões que pudesse transcendessem ao período indicado. Ao todo foram localizadas 1492 produções acadêmicas, nos idiomas

português, espanhol, italiano, inglês, francês e lituano, entre teses e/ou dissertações, textos de revisão, análise e compreensão sobre o Processo de Bolonha ou a ele relacionados e Livros e/ou actas (de eventos dedicados a temática do PB). Recortamos para o presente estudo 378 teses e dissertações em língua portuguesa.

Tal esforço permitiu uma análise inicial focada nas teses e/ou dissertações produzidas em espanhol (castelhano e/ou catalão), que elucidam preliminarmente a composição de um nicho de interesse em Espanha sobre o Processo de Bolonha. É possível desenhar-se um panorama em Portugal: que é a partir de 2006 que ocorre uma escalada nos trabalhos com foco na temática, tendo em 2012 o seu ápice com 52 teses e dissertações defendidas; a Universidade de Católica Portuguesa com 17% das teses e/ou dissertações que envolvem a temática de Bolonha, seguido pela Universidade de Aveiro com 11%, da Universidade do Porto com 10%, da Universidade Aberta com 8%, da Universidade de Trás-os-Montes com 7%, a Universidade da Beira Interior com 7%, da Universidade de Lisboa com 6% e da Universidade Nova de Lisboa com 5% das teses e/ou dissertações que envolvem a temática de Bolonha na Portugal no período de 2001 a 2018. Estas oito universidades perfazem 71% da produção sobre a temática de Bolonha catalogada por esta pesquisa.

Já era de se esperar, visto que 48% das teses e/ou dissertações com temática envolvendo o Processo de Bolonha estão na área educacional; a área de Saúde contribui para o debate com 13% das produções, seguido pela área de Administração/Gestão com 7% das teses e/ou dissertações. É muito sugestivo que, apesar da temática ser prioritariamente tratada pela área de educação nas produções, as mais variadas esferas do conhecimento começam a discutir o tema, refletindo sobre seus próprios objetos à luz de Bolonha. Isso é importante pois reflete maturidade acadêmica das instituições para permitir que as possíveis mudanças ocasionadas

pelo Processo de Bolonha em seus espaços formativos sejam problematizados e possíveis soluções sejam indicadas.

### **Alguns aprendizados e muitas possibilidades em construção**

Olhando para as quatro vivências formativas, é possível pensar em ganhos importantes em uma formação de alto impacto, entre eles:

- aprimoramento das habilidades científicas e intelectuais em rede, adquirindo experiência que pode ampliar a autonomia do pesquisador para estabelecer e gerenciar o seu próprio espaço de pesquisa;
- a interação com grupos internacionais – no seu próprio idioma e em outros idiomas – é vital para que o pesquisador obtenha maior independência intelectual, reconheça possibilidades de ampliação de contatos e redes;
- a imersão na pesquisa/investigação científica em realidades diferentes da sua, a visão de quem vive e estuda fora (em outras localidades e no exterior) amplifica a capacidade de entender e interagir com diferentes culturas, pesquisadores e idiomas;
- superação dos desafios que surgem – idioma, distanciamento dos seus pares consolidados, família, para citar alguns – permite ao pesquisador amadurecer sua percepção do pesquisar, do ensinar e do contribuir na formação do outro.

Esses aspectos, longe de serem finais, são percepções deste pesquisador sobre os ganhos formativos do estágio de pós-doutoramento (seja curto de alguns meses, ou mais longo envolvendo um ou mais anos). Esses “ganhos” individuais, quer

reverberam nas coletividades locais quando do retorno do pesquisador, permitem a amplificação das pesquisas locais e em redes; o reforço dos grupos de pesquisa que passam a vislumbrar a internacionalização das parcerias; o processo de ensinagem ressignificada, por meio da inserção do pós-doutorando nas práticas educativas com um olhar outro que reforça as trocas e aperfeiçoamento de conhecimentos; e, algo que não pode ser esquecido: a atratividade de novos pesquisadores do e para o Exterior.

Qualquer que seja, portanto, os motivadores, se trata de uma entrega conjunta, participativa, que transforma o momento de inserção do pesquisador pós-doutoral, onde os envolvidos se constroem juntos, transformando e sendo transformados.

## Referências

BALESTRIN, Alsones; VARGAS, Lilia Maria; FAYARD, Pierre. Criação de conhecimento nas redes de cooperação interorganizacional. RAE-Revista de Administração de Empresas, [S.l.], v. 45, n. 3, p. 52-64, jul. 2005. ISSN 2178-938X. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/37251/36015>>. Acesso em: 31 Jul. 2020.

BECHER, Tony; TROWLER, Paul. Tribus y territorios académicos: la indagación intelectual y las culturas de las disciplinas. Barcelona: Gedisa, 2001.

BRASIL. Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD/CAPES). Brasília: CAPES, Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-no-pais/pnpd-capes>. Acesso em: 12.11.2020.

CAPOBIANGO, Ronan Pereira et al . Análise das redes de cooperação científica através do estudo das coautorias dos artigos publicados em eventos da Anpad sobre avaliação de políticas públicas. Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro , v. 45, n. 6, p. 1869-1890, Dec. 2011 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-76122011000600012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122011000600012&lng=en&nrm=iso)>. access on 31 July 2020. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122011000600012>.

CARDOSO, Thiago Rafael Nogueira; BERNARDINO, Crystiane Ferreira; ARAÚJO, Uajará Pessoa. Isomorfismo normativo e redes na pesquisa científica brasileira. Redes. Revista hispânica para a análise de redes sociais , [Sl], v. 29, n. 2 P. 248-270, novembro 2018. ISSN 1579-0185. Disponível em: < <https://revistes.uab.cat/redes/article/view/788> >. Data de acesso: 31 de julho 2020 doi: <https://doi.org/10.5565/rev/redes.788> .

LEITE, Denise et al . Avaliação de redes de pesquisa e colaboração. Avaliação (Campinas), Sorocaba, v. 19, n. 1, p. 291-312, Mar. 2014 .

MIORANDO, Bernardo Sfredo; LEITE, Denise. Mapeamento de redes de colaboração: detectando inovação e mudanças nas teias do conhecimento. In: LEITE, Denise; LIMA, Elizeth Gonzaga. (Orgs.). Conhecimento, avaliação e redes de colaboração: produção e produtividade na universidade. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 181-200.

MOCELIN, Daniel Gustavo. Concorrência e aliança entre pesquisadores: reflexões acerca da expansão de grupos de pesquisa dos anos 1990 aos 2000 no Brasil. Revista Brasileira da Pós-Graduação, Brasília, v. 6, n. 11, p. 35 - 64, dez. 2009.

NEWMAN, M. E. J. The structure and function of complex networks. *SIAM Review*, Philadelphia, v. 45, n. 2, p. 167-256, 2003.

NEWMAN, M. E. J. The structure of scientific networks collaboration. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, Santa Fe, v. 98, n. 2, p. 404-409, jan. 2001.

NIEDERAUER, C. A. P. Ethos: um modelo para medir a produtividade relativa de pesquisadores baseado na análise por envoltória de dados. 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

NOOY, Wouter D.; MRVAR, Andrej; BATAGELJ, Vladimir. *Exploratory network analysis with Pajek*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

OLIVEIRA RODRIGUES, R. DE. Pós-graduação na Amazônia: o desafio de formar (em) redes. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 11, n. 23, 24 jul. 2014.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). *OECD Global Science Forum. Opportunities, challenges and good practices in international research cooperation between developed and developing countries*. Paris: OECD-GSF, 2011.

ROSSONI, Luciano; SILVA, Antônio João Hocayen-da; FERREIRA JUNIOR, Israel. Aspectos estruturais da cooperação entre pesquisadores no campo de administração pública e gestão social: análise das redes entre instituições no Brasil. *Rev. Adm. Pública*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 6, p. 1041-1067, Dec. 2008. Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-76122008000600002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122008000600002&lng=en&nrm=iso)>. access on 31 July 2020. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122008000600002>.

UFBA. Resolução 1/2017, institui critérios para a avaliação de bolsistas do Programa Nacional de Pós-doutorado (PNPD) vinculados a cotas institucionais do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), 2017. Disponível em: [https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/1\\_resolucao\\_01-2017\\_-\\_avaliacao\\_de\\_bolsistas\\_pnpd.pdf](https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/1_resolucao_01-2017_-_avaliacao_de_bolsistas_pnpd.pdf). Acesso em: 12.11.2020.

VELLOSO, Jacques (org.). FORMAÇÃO NO PAÍS OU NO EXTERIOR? DOUTORES NA PÓS-GRADUAÇÃO DE EXCELÊNCIA Brasília: Capes, Unesco, 2002. 260p.

WATTS, Duncan. Six degrees: the science of a connected age. New York: W. W. Norton & Company, 2003.

### **Geraldo da Silva Gomes (Brasil)**

Doutorado em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Mestre em Educação (UFG). Ex-Assessor Técnico Cesaf-ESMP/Ministério Público do Estado do Tocantins. Estágio pós-doutoral realizado no período 2019-2/2020-1. Professor aposentado da Universidade Estadual do Tocantins. Pesquisador do OPAJE-UFT. E-mail: [gefigo@gmail.com](mailto:gefigo@gmail.com).

### **Gilson Porto Jr. (Brasil)**

Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM-UFBA), mestre em Educação pela Faculdade de Educação (PPGE-UnB) e graduado em Comunicação Social/Jornalismo, Pedagogia, História e Letras. Realizou estudos de pós-doutoramento/professor visitante nas Universidades de Coimbra (UC-Portugal), de Cádiz (UCA, Espanha), de Brasília (FAC-UnB) e UNESP (UNESP-SP). Atualmente é coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão e Grupo Lattes Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE-UFT) e do Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão Informação, Comunicação e Memória (INFO-UFT). É professor na Fundação Universidade Federal do Tocantins (UFT), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM-UFT), no Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (PROFNIT-UFT) e no Programa de Pós Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn-UFT). É Investigador Colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra (UC-Portugal). E-mail: [gilsonportouft@gmail.com](mailto:gilsonportouft@gmail.com) / [gilsonporto@uft.edu.br](mailto:gilsonporto@uft.edu.br).

### **Luciana Moherdauí (Brasil)**

Professora visitante na Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e pós-doutora na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAUUSP), em Design. Doutora em Comunicação e Semiótica pela

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil. E-mail: [luciana.moherdau@gmail.com](mailto:luciana.moherdau@gmail.com).

**Marcela Tavares de Mello (Brasil)**

Doutora. Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense (UFF) / Faculdade Santo Antônio de Pádua / FASAP. E-mail: [marcelatdm@gmail.com](mailto:marcelatdm@gmail.com).

**Marcos Palacios**

B.A. (First Class Honours) em Sociologia (1975) pelo Department of Sociology da University of Liverpool l e doutorado em Sociologia pelo Center for Latin-American Studies da University daquela mesma universidade (1979). É Jornalista Profissional (Registro nº 549 DRT/Bahia, 29.06.72). Atua na área de pesquisa e ensino de Comunicação, com ênfase em Webjornalismo, Jornalismo Comparado e Novas Tecnologias de Comunicação. Foi professor na University College of Swansea (1980-1982) e do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da Universidade Federal do Pará (1982-1986). Desde 1986 é professor e pesquisador da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, tendo em 2000 ascendido por concurso à classe de Professor Titular. E-mail: [marcos.palacios@gmail.com](mailto:marcos.palacios@gmail.com).

**Marta Rizo García (México)**

Doutora. Academia de Comunicación y Cultura. Universidad Autónoma de la Ciudad de México. E-mail: [mrizog@gmail.com](mailto:mrizog@gmail.com).

**Nicolás Lorite García (Espanha)**

Doutor. Diretor do MIGRACOM-UAB. Profesor Titular de Información y Comunicación Audiovisual De la Universidad Autónoma de Barcelona. E-mail: [Nicolas.Loritw@uab.cat](mailto:Nicolas.Loritw@uab.cat).

**Víctor Amar (Espanha)**

Doutor em Educação. Departamento de Didáctica. Universidad de Cádiz. Espanha. E-mail: [victor.amar@uca.es](mailto:victor.amar@uca.es).

**Vilso Junior Santi (Brasil)**

Pós-Doutor em Filosofía y Ciencias Humanas en Nuestra América pela Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez. Pesquisador integrante do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFRR). E-mail: [vjrsanti@gmail.com](mailto:vjrsanti@gmail.com).

### B

Brasil, 21, 27, 35, 39, 42, 55, 62, 71, 78, 112, 135, 142, 146, 153, 166, 171, 174

### C

CAPES, 10, 27, 38, 50, 52, 55, 59, 63, 71, 172

Campo, 27, 64, 91, 93, 97, 112, 118, 164

Ciência, 21, 27, 30, 34, 48, 165, 175

Comunicação, 10, 11, 27, 30, 33, 36, 39, 43, 50, 64, 72, 91, 97, 136, 158, 162, 164, 177

### D

Doutorado, 11, 15, 22, 43, 49, 51, 67, 74, 111, 137, 157, 174

### E

Ensino, 12, 14, 41, 51, 58, 73, 91, 95, 96, 103, 119, 120, 130, 139, 156, 173, 179

Excelência, 27, 32, 35, 57, 59, 67, 80, 171, 173

Escrita, 117, 118, 121, 128

Estágio, 20, 21, 107, 111, 117, 119, 155, 167, 173, 175, 184

Espanha, 18, 27, 33, 35, 42, 56, 62, 136, 149, 154, 171, 177, 180, 182

### F

Formação, 11, 12, 17, 20, 21, 22, 40, 91, 95, 103, 117, 138, 139, 171, 172

### I

Interdisciplinaridade, 19, 107, 110, 113

Investigação, 10, 13, 38, 117, 118, 129, 139, 147, 184

## J

Jornalismo, 40, 107, 108, 113, 120, 153, 171, 177, 178

## K

*knowledge creating*, 18, 23

## M

Manual, 17

Mercado, 12, 13, 69, 154,

Mestrado, 72, 76, 77, 117, 120, 138

Metodologia, 18, 30, 40, 42, 50, 71, 79, 91, 96, 103

México, 18, 91, 103

Modo de vida, 15

## P

Pesquisa, 91, 92, 94, 99, 102, 107, 111, 117, 119, 131, 136, 142, 146, 155, 172, 173

Pós-graduação, 9, 11, 13, 18, 45, 74, 91, 100, 124, 155, 173, 175,

Pós-doutorado /Pós-doutoramento, 11, 14, 15, 71, 111, 135, 139, 140, 172, 174,

Pós-doutorando, 21, 24, 173, 174, 185

Portugal, 18, 56, 73, 171, 177

## Q

Qualis, 127

## R

Rede(s), 17, 36, 52, 64, 135, 136, 148, 154, 168, 171, 175, 176

## U

Universidades federais, 12, 113



# **Formação de Excelência**

*Experiências em Supervisão e Redes de Pesquisa no Pós-Doutorado*

## **Volume I - Formação de Excelência**

*Gilson Pôrto Jr.  
Vilso Junior Santi  
Organizadores*

